



RONALD DE CARVALHO

# ESTUDOS BRASILEIROS

1.<sup>a</sup> SERIE

I — Bases da Nacionalidade Brasileira.  
II — Literatura Brasileira. III — Arte  
Brasileira. IV — A Psyche Brasileira

EDIÇÃO DO  
ANNUARIO DO BRASIL  
RIO DE JANEIRO

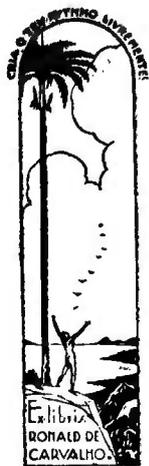


Le ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin



## DO MESMO AUTOR

- LUZ GLORIOSA.* 1914. esgotado.  
*PÔEMAS E SONETOS.* 1.<sup>a</sup> edição. 1919. 2.<sup>a</sup> edição.  
1923.  
*PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEI-  
RA.* 1.<sup>a</sup> edição. 1919. 2.<sup>a</sup> edição. 1922.  
*EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES.* 1922.  
*O ESPELHO DE ARIEL.* 1923.  
*ESTUDOS BRASILEIROS,* 1.<sup>a</sup> serie; 1924.

## A APPARECER

- Sob a Vinha Florida.*  
*Estudos Brasileiros.* (1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries).  
*Jogos Pueris*  
*A Cesta de Amoras.*  
*O Claro Riso dos Modernos.*  
*Esthetica.* \*

RONALD DE CARVALHO

---

# Estudos Brasileiros

1.<sup>a</sup> SERIE

I — Bases da Nacionalidade Brasileira.  
II — Literatura Brasileira. III — Arte  
Brasileira. IV — A Psyche Brasileira



EDIÇÃO DO  
ANNUARIO DO BRASIL  
RIO DE JANEIRO

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE RE-  
PRODUCCÃO NOS PAIZES QUE ADHERIRAM  
Á CONVENÇÃO DE BERNE: BRASIL: LEI  
N.º 2577 DE 17 DE JANEIRO DE 1912.  
PORTUGAL: DEC. 18 DE MARÇO DE 1911.

**A JOSÉ VASCONCELOS**

**CONSTRUCTOR DO MEXICO MODERNO**



**BASES DA NACIONALIDADE  
BRASILEIRA**



## DO DESCOBRIMENTO ÀS CAPITANIAS

O Brasil nasceu do esforço calculado e prudente de um pequeno mas intrepido povo. Apertado em angustioso trato de territorio, entre as serranias ásperas de Espanha e as rumorosas praias do Atlantico, Portugal tinha traçado no mar o seu destino, nos grandes «mares nunca dantes navegados». Longos e amargos seculos porfiaram os lusos por se constituir em Estado soberano, e, sómente ao cabo de muitas e tenazes pugnas, quando raiavam as primeiras luzes do Renascimento, no fim do seculo XIV, é que a nação se organizou politicamente, sob o dominio de D. João 1.º, principe da casa de Aviz. De

D. João 1.<sup>o</sup> até o mysterioso D. Sebastião, desapparecido ás mãos da moirama, em Alcácer-Quibir, isto é, de 1385 a 1587, a historia dos portuguezes é uma continua batalha, nas costas inhospitas da Africa «viciosa», nas feitorias da Asia, e, sobretudo, nas ondas do oceano desconhecido. Na destemerosa «cavallaria do mar», com que a Ibéria deslumbrou a christandade, as esquadras de Lisboa emparelham em gloria com as de Cadiz.

A necessidade de novos mercados, e não simplesmente a pura ambição de dilatar a fé, como querem os historiadores romanticos, levou os lusitanos aos caminhos maritimos (1). Habitando um paiz de paisagens amaveis, onde, até hoje, ecôam as frautas e as sanfoninas bucolicas, essa raça de pastores e agricultores, que os romanos não puderam subjugar de todo, vivia frugalmente, ao meio dos vinhedos, das oliveiras, dos trigaes e dos rebanhos. Com tão escassos cabedaes, porém, seria impossivel formar um grande imperio. E, por sabias e engenhosas directrizes de um es-

(1) Vide: Antonio Sergio. *Ensaio*. vol. I.

col de politicos e mercadores avisados, esses bandos de pegureiros se transformaram em legiões de marujos. A placidez das collinas vestidas de pinhaes e dos valles estrellados de papoulas foi substituída, quasi de improviso, pelo rumor das tempestades ou pela nostalgia dos céos estranhos do equador.

O descobrimento do Brasil, como o do continente americano, não foi, portanto, obra do acaso. Desde a celebre profecia de Seneca, e antes até, desde os dialogos de Platão, no «Timeo», onde se reproduzem velhas tradições egypcias, não era novidade para os homêns cultos a existência de terras situadas a oeste da Europa. As raças vermelhas da famosa Atlantida têm o seu logar nas festas de Athenas, porque, ali, nas pequenas Panathenás, celebradas em louvor de Pallas, era obrigatorio o uso de um peplo, que recordasse a protecção daquella divindade, na guerra victoriosa dos athenienses contra os atlantas.

Não resta mais duvida, hoje, para os pesquisadores do assumpto, e deante de documentos como o *Esmeraldus de Situ Orbis*, de Duarte Pacheco, onde se fala que o Rei

de Portugal mandara descobrir «a quarta parte occidental», que os almirantes portugueses tinham sciencia do novo mundo<sup>(1)</sup>.

Velejando longe das costas africanas, as caravelas de Pedro Alvares Cabral, que iam com derrota para as Indias (?), depois de atravessarem aguas coalhadas de botelhos, golfões e rabos de asno, e céos, onde revoavam gaivotas e alcatrazes, chegaram

(<sup>1</sup> Cf. *Esmeraldus de Situ Orbis*. 1.º livro, cap. 2.º, edição crítica anotada por Augusto Epifanio da Silva Dias, publicada, em 1905, pela Sociedade de Geographia de Lisboa. Escrevendo sobre o assumpto, diz o grande navegador Duarte Pacheco:... «ha experiencia, que he madre das cousas, nos desengana e de toda duvida nos tira; e por tanto, bemaventurado Principe, temos sabido e visto como no terceiro hanno do Vosso Reinado do hanno do nosso senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde nos vossa alteza mandou descobrir ha parte occidental, passando alem ha grandeza do mar oceano, onde he achada e navegada hua tão grande terra firme, etc...»

Carlos Malheiro Dias, na sua monumental *Introdução á Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, vol. 1.º, pag. XI, affirma: «Nenhum tecnico naval, a quem se tenha submettido a apreciação do problema da casualidade ou intencionalidade da arribada de Pedro Al-

a um litoral inexplorado. Procurando ancoradouro, afim de conhecer melhor a terra, aportou a frota de Cabral a uma enseada espaçosa, boa para refrescar os navios, onde, a 26 de Abril de 1500, foi rezada a primeira missa em um ilhéu deserto. Desembarcaram, depois, os descobridores em terra firme, tomandõ posse della em nome de D. Manõel, o venturoso, e ali chantando

vares Cabral a Vera Cruz, deixou de argumentar semelhantemente ao official da armada portuguesa e engenheiro hydrografo, Baldaque da Silva, pronunciando-se a favor de uma intencionalidade manifesta». Mais adeante, a pgs. XXXII, diz o illustre escriptor português, para justificar a mesma these: «Se D. João II, em 1493 e 94, obstinadamente procurou acautelar a posse das terras austraes, é porque dellas havia suspeita ou conhecimento. Não se reclama o que não se supõe existir».

Vide ainda: João Ribeiro, *O Fabordão*, 1910. Capistrano de Abreu, *O Descobrimto do Brasil pelos portugueses*, 1900. Baldaque da Silva, *O Descobrimto do Brasil por Pedro Alvares Cabral*, in *Memorias da Commissão Portuguesa da Exposição Colombina*, 1892. Lisboa. Duarte Leite Pereira, *Os Falsos Precursores de Cabral*, in *H. da Colonização Port. do Brasil*, vol. 1.º pags. 109 a 225.

a Cruz de Christo, com as armas e divisas reaes.

Ao parecer dos mais atilados, afigurava-se a região uma ilha gentil, e, como tal, foi baptisada com os nomes de «Vera Cruz» e depois «Santa Cruz». Lê-se na formosa carta do escrivão da armada Pero Vaz de Caminha, que é a nossa certidão de nascimento, entre muitas e ingenuas observações, que «a terra em si é de muito bons ares assim frios e temperados como os dentre Douro e Minho, porque, neste tempo de agora assim os achavamos como os de lá; aguas são muitas infindas; em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nella tudo...»

Ficou-lhe, finalmente, o appellido de Brasil, mercê da abundancia de certa madeira conhecida por «pau brasil», ou, talvez, como reminiscencia da lendaria ilha de Braçir, Braxil, Brazylle ou O' Brasile, celebre nas cartas medievas.

Logo que as noticias do descobrimento chegaram á Côrte, houve jubilo geral, pois, embora se affirmasse a inexistencia de ouro e metaes no seu solo, era, no minimo, excellente abrigo que se offerecia aos que demandavam a Asia. Aprestaram-

se, conseguintemente para a explorar, varias expedições, que estiveram no litoral brasileiro mais ou menos demoradamente, desde a de Americo Vespucio, em 1501, até á da náu Bretôa, em 1519. O sonho das Indias, entretanto, cedo tornou desamparadas as florestas americanas. Os olhos estavam todos voltados para o oriente, de onde vinham as sedas, o marfim, o ambar, as joias e as especiarias, e que rasgava aos portuguezes mercados opulentos e inesgotaveis. Não entrava o Brasil nas cogitações da corôa, se não como o paraíso dos selvagens bravios, que era mister civilizar com agua benta, dos papagaios e das araras, de colorida plumagem. A noticia de que a terra não tinha ouro nem prata, contribuiu muito para esse natural descaso.

Desse abandono se aproveitavam, porém, os piratas franceses, que, da Bretanha e da Normandia, se faziam ao mar frequentemente, em cruzeiros de longo curso, das Antilhas á costa do Brasil, pilhando os aldeamentos dos incolas, ou commerciendo com estes em madeiras, penas, aves e productos naturaes. Até 1521, quando ascendeu ao throno D. João III,

successor do rei venturoso, as solidões brasileiras se conservaram intactas e brutas. A feitoria fundada em Pernambuco, por Christovam Jacques, em 1516, assaltada depois pelos franceses, retomada pelos lusos, e, finalmente, destruída por aquelles, fôra, até então, o unico e remoto vestigio da acção portugueza.

Com a expedição de Martim Affonso de Sousa, em 1530, começa propriamente a historia do Brasil, que deve muito ás minas de prata do Mexico e do Perú, o povoamento systematico, o desbravamento paulatino mas firme do seu territorio virgem e olvidado. Os thezouros aztecas e incas despertaram, nos dirigentes da metropole, a ambição de assegurar o dominio da colonia, possivelmente riquissima tambem, e entregue ás ameaças de inimigos de toda a procedencia.

A divisão do paiz em quinze capitarias hereditarias, e a doação dellas a capitães-mores, dignos pela excellencia da linhagem ou pelo prestigio individual, foi um acto de evidente sabedoria. Sómente assim, confiando essa porção de terras incultas á energia de homens de boa vontade, poderia guardar a corôa, sem maiores

gastos, a presa já cobiçada por muitos salteadores. Essas capitánias, mais tarde, ficaram sob a dependencia de um governo central, com séde na Bahia, até que, no correr do tempo, foram passando umas após outras, por aquisição do erario publico, ao jugo da Metropole.

## O BRASIL HISTORICO

Para se formar claro juizo da nossa nacionalidade e de como se desenvolveu a nossa historia, faz-se mister, antes que tudo, dividil-a em quatro cyclos essenciaes.

Abrange o primeiro delles o seculo XVI, e se prolonga aos meados do XVII: é o Cyclo da Defesa, quando os habitantes da terra, cruzados com os adventicios brancos e africanos, se juntam e combatem, hombro a hombro, para proteger os lares ameaçados pelas incursões estrangeiras;

estende-se o segundo, da ultima metade do seculo XVII á primeira do XVIII: é o Cyclo da Conquista, quando se realizaram as profundas penetrações no in-

terior da colonia, de que resulta o conhecimento do sertão, assim como o relevo geographico do paiz ;

dilata-se o terceiro, da segunda metade do seculo XVIII até aos primeiros annos do seculo XIX: é o Cyclo da Consolidação, quando, em virtude do descobrimento das minas, a colonia se torna um factor economico de tal eminencia, que entra já nos calculos de notaveis estadistas ultramarinos a possibilidãde da transferencia da Metropole para a America, o que, afinal, acontece, por força da invasão napoleonica, em 1807, com a vinda de D. Maria I e do principe D. João para o Rio de Janeiro ;

comprehende o ultimo, o seculo XIX e as duas decadas do XX: é o Cyclo da Independencia, que se inicia, politicamente, com o estabelecimento da casa de Bragança no Brasil, de onde nos vieram os dois Imperadores Pedro I e Pedro II, e culmina nos movimentos da reacção intellectual, economica e social das gerações que, de 1822 até agora veem trabalhando pelo Brasil soberano e livre, em todas as esferas de acção.

## O CYCLO DA DEFESA

*O Jesuita. O Senhor de Engenho. O Fidalgo*

A organização administrativa do nosso 1.º século obedeceu a princípios verdadeiramente feudaes. Os colonos estavam sujeitos ao arbitrio das leis, que ora se relaxavam ou mais rigorosas se tornavam, consoante o capricho dos capitães-mores e seus prepostos.

Vieram para as novas terras, em levadas, de começo escassas e depois crescentes, individuos das mais distinctas classes e profissões. Desde os fidalgos da melhor nobreza e dos sacerdotes do mais puro animo, aos soldados, artifices, mecanicos, lavradores e mesmo criminosos, as recentes povoações se encheram dos mais encontrados elementos. A maioria desse gente não emigrava do Reino para ficar, se não para accumular pecunia, encher a bolsa e voltar á patria, livre de necessidades. Sente-se, desde logo, nesses alongados aldeamentos, que tudo era, então, provi-

sorio, e que os seus moradores, postos entre o terror dos piratas marinhos e as investidas inesperadas dos indios escorraçados, viviam em uma perpetua tragedia.

No cimo dos outeiros ou na corôa dos morros, se elevavam as primitivas aldeias, protegidas por fossos e paliçadas de pau a pique. Ao redor das habitações dos chefes, construidas com o apuro de fortalezas, se distribuia o casario irregular dos colonos, derramando-se pelas abas das collinas, entre bosques de arvores seculares e á sombra de matarias espessas.

Cada um desses villarejos era uma pequena communa, em que todos estavam unidos por um sentimento colectivo de defesa, e em que a operosidade de cada individuo ia augmentar os frutos do labor geral. Formou-se, assim, ao longo da faixa litoranea, uma sociedade rustica, entregue á existencia patriarcal da lavoura e da criação em modesta escala. A terra era formosa e de bons ares. Á beira de praias douradas e piscosas, á margem de rios e lagoas de aguas desnevasdas e ricas, cercadas de vegetação luxuriante, os homens se entretinham em trabalhos domesticos, dispostos e saudaveis.

Com o desenvolvimento da cultura da canna de assucar e a doação de sesmarias, a terra começou a ser explorada em maior extensão. Do mesmo passo, foram crescendo as relações entre o gentio e os ádvenas, relações que, era de esperar, nem sempre se revestiram de cordura e mansidão. Perseguidos e rechassados, os incolas, de brandos que se revelaram aos marinheiros de Cabral, mostravam-se, agora, desconfiados e, não raro, agressivos. De vez em vez, do seio das selvas humidas, voava a flécha hervada e silenciosa, que vinha vingar, rapida e certa, alguma espoliação dura e mesquinha. A carencia de braços para a agricultura impelliu os colonos á escravização do indio. Este era considerado, por via de regra, como simples animal, sem direito e fóra da lei, era cousa usufructuaria de que os brancos poderiam utilizar-se francamente e sem estorvo. Desamparados de uns e outros, pois o governo central animava e auxiliava essas caçadas monstruosas de seres humanos, os indios americanos misturavam no eito rude, com os escravos de Angola, as duas melancolias immensas, que tanto iriam pesar no character da raça brasilica. Sob o latego

do branco, jorrava das epidermes de bronze e de ebano, o sangue humilde que, mais tarde, confundido com o do português, correria as veias de grande porção do nosso povo.

Surgiu, sem embargo, ao lado dos senhores do engenho, dessa destemerosa aristocracia da terra, uma outra benigna e pacífica, a aristocracia do céu, formada pelos missionários da Companhia de Jesus. Em que pese aos seus erros políticos e á teimosia com que os reiteravam, prestaram os jesuitas inestimável serviço á nossa nacionalidade. Sem o seu concurso diuturno e paciente, sem o devotamento da sua fé, sem o sacrificio de tantas existencias massacradas pelo pavor do selvagem, o problema do nosso caldeamento ethnico teria sido seriamente dificultado.

Tresmalhados nos mais carrancudos sertões, esses homens prodigiosos, apenas armados da Cruz de Christo, foram os primeiros que percorreram as invias solidões dos nossos tableiros interminos. Os nomes de Nobrega e Anchieta são dos mais nobilitantes na historia do nosso paiz. Encarnam soberanamente toda a grandeza da sua ordem e da sua religião. Plantaram

as raízes do catholicismo no coração da nossa terra e transformaram, com o risco imminente das proprias vidas, o instinto áspero do selvagem em um instrumento auxiliar da colonização. São inumeros os depoimentos, os testemunhos, os documentos preciosos para o estudo das raças americanas, que os jesuitas deixaram nos seus roteiros interessantissimos.

Descreveram os usos e costumes das tribus, defendendo-as de injustiças e eronias malevolas; procuraram, como Anchieta e Montoya, fixar os sons das suas prosodias barbaras por meio do nosso alfabeto; investigaram com amoroso intuito as regras de syntaxe e os segredos etymologicos dos seus idiomas, facilitando, assim, o contacto entre elles e os colonizadores. Contribuiram, tambem, para a obra formidavel de penetração realizada pelos bandeirantes paulistas, porquanto, vararam desfiladeiros e zonas desoladas. Os tupis do litoral e os tapuias, caribas, nu-aruaqs, guaycurus, carajás, borórós, e dezenas de nações do interior, receberam a vizita, por vezes mal succedida, desses missionarios famosos em todo o continente latino-americano.

O factor moral da religião e o factor economico da agricultura e da pecuaria, constituiram, desta arte, os alicerces do futuro Estado. Até ao descobrimento das minas, que modificou a physionomia social e politica da colonia, foram aquelles os elementos fundamentaes do nosso progresso. Ao findar, pois, o seculo XVI, já se acha, em suas linhas geraes, definido o nucleo da nossa sociedade, essencialmente rural, como a dos frankos e germanos, durante a idade-media.

Depois do sacerdote, a figura dominante nessa época é a do senhor de engenho. Apartado, mercê, das suas actividades, do incipiente urbanismo litoraneo, o fazendeiro, dono de sesmarias illimitadas, onde caberiam provincias inteiras do antigo continente, é um pequeno rei <sup>(1)</sup>. Sua autoridade é tão grande, ou maior, que a do *paterfamilias*, no direito romano. Sem que a lei o estabeleça expressamente, tem o direito de vida e morte sobre os que d'elle dependem, e são quantos se encontram amanhando as terras ou servindo nos engenhos

(1) Vide. Oliveira Vianna. *Populações Meridionaes do Brasil*. vol. I.

da sua propriedade. Captivos e homens livres, moradores da «villa urbana», residência da sua familia, ou da «villa rustica», em que se distribue a numerosa escravaria, á semelhança do que se verificava nos dominios gallo-romanos, todos devem cega servidão ao senhor supremo. Nas suas vastas possessões, os paiões estão abarrotados de provisões de toda sorte, desde as de bocca até ás de guerra. Não tendo precisão de communicar-se com as cidades, se não em determinadas epocas, para o escambo de productos, o senhor de engenho está, consequentemente, fôra das alçadas reaes, e o arbitrio da sua vontade é o unico principio juridico.

Não rareiam, por isso, narrativas de abusos e castigos horripilantes, a que todos assistiam reverentes, sem queixa nem atoarda. Se, porventura, desconfia da honradez do filho, da virtude da esposa ou da pureza da filha, lavra sentença de morte, serenamente, e, por contrapeso, convida a parentela e a vizinhança atemorizada para testemunharem os rigores da sua inflexivel severidade. Refina, ás vezes, os seus processos exemplares. Conta-se, que, nos serções de Pernambuco, um desses altaneiros

barões, certo de que a concubina repartia amores com um seu filho, mandou o irmão mais velho deste descarregar-lhe a escopeta no coração, indiferente aos esquivos e medrosos rogos dos que mais caros lhe deviam ser, como os dos netos que, por sua mão, voluntariamente lançava na orphandade.

Sem homens de tal tempera, não obstante, sem essa estirpe de monstros admiráveis, sem esses heróis que sabiam olhar o sol de frente e não recuavam mesmo ante a Igreja, o Brasil não seria uma Patria, mas uma collectanea de paizes turbulentos e irreconciliaveis. Foi o senhor de engenho o fermento activo dos varios compostos ethnicos da nacionalidade. Ao seu character irreductivel, intemerato e inamolgavel, devemos nós a victoria sobre a legião de inimigos, que assaltaria de norte a sul a costa vulneravel da America Brasileira, victoria que Portugal, sozinho, enfraquecido por desmandos e desordens internas, seria incapaz de obter.

Ao mesmo tempo que isso acontecia no sertão, prosperava em certas zonas do litoral, nomeadamente em Pernambuco e na Bahia, uma sociedade que apurava, dia

por dia, a sua cultura, requintando os habitos citadinos e entregando-se aos delectes de existencia já confortavel. É que se transportara da Metropole, com os méros immigrants, uma casta de fidalgos de boa prosapia, cuja linhagem ia entroncar-se com a das melhores e mais reputadas casas solarengas da península. Em Olinda e São Salvador, cidades de florescente commercio, entrepostos naturaes das mercadorias do Reino, centros de intensa riqueza economica, onde vinham ter os productos nativos das mais afortunadas regiões do Brasil, já era excessivo o luxo dos seus habitantes, ao terminar o nosso 1.º seculo. Dizem os chronistas do momento, em geral sacerdotes escandalizados, que milhares de cruzados se gastavam com roupas, sedas, damascos, pedrarias, tapeçarias, brocados, cavallos de corrida, vinhos, licores e toda a especie de objectos, com que se entretenham as damas e os cavalheiros pernambucanos e bahianos (1).

Em cada uma dessas reduzidas côrtes, onde brilhava a descendencia illustre dos

(1) Cf. Varnhagen. — *Historia Geral do Brasil*. vol. I.

Cavalcanti e dos Acciaiuoli, de Florença, dos Albuquerque, dos Mello, dos Coelhos, dos Souza e Bulhões, de Portugal, a emulação fazia crescer as louçanias e garridices desproporcionadamente com o meio, ainda barbaro e reyesso. Representavam-se autos profanos e sacros, jogavam-se os mais enervantes jogos de azar, disputavam-se justas e torneios, em que os cavalleiros appareciam trajando velludo e gorgorões, com armaduras lameladas de ouro, e tudo era motivo de festas e prazeres. Mulheres e homens rivalizavam entre si no pendor para as diversões, os folguedos e as funçanatas ruidosas. Despendiam-se com isso os lucros da exportação do assucar e das madeiras. Accumulavam-se, pois, dividas sobre dividas, para que fidalgos de verdade ou fidalgotes de arribação folgassem á larga. Data d'ahi essa febre do litoral que, até hoje, despovôa os nossos campos e attráe o emigrante das planicies ferazes do nosso «hinterland». Data d'ahi, também, o exaggero, em que vivemos, e a desmedida propaganda que fazemos da natureza brasileira. Os poetas e os chronistas da epoca seiscentista vão de par no lirismo das suas apologias. A terra é a mais bella

de todas, a maior do universo, a que mais aves possui nas suas florestas, a que mais estrellas exhibe nos seus curvos céos. Um livro desse tempo, de controvertida autoria, mas em todo caso escripto por quem conhecia e amava a colônia, os «Dialogos da Grandeza do Brasil», pode considerar-se o padrão dessa literatura dithyrambica.

Taes informações extraordinarias, sem duvida, deveriam ter influido no animo dos aventureiros e dos governos de aventureiros europeus, os quaes, fascinados pelos rumores de tamanhas opulencias, assim como pelo desejo de estabelecer importantes dominios coloniaes, que lhes facilitassem o cruzeiro das estradas oceanicas, tentaram apossar-se de trechos extensos do nosso territorio. Ingleses de Cavendish e de Lencastre, franceses de Ville-gaignon e La Ravardière, holandeses de Albert Schoutt e da Companhia das Indias Occidentaes, assaltaram, com mais ou menos felicidade, as nossas angras e os nossos portos. Desde o anno de 1557, com a fixação dos franceses no Rio de Janeiro, até 1661, com a expulsão do dominio batavo, firmada no tratado de Haya, a nossa vida foi uma batalha.

A conquista do Brasil septentrional pelos hollandeses, representa o mais grave episodio em toda essa tragedia, que é o Cyclo da Defesa. Depois de repellidos da Bahia, em 1625, desembarcaram em Pernambuco, em 1630, os mandatarios da Companhia das Indias Occidentaes, bem muniçados, dispondo de guerreiros dextros e capitaneados por habéis almirantes e generaes. As consequencias dessa luta de 30 annos, culminada, com a derrota dos invasores, nas duas batalhas dos Guararapes, foram de inestimavel alcance para a historia da formação do espirito nacional.

Desajudados da metropole, que, ostensivamente, mandava entregar á Hollanda «aquillo que lhe pertencia», os brasileiros não se conformaram com a impotencia confessada do governo portuguez. Brancos, indios e negros morreram, confundidos na justiça e na belleza da mesma causa. Inferiores numericamente, dispersos em bandos irregulares sob a chefia de capitães audazes, os representantes das tres raças coloniaes enfrentaram denodadamente o adversario, soffrendo amargas provações, mas pelejando até á morte, muitas vezes rodeiados das mulheres e dos filhos infan-

tes. Os guerreiros hollandeses, nos seus relatorios, não se cansam de elogiar os seus inimigos, e se espantam de que estes, apenas com trabucos e fléchas, arremettessem contra as suas tropas, defendidas por entrincheiramentos fortissimos e pesada artilharia.

Apparecem, aqui, em todã a evidencia do seu valor, aquelles dous factores a que acima alludi. Esses corações vigilantes são movidos pela fé, pois lutam contra protestantes, e pelo zelo da terra, pois se empenham em varrer della os intrusos. Triumphou com elles a propria causa da nacionalidade, que, desde então, se avigora na confiança que os naturaes começam a depositar nas proprias forças triumphantes. A guerra contra Hollanda foi, por assim dizer, a primeira lição de «patriotismo», de «orgulho nativista» que as circumstancias obrigaram a Metropole a nos dar. Tão largos effectos produzio essa campanha que, poucos annos depois della, o procurador da Colonia junto ás Côrtes, poud affirmar: «O Brasil, em quarenta annos de guerra continuada, padeceu muito, e seus moradores soffreram infinitas misérias e hostilidades na defesa daquelle Es-

tado, onde a maior parte delles se assignalaram em muitas occasiões com singular valor, e despeza das suas fazendas: em respeito do que deve V. A. ser servido que nos postos de milicias, que vagarem no dito Estado, sejam sómente providos os que nelle têm servido a V. A.; e da mesma maneira nos ditos moradores os officios de justiça e fazenda, como tambem em seus filhos as igrejas, conezias e dignidades; pois é justo que despendendo seus paes e avós as fazendas, derramando seu sangue, e perdendo muitos a vida, sejam os postos, cargos e honras do dito Estado concedidos a estes sujeitos, em quem concorrem as partes e qualidades necessarias.» Esse prudente aviso, que aliás não foi ouvido, demonstra eloquentemente a situação que surgia entre brasileiros e portuguezes; quando acabava o Cyclo da Defesa.

## O CYCLO DA CONQUISTA

### *O Bandeirante*

As guerras da libertação do territorio tornaram o paiz mais familiar aos seus

naturaes. Mas não foi sómente esse facto que contribuiu para o desvendamento do solo; foi, por egual, o desenvolvimento da industria pastoril, nas capitánias do norte e do centro. Mais que tudo isso, porém, influio na conquista da terra a epopeia sem par, o drama commovente das Bandeiras. Chamavam-se assim os bandos de aventureiros que faziam longas entradas pelos sertões, primeiro, em busca de indios para a escravidão, e, logo depois, á cata das legendarias serras de cristal e esmeraldas (1).

O bandeirante é um heroe sem compromissos. As mais das vezes, enfrenta com os próprios recursos a natureza semeada de espantos, vencendo todos os perigos e difficuldades que lhe deparam os precipícios e os boqueirões, as selvas povoadas de selvicolas vingativos, os lagos e os mangues cheios de miasmas e febres perniciosas. Levando, espontaneamente, os padrões reaes aos contrafortes andinos, e,

(1) Vide: Rocha Pombo. *Historia do Brasil*. vol. VI, A. E. Taunay. *Annaes do Museu do Ipiranga* vol. I.

por vezes, transpondo-os em arriscadas travessias, até ás praias do Oceano Pacifico, quando não, remontando o continente até ás Antilhas, o bandeirante é o typo historico de mais excellencia e que mais orgulhece o coração brasileiro. Formamos o nosso espirito na lenda maravilhosa e na realidade, mais incrível que a fantasia, dos seus feitos de bravura inexcedível.

Partindo do Brasil meridional, dos planaltos paulistas, os aventureiros, auxiliados por homens já mestiçados, os terriveis mameucos, seguiam o curso dos enormes rios, fundando aldeamentos que se transformariam em cidades, plantando e semeando a terra, quando escasseavam os recursos, construindo canôas, cavadas no tronco das pesadas arvores, quando se viam na contingencia de atravessar as torrentes caudalosas, defendendo-se, no concavo das cavernas e dos grotões, das tropelias do selvagem opprimido. Longe das familias, afastados milhares de kilometros da civilização litoranea, os bandeirantes, sem o saberem, foram os nossos primeiros soldados, os obscuros obreiros da nossa diplomacia, dos nossos consecutivos triumphos nas questões litigiosas de fronteiras. Elles en-

grandeceram e dilataram o patrimonio recebido dos portuguezes, repetindo, na floresta bravia, a tragedia de sangue e fogo dos lusos no mar alto.

Centenas e centenas de bandeirantes pereceram, varados de fléchas, atacados de sezões, assassinados em rixas e recontros sinistros, ou com os membros despedaçados ás garras da onça e nas mandibulas do crocodilo. Nem um desanimava, contudo. Parece até que as más noticias serviam para lhes accender o animo. Os filhos substituem os paes, os genros ficam no lugar dos sogros, nessas empresas memoraveis. A ambição energica desses homens não conhece temor nem desalento. O bandeirante deseja imperiosamente, e, se não alcança o que deseja, investe com o desconhecido sem reuar un instante. O esclarecido escriptor inglês, Southey, na sua «Historia do Brasil», assevera que «se estes aventureiros se não houvessem movido, ter-se-ia a Espanha apoderado da costa do Brasil ao sul de Paranaguá, e espanholas em vez de portuguezas teriam sido no sertão as minas de Goiaz e Cuiabá.»

Pelo mesmo diapasão afinam os demais historiadores, nomeadamente o sr. Ro-

cha Pombo, que, deste modo, se exprime: «Sem as grandes bandeiras, em que o colono se faz forte e altivo pela consciencia do seu valor, pelo sentimento das suas condições, pela ufanía da sua fortuna — é claro que a nossa directriz historica teria sido muito differente... Não só as industrias que se creavam nos nucleos do litoral não teriam sido sufficientes para prover á nossa economia propria naquelles dous ultimos seculos de regime subalterno, — como é incontestavel que os espanhóes, pelo sul e por loeste, teriam logo occupado a maior parte do territorio que a Espanha, com todo o direito, julgava de sua exclusiva jurisdicção» (1).

Além das riquezas que descobriam, era, tambem, a geographia physica do paiz que os bandeirantes fixavam nos seus roteiros e assentamentos de viagens. Curiosos ao extremo, annotavam, por vezes pitorescamente, todas as particularidades que iam encontrando no rumo das suas expedições. Ora é o aspecto de valles e montanhas, ora a configuração das matas e dos terrenos, ora uma anecdotia familiar,

(1) Rocha Pombo. *Ob. cit.* vol. VI.

a relação de uma guerrilha ou de qualquer cerimonia religiosa, o que se lê nas suas cadernetas de campo. Embora colhidas por processos empiricos, as suas informações são seguras e uteis.

Acontecia, comtudo, extraviarem-se nos matagaes e nas caatingas. Muitos não atinavam mais com as picadas e atalhos recentemente abertos, e logo revestidos de hervas rasteiras, brotadas como por milagre do chão dadivoso. A tortura desses infelizes, presos nas malhas dos cipoaes e na enredição movel das lianas floridas, entre a penumbra verde e insidiosa dos jequitibás e das perobeiras, é inenarravel! Picados de insectos venenosos e carnivoros, salteados de animaes ferozes, não perdiam nunca a esperança de voltar um dia. E quantos, já esqueletos miseraveis, foram encontrados na solidão das furnas, tendo, misturadas aos ossos encardidos, aquellas pobres turmalinas, que o sonho transformava em esmeraldas sem macula.

Essa cruzada dos Bandeirantes ainda supera a da libertação do territorio, pois foi emprehendida contra o ignorado e não teve por si o esplendor das batalhas a luz do sol. Ao cabo de travores e

provações, quando estavam todos convencidos da inutilidade das bandeiras, mau grado as lendas que corriam, respeito á abundancia de metaes preciosos no Brasil, eis que fechando o Cyclo da Conquista, outro se abre, com o feliz achado das minas de ouro, que iriam assegurar, finalmente, a prosperidade da terra, transformando-a, de improviso, em um novo El-Dorado.

## O CYCLO DA CONSOLIDAÇÃO

### *A Febre do Ouro*

Confirmava-se, pois, a existencia daquelles thesouros com que o aventureiro Roberio ou Belchior Dias deslumbrou a côrte de Madrid, offerecendo a Felipe II «mais prata no Brasil do que Bilbao dava ferro em Biscaya.» Dentro em pouco, escreve um antigo chronista, «tornou-se o ouro o iman dos brasileiros». Aquelles veios auriferos, que, durante cento e cincoenta annos, jaziam ignorados, acorreram em

massa populações inteiras. Para Sabará, para Matto-Grosso e Goiaz, carregando as bagagens no lombo de burros ou em carros de bois, dirigiam-se familias numerosas, com escravos e agregados. Despovoava-se o litoral, as lavouras eram abandonadas, os campos de criação ficavam desertos, da noite para o dia, Os sertões, antes entregues ao bandeirante, enchiam-se agora das vozes e da celeuma daquelles improvisados mineiros.

Não tardou, commenta, com a emphase do tempo, um autor do seculo XVIII, que «esses écos, levados nas asas da fama sobre os mares, voassem á Europa: foram ouvidos em Portugal com attensões de estranha novidade, e alvoroços de alegria; nos reinos de estrangeiros com esperanza de utilidade e maior inveja da fortuna.. Viu-se em breve transplantado meio Portugal a este emporio, já celebre por todo o mundo.» (1) Descontado o gongorismo da expressão, é certo que o honesto Simão Ferreira Machado justamente se impres-

(1) Simão Ferreira Machado — *Triumpho Eucharistico* (in Rev. Arch. Pub. Mineiro. VI. 985).

sionara com o quadro que pudera presenciara. Verificou-se entre nós o mesmo phenomeno que na California, no Mexico e no Perú. O exagero das versões e dos boatos ensandecia os aventureiros. Corriam, por exemplo, noticias de que nas minas de Cuiabá «os granetes de ouro eram tantos que os empregavam como chumbo de espingarda; que eram de ouro as pedras que serviam de trempe ás pannels no fogo; e que para colhel-o bastava arrancar as touças do capim, pois, nas raizes vinham pregadas as folhetas.» As serras de esmeralda, que fascinaram os Paes Leme e os Borba Gato, mudadas em ouro, relumbravam nas miragens que enlouqueciam os mineiros. A caça aos metaes e pedrarias determinou o nascimento de aldeias, villas e cidades, e a colonização rapida de grandes porções do interior, augmentando de importancia a immigração de brancos e facilitando a travessia do paiz, pela abertura de estradas de rodagem, e construcção de obras de engenharia, necessarias ao transporte de peões e viaturas.

O ouro e o diamante trouxeram, todavia, para os brasileiros, horas amargas. Mais que os colonos delirou a administraç

ção da metropole, viciada e deshonestá, incapaz e servil, já completamente entregue de mãos atadas aos banqueiros de Londres. «As importações inglesas, observa o sr. João Ribeiro, excediam as exportações de Portugal em cerca de um milhão esterlino, pago em ouro do Brasil, porque a Inglaterra não recebia productos (assucar, tabaco, etc.), que tinha nas suas colonias. O cambio de Lisboa caiu a 15 % com esse desequilibrio; as casas inglesas em Portugal tomaram conta do commercio interno. As frotas do Brasil, das Companhias de Commercio, são inglesas de facto, ainda que não figurem nomes senão portugueses. Calcula-se em dous billiões e quatrocentos milhões de francos o ouro exportado do Brasil, no periodo de 60 annos que se seguiram á descoberta das minas, somma que passou quasi toda aos ingleses, porque em Portugal a circulação apenas era de 15 a 20 milhões e o paiz devia 72. Foram, pois, as minas de ouro do seculo XVIII, isto é, as minas do Brasil que, quanto podiam, collaboraram na prosperidade actual da Inglaterra.» (1).

(1) João Ribeiro. *Historia do Brasil*. pag. 238. 9.<sup>a</sup> ed.

O Governo de Portugal não poupou os peiores vexames aos colonos, movido pela cobiça desenfreada de D. João V, o rei perdulario e mulherengo, que distribuia, para satisfazer os caprichos das suas amantes, ás pepitas e os brilhantes das Minas Geraes. O ambiente de odio e humilhação que os decretos proteccionistas do Reino iam creando, não poderia deixar de ser fatal, como finalmente o foi, á posse tranquilla do Brasil, que o velho Sebastião da Rocha Pitta considerava o mais bello florão da corôa bragantina.

Quem percorrer os annaes dos nossos districtos mineiros, no seculo XVIII, não recalcará facilmente o impeto de horror que alguns dos seus lances provocam. Não houve crueldade ou miseria de que não viessem a soffrer os brasileiros. O afluoramento de um magro filão bastava para attrair uma nuvem de funcionarios armados de todos os poderes de um systema fiscal verdadeiramente infame. Á mais leve suspeita de que os thesouros de Sua Majestade Fidelissima soffriam lesão, eram varejadas as casas, despídos e desnudados os seus moradores, partidos os paineis dos moveis, revolidos os pomares e os jar-

dins, quer o sol dardejasse no espaço ou a chuva alagasse os ares.

O triste episodio do contratador de diamantes, Felisberto Caldeira, patriarca respeitavel, de sangue nobre e vastos cabedaes, que foi violentamente remettido ás masmorras de além-mar, por inveja e ciume de funcionarios reinóes, ficou indelevel na memoria de nossas gentes. Os subditos americanos de Sua Majestade eram mais cousas do erario publico do que homens livres. Nada se respeitava, então. Nem o prestigio da virtude nem a pureza do nome e da geração. O mero capricho de qualquer fidalgo, despachado ao Brasil para cumprir uma pena correccional, fazia mover os esquadrões fidelissimos e determinava o ajuntamento de alçadas temerosas, que atiravam aos presidios de Ambaca ou Lisboa os mais illustres filhos da Colonia.

Felisberto Caldeira Brant Pontes, descendente bastardo de D. João III, Duque de Brabant, é um dos mais lidimos representantes da nossa aristocracia rural do 3.º seculo, caracterizada pela singeleza do trato, modestia da palavra e desempenho de estatura. Seu coração cheio de doçura e piedade, inflamma-se, porém, ao mais

leve toque em assumpto de honra. Foi o sentimento da prole ultrajada por um beleguim reinol, ateando-lhe o orgulho da casta, que o perdeu dignamente (1).

Ninguem reflecte melhor o brasileiro, no curso das nossas lides coloniaes, que esse intemerato gentleman campestre, activo, de espirito pratico, sem vicios, devotado á familia e intolerante nas questões de pundonor, capaz de matar o melhor amigo por qualquer desfeita ao recato do lar. O mesmo Governo que ordenava o sequestro dos bens de Caldeira, prohibia a imprensa, para evitar a corrupção de França, e o uso do cinzel, em que eram peritos os brasileiros, para que «não se delapidassem os quintos de sua majestade». A desmedida ambição da Metropole, cercceando progressivamente todos os direitos aos brasileiros, diminuindo-lhes as garantias, sujeitando-os ás contingencias de um functionalismo atrevido e parvo, fez crescer na alma daquelles varões o sentimento de que a terra lhes pertencia e não aos usurpadores. pois, sem o esforço continuo dos

(1) Vide: J. Felicio dos Santos — *Memorias do Districto Diamantino*. Caps. IX e X.

seus avós as áreas ultramarinas não estariam atestadas das barras de ouro e prata do sertão.

O descobrimento das minas, portanto, além de firmar definitivamente a situação econômica do Vice-Reinado brasileiro, consolidou, também, a situação política e social da nacionalidade, em vias de surgir armada, face a face, ante os mandatários da Corôa de Bragança. Explicasse, desta arte, a conspiração que, em fins do século XVIII, no anno em que irrompeu a Revolução Francesa, foi descoberta em Minas Geraes. Os conjurados, encarnando os sofrimentos do povo, pertenciam á nata da sociedade brasileira. Eram poetas e magistrados, fazendeiros e militares, que planejavam sacudir o jugo da tirania lusa. Embora mallograda, por incofidencia de trahidores, de origem portuguesa, essa conjuração, com o barbaro enforcamento de um de seus mais exaltados chefes, o alferes Tiradentes, deixou profundas raizes na alma nacional, e o sangue do martyr não escorreria em vão pelas escadas do patibulo.

## O CYCLO DA INDEPENDENCIA

*Reino. 1.º Imperio. Regencia. 2.º Imperio.  
Republica*

Quando, nos primordios do seculo findo, a côrte portuguesa se refugiou no Rio de Janeiro, resguardando-se das patas da cavallaria de Junot, pode-se dizer que já estava latente na generalidade da nação a idéa da independencia. Varias vezes, no correr dos tempos, naturaes e reinões se haviam defrontado, e uma guerra continua de chufas e remoques lavrava por todo o territorio da colonia. Principalmente os pernambucanos, ao norte, e os paulistas, ao sul, viviam em constantes escaramuças com os lusos. Estes haviam chegado até, quando se restaurou a cõrõa portuguesa, em 1640, a aclamar um rei na pessoa de Amador Bueno, figura proeminente da nobreza da terra. Outros levantes nativistas consignava, por egual, a nossa historia, taes o dos *mascates*, no Recife, e o dos *emboabas*, em Minas.

Com a installação da côrte no Rio,

foi o Brasil elevado a Reino, e nelle se estabeleceu a séde da velha dynastia bragantina. Passavamos, assim, de colonia a metropole. O principe regente, mais tarde, D. João VI, logo se afeiçoou á região do exilio, mau grado das impertinencias da sua consorte, tão inimiga nossa que, segundo resam as tradições, mal entrou de volta no Tejo, atirou ás aguas os sapatos, por trazerem á sola terra do Brasil.

Dotado de character bonacheirão, sem cultura, porque não fôra educado para reinar, amigo da boa mesa, com que despendia annualmente milhares de contos, esse principe affectuoso e simples foi providencial á nossa patria. Se era incapaz, por si mesmo, de grandes actos, sabia aceitar as suggestões felizes e conseguiu cercar-se de ministerios intelligentes e prestimosos. Por insinuação de um dos nossos mais insignes sociologos e juristas do seculo XIX, o Visconde de Cayrú, abriu os portos do Brasil, antes fechados por monopolios estreitos, ao commercio universal. Inaugurou os primeiros cursos de medicina e cirurgia da America do Sul; contratou em Paris, uma excellente missão de artistas, chefiada por um secretario do Insti-

tuto de França, fundando a nossa Escola de Bellas Artes, a mais antiga do continente; instituiu a Imprensa Nacional e a Bibliotheca do Rio de Janeiro; creou o Banco do Brasil, favorecendo, assim, o desenvolvimento da fortuna particular; rasgou estradas de rodagem em varias provincias; regulou a navegação entre os nossos portos e os principaes da Europa; incentivou a immigração de elementos estrangeiros e beneficiou a nossa capital, mandando levantar edificios dignos de uma cidade moderna.

«Et ce pays, diz o historiador que melhor o conhece, o sr. Oliveira Lima, qu'il trouva paralysé par une législation trop souvent surannée, entravé dans sa libre évolution, rendu fataliste par le manque d'horizon et assombri par une tragédie récente, il le laissa armé des principaux instruments de progrès, ouvert à toutes les conquêtes de l'intelligence, plein d'espérances, déjà mêlées à quelques regrets, et doué d'un enthousiasme que les premières déceptions avaient déjà commencé à mûrir.

«Si jamais un roi mérita la branche de cerisier à la frondaison éternelle que,

dans le Nô japonais, le messenger céleste apporte de la part de la divinité au roi sage et juste, comme emblème et récompense de ses vertus, c'est sans doute à Jean VI qu'elle devrait échoir.» (1).

Ao tornar á patria D. João VI, os fermentos separatistas abrasavam as provincias mais prosperas do Brasil. Em Pernambuco, ainda quando a Côrte estava no Rio, estála em 1817 uma revolução de caracter republicano, dirigida por militares e doutrinarios do Recife. Jugulada a sedição, e castigados com deshumana imprudencia os seus promotores e sequazes, o paiz permanece inquieto. Cresce de ponto essa inquietação deante dos manejos das côrtes de Lisboa, onde a voz dos nossos deputados é sempre abafada com mo-tejos e escarneo. Temendo o proximo movimento libertador, os dirigentes do Reino approvam leis ainda mais restrictivas dos nossos direitos, tão duramente conquistados. Viam os patriotas da America em taes attitudes, o proposito de recol-

(1) Oliveira Lima. *Formation Historique de la Nationalité Brésilienne.*

nizar o Brasil, retirando todas as garantias que lhe concedera D. João VI, assim como outras de que já gozava, desde o século XVIII.

O Governo da America Portuguesa, entregue á regencia do principe D. Pedro, filho de D. João, sente, dia por dia, diminuida a sua esfera de acção. Afim de afrouxar os laços que prendiam as provincias ao poder central, as côrtes declararam a independencia dellas, ao mesmo tempo que tornam sem effeito a instituição dos tribunaes de justiça do Rio. E, afinal, para reduzir de vez os brios nacionaes, chamam a Portugal o principe regente.

Levanta-se contra semelhantes medidas o escol da nação, e, em representação memoravel, oito mil cidadãos se dirigem a D. Pedro, pedindo-lhe que não embarque. E o principe, impetuoso e de resoluções subitaneas, responde ao povo, por intermedio de José Clemente Pereira, com as celebres palavras: «Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao Povo que fico».

Moralmente, pois, a 9 de Janeiro de 1822, forçando o regente a um acto de clara desobediencia ao governo da metro-

pole, tínhamos feito a nossa independencia. D'ahi por diante, até ao grito de «Independencia ou Morte», ás ribas do Ypiranga, em São Paulo, rapidamente fomos conquistando as nossas liberdades politicas. Derrotados em terra e no mar, depois de encontros memoraveis, os portuguezes, por mediação da Grã-Bretanha, reconheceram o novo Estado soberano do Brasil, não sem receberem, comtudo, algumas saccas daquelle ouro das Minas Geraes, de que tão zelosos sempre se mostraram.

O compromisso de que nasceu o primeiro Imperio era, entretanto, precario. D. Pedro teria que optar entre ser I<sup>o</sup> no Brasil ou IV<sup>o</sup> em Portugal. Certo, se lhe fosse possivel cingir as duas corôas, não hesitaria em reunil-as sob o seu sceptro. Para conseguir isso, porém, seria mister, sobre vencer as nossas poderosas resistências, que o Principe tivesse outro temperamento. Com as suas decisões repentinas, as vacillações do seu character, a incultura do seu espirito, formado em ambiente artificial e incerto, o dilettantismo da sua politica e a falta de austeridade dos seus costumes privados, D. Pedro estava fadado a uma irremediavel abdicção. Cora-

joso mas indisciplinado, intelligente mas ignorante, astuto mas de boa fé, o nosso primeiro Imperador não guardaria nuitos annos a corôa do Brasil.

Seu Governo oscillou entre a popularidade mais ruidosa e a mais desabrida impopularidade. Apoiando-se ora nos partidos jacobinos, ora deixando-se arrastar pelos chamados «caramurús», facção de tendencias restauradoras, o joven imperante viu decrescer ainda mais o seu prestigio, abalado por essas encontradas manifestações, na infeliz campanha de Cisplatina. As continuas intervenções na Banda Oriental do Uruguay, e a luta pela posse das margens do Prata, eram a consequencia da politica desastrada e imprevidente dos tempos coloniaes. A consciencia nacional não estava de accôrdo com essa guerra, e, dentro do proprio parlamento brasileiro, ergueram-se vozes autorizadas para estigmatizar o que lhes parecia imperdoavel erro e desatino. Firmada a paz com a Republica Argentina, reconhecemos a independencia do Uruguay, satisfazendo assim os impulsos liberaes do nosso povo, sempre infenso ás expansões do imperialismo colonial, e evitando, por outro lado, que

o caudilhismo platino invadissem aquelle Estado.

Junte-se ainda a essas desordens externas, a agitação que lavrava por todo o paiz, com a deportação de homens influentes, como José Bonifacio, o patriarcha da Independencia, assim como pela intolerancia e parcialidade de Pedro I, escolhendo aulicos e cortezãos para constituir os seus ministerios, e teremos as razões precipuas da insustentabilidade do seu Governo. Finalmente, em 7 de Abril de 1831, ao cabo de 10 annos de successos tumultuosos, dentro e fóra das nossas fronteiras, sob a ameaça de sanguinosas rebeldias, Pedro I respondia ás massas apinhadas junto ao seu palacio, para reclamar um ministerio parlamentar, espontanea e impetuosa-mente, com o acto de abdicção, «na pessoa do seu muito amado e presado filho, o senhor D. Pedro de Alcantara.»

De 1831 a 1840, quando subiu ao throno, ainda infante, o nosso grande Imperador, abre-se para o paiz um largo periodo de graves e demoradas turbulencias. Entregue o governo central á Regencia de estadistas experimentados, nem por isso, todavia, foi facil dirigir a nação. Levantou-

se, desde logo, deante da Regencia, um perigo imminente que ella teve de jugular com admiravel energia. A abdicção, forçada por elementos militares, que haviam aderido ao povo, contribuiu para o desencadeamento da indisciplina armada. Do extremo norte ao extremo sul, os motins de quartéis, as sedicções, os conflictos, as revoltas se succediam. Pesavam sobre o nosso immenso e desprotegido territorio sérias ameaças separatistas, e a demagogia, sob o disfarce das idéas democraticas, campeava livremente, corroendo a grande obra da unidade nacional, penosamente realizada pelo esclarecido liberalismo dos nossos homens representativos. No Rio Grande do Sul, entre os desmandos da soldadesca, o ambicioso e infame caudilhismo de alguns chefes bravissimos arrasta a provincia a uma revolta indigna e repugnante, tentando scindil-a violentamente do Imperio. A proclamação da ephemera mas sangrenta Republica de Piratinin accordou, de subito, o sentimento patriotico da nação inteira, e, por toda a parte, dando mão forte aos varões da Regencia, o povo se levanta e se alista nas fileiras do exercito pacificador, conduzido genialmente por

aquelle que, mais tarde, seria o Duque de Caxias.

O papel desempenhado pela Regencia não encontra paralelo em nossa historia politica. A Regencia suffocou a anarchia nascente, que nos entrava como um tufão pelas fronteiras; sustentou as tradições mo-raes e religiosas que herdamos dos nos-sos avós; garantiu a unidade nacional, en-fraquecendo sabiamente a autoridade das provincias, e dando ao prestigio do poder central aquella majestade que tanto digni-ficou o segundo Imperio; augmentou o zelo da cousa publica pela honestidade dos seus processos administrativos; incentivou a criação de partidos politicos, substituindo nas facções, o amor proprio pelo inte-resse da collectividade; amorteceu os odios entre brasileiros e portuguezes; sustentou o escol da nacionalidade, livrando-o das in-vestidas de irresponsaveis galopins; real-çou a missão do soldado, organizando, por Decreto do Padre Feijó, a Guarda Nacio-nal, que tantos e tão assignalados serviços prestou á causa da ordem e da disciplina; finalmente, entregou o paiz, que encontrara retaliado, dividido, abrasado de paixões ir-refreaveis, já constituido, tranquillo e flo-

rescente, ao sereno, ao simples, ao mais liberal de todos os aristocratas do Universo, ao sabio Pedro II.

O segundo Imperio, no Brasil, é a epoca das verdadeiras liberdades politicas. Em toda a America latina nunca houve presidente mais democratico que o nosso Imperador. Esse homem, de gravidade sem aspereza, que provava, nos quarteis, a ração das praças, que, em suas audiencias publicas, recebia a todos que o procuravam e a mão de todos apertava, erguia-se tão alto acima dos preconceitos, que, em verdade, como escreveu Ferrero, perdera na philosophia e no saber «a consciencia do monarcha.» Rodeado de poetas e doutores, como um principe amavel de Florença, a nobreza que mais distinguiu e amou foi a da intelligencia. Grande parte dos nossos barões e dos nossos condes, foi elle buscar entre os artistas, os scientists e os letrados. Seu character, como o dos senhores de engenho dos nossos alongados seculos, era inflexivel em pontos de honra. Um simples deslize, que perdoaria nas classes humildes, castigava duramente nos representantes da aristocracia. Senadores, conselheiros de Estado, fidalgos e palacianos tinham que

pãutar os seus actos pela mesma honradez que dictavam os do Imperador.

Entre os partidos politicos, foi, por excellencia, o poder moderador, e sempre nelles interveio, quando se fazia necessaria a contribuição da sua experiencia. Durante o seu reinado, que se prolongou de 1840 a 1889, deu-nos meio seculo de paz interna, de segurança individual, garantida por uma constituição liberalissima e por leis justas. Abriu escolas, acolheu com prudencia as correntes migratorias, desenvolveu as nossas frotas mercantes, inaugurou as nossas primeiras estradas de ferro, preparou, sem espirito de conquista, uma esquadra de guerra, que seria o factor essencial na campanha contra Lopez, ajudando, por egual, os paizes vizinhos na pacificação dos seus territorios. Nunca lançou as armas dos seus arsenaes em expedições imperialistas, e sempre se mostrou deseioso de ver, ao longo das nossas fronteiras, a oliveira florida.

Apresentava-se, entretanto, um grande obice ao desenvolvimento racional do paiz. Repousava, infelizmente, a nossa economia no braço do escravo africano, que a

administração portugueza fôra obrigada a introduzir na America. Foi a escravidão que atirou o throno por terra. Deante do problema abolicionista, pelejavam os partidos inutilmente, sem coragem para resolverem definitivamente o gravissimo assumpto, do qual dependia, ou parecia depender, a nossa riqueza. A guerra do Paraguay, em que os negros se comportaram admiravelmente, e a lei do ventre livre, promulgada em 1871, vieram aggravar a situação moral do Imperio, dividido entre brancos puros e mestiços, cruzados com indios e africanos. No parlamento, na imprensa, na administração, nas profissões liberaes brilhavam muitos representantes da raça historica, producto das tres que primitivamente formaram o Brasil.

Valia a população escravizada mais ou menos quinhentos mil contos de réis. A fortuna da terra, com a suppressão do captiveiro, ficaria, pois, muito comprometida, e sendo ella a base da nossa economia geral, o choque proveniente da abolição seria, no minimo, fatal ao regime monarchico. Accresce ainda que faltava a Pedro II, apesar das suas qualidades indis

putaveis, a capacidade de resolução que o momento exigia. D. Pedro II era afouto no conceber mas lento, e por vezes caprichoso, no executar. A vontade não acompanhava a rapidez do pensamento. Emquanto moço, o vigor do seu espirito poude compensar a tibieza dos seus actos. Mas, á medida que envelhecia, o soberano admiravel, ia pouco e pouco, perdendo, com a saude combalida, a varonilidade. Partidario da abolição progressiva, feita de modo a prevenir a riqueza geral, não conseguiu, porém, deter a onda crescente dos abolicionistas extremados, entre os quaes figuravam tribunos como Joaquim Nabuco e poetas como Castro Alves.

Além disso, o exemplo das democracias federalistas do continente americano ganhava terreno entre nós, e, se das idéas novas não participava realmente a maioria da nação que estudava e pensava, por ellas se batiam os homens nascidos do caldeamento ethnico que se operava em todo o paiz. Encontravam-se assim, frente a frente, as duas correntes que, desde a colonia, se desenvolviam parallelamente, através das nossas lides domesticas: a dos moderados, que se conservaram sempre fieis ás tra-

dições da realeza, e que, por duas vezes, evitaram a Republica, em 1822 e em 1831; e a dos radicaes, que, desde 1817, forcejavam por implantar o systema republicano federativo no Brasil.

Feita a abolição, de uma assentada, foi profundo o descontentamento das classes conservadoras, e a nobreza da terra, o maior sustentaculo do sceptro, ou lhe voltou as costas indifferente, ou começou a lhe dar combate sem treguas. Com a adesão do exercito, inhabilmente maltratado pelos ultimos ministerios imperiaes, o partido republicano, sem derramar sangue, extinguiu em poucas horas, na surpresa de uma parada repentina, a dynastia d'os Braganças na America.

Foi-nos tão salutar, porém, a lição do Imperio, que, embora feita pelas armas, não ficou a Republica debaixo dellas. Dentro e fóra do paiz, continuamos fieis aos principios basicos da nacionalidade, que o positivismo e o apressado materialismo politico dos primeiros annos da democracia foram incapazes de vencer. Proseguindo no caminho que nos traçaram as gerações passadas, temos mantido a dignidade do paiz, dentro da ordem e do trabalho. Re-

solvemos todas as questões internacionaes por accordos e tratados de arbitramento.

Encontrando a nacionalidade formada e unida por laços indissolueis, em um territorio que se estende por quasi nove milhões de kilometros quadrados, a obra da Republica tem sido principalmente a de dar maior impulso ás nossas actividades economicas e commerciaes. Anno para anno, sobem as cifras da nossa producção, e o Brasil, que ha bem pouco, era o paiz da borracha e do café, é hoje um largo centro industrial, onde já se fabrica tudo quanto importavamos, antes, do estrangeiro. A população, mercê dos nascimentos e das continuas correntes immigratorias, elevou-se de 15 a 32 milhões de almas.

A cultura intellectual acompanha de perto o evolver material do Estado; difunde-se a instrucção publica primaria, secundaria e superior. Abrem-se por toda a parte collegios, academias, universidades, institutos de aperfeiçoamento, cursos de altos estudos, despertando, assim, esse interesse crescente que as nossas cousas provocam no exterior, e do qual, ainda agora nos offerece desvanecedor testemunho o

governo francês, creando na Sorbonna uma cadeira de lingua e literatura brasileira.

Temos, entretanto, graves responsabilidades, no sentido de tornar o nosso paiz cada vez mais conhecido em nosso continente.

As novas gerações do nosso paiz devem pôr todo o seu empenho no fecundo trabalho de approximação entre os povos latino-americanos. Confinados em nossas fronteiras, só temos olhos para ver a insidiosa Europa. Soffremos de um particularismo nefasto.

Coloquemos acima do livro francês ou inglês, o conhecimento mutuo das possibilidades americanas. A nossa literatura ainda é, na generalidade, producto de enxertias. Ao revés de lermos, para escrever, urge vermos, analysarmos, palpamos os elementos activos do meio em que obramos.

Basta de fecundação artificial!

Não tenhamos receio de que nos taxem de barbaros. Amemos a nossa barbaria, da qual os europeus não podem mais prescindir. Deixemos em paz os marmores da Acropole e as torres das cathedraes gothicas. Nós somos os filhos das serranias e das florestas, e, se quizermos crear uma

civilização, arranquemos, desde já, as máscaras postiças que encobrem as nossas verdadeiras physionomias.

O nosso dever é destruir o preconceito europeu, o peor, o mais nocivo de todos os nossos males. Démos á historia dos povos americanos o lugar de eminencia que, em nossas cogitações, occupa a das nações de outros continentes. Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano. Temos o prejuizo das formulas, dos postulados e das regras que não se adaptam ao nosso temperamento.

O nosso dever é combater todos esses desvios, completando com a do pensamento, a obra da nossa independencia politica.

O nosso dever é erguer, dentro da nossa communhão, na generosidade e no esplendor da belleza e da força, a civilização latino-americana, gerada em nossa carne e fruto do nosso sangue.



# LITERATURA BRASILEIRA



A historia da literatura brasileira pode ser dividida em tres periodos, muito embora a precariedade de taes classificações dê sempre ensejo ao referver das contendas inuteis (1). Entre os annos de 1509 e 1750, mais ou menos, transcorre o seu primeiro periodo, ou de formação, quando era absoluto o predominio do pensamento portuguez; de 1750 a 1830, quando os Arcades da escola mineira começaram a neutralizar, ainda que pallidamente, os effeitos da influencia lusitana, entrou ella em seu segundo periodo, ou de transformação; finalmente, quando os românticos, os naturalistas e os symbolistas trouxeram ás nossas letras o influxo de novas correntes de idéas, isto é, de 1830 em diante, tornou-se a literatura brasileira realmente nacional, começando, então, o terceiro periodo, que poderíamos chamar autonomico.

(1) Cf. Ronald de Carvalho: *Peq. Hist. da Lit. Brasileira*, cap. 3.º 2.ª ed. 1922.

## PERIODO COLONIAL

*Século XVI*

Em sua primeira phase não apresenta a nossa historia literaria grandes individualidades, que, ou pela cultura ou pela força do engenho, se impuzessem á estima dos posteros. No século XVI, especialmente, foi a literatura um simples reflexo da terra. Os primitivos colonizadores, entre os quaes é mister não esquecer nunca os apóstolos da Companhia de Jesus, os Nobrega e os Anchieta, deante da magnificencia do ambiente circumstante, limitaram-se a fazer o elogio das nossas paisagens, da opulencia e uberdade dos nossos campos e vergeis. Sómente um poeta, ou melhor, um cortezão amigo das boas letras, tentou elevar-se a um genero mais alto que o de regra usado nas epistolas apologeticas ou nos autos de indole religiosa, escriptos para entretenimento e edificação dos selvicolas. Vivendo num meio, cuja pompa Fernão Cardim, na sua Narrativa Epistolar, descreveu

entre extasiado e rabujento, Bento Teixeira Pinto quiz deixar d'elle e do fidalgo que mais relevo lhe deu, testemunho condigno. Eis ahi a razão da sua *Prosopopeia*, a mais antiga producção litteraria que conhecemos, poema epico feito em louvor de Jorge de Albuquerque Coelho, onde, é bom ponderar, só o valor da intenção tem valimento. As Musas desabrocharam mofinas no Brasil.

Não foram os prosistas porventura mais notaveis. Suas obras, porém, são de mais preço, porquanto, dizem do nosso torrão, e dos seus primeiros povoadores e habitantes. São, assim, repositórios onde o historiador foi encontrar, mais tarde, os elementos indispensaveis ao conhecimento das origens do nosso paiz. Entre esses escriptores e obras do seculo XVI são dignos de nota e referencia os *Dialogos das Grandezas do Brasil*, cuja autoria não pode ainda ser definitivamente fixada; a *Historia da Provincia de Santa Cruz*, de Pero de Magalhães Gandavo, o primeiro homem que se occupou das nossas cousas; o *Tratado Descriptivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Souza, fonte de preciosas informações sobre chorographia, topographia, phy-

tologia, zoologia, assim como outras muitas relativas ao clima, e á natureza americana; a *Narrativa Epistolar*, do padre jesuita Fernão Cardim, e o *Diario da Navegação da Armada que foi á Terra do Brasil em 1530*, de Pero Lopes de Souza, que manejava com igual mestria a penna e o tabuco, á semelhança de quasi todos os gentis homens navegadores de Portugal.

### *Seculo XVII*

O seculo XVII é, sem duvida, já pelo lado social e politico, já sob o aspecto intellectual, muito mais importante que o precedente. O sentimento nacional, raro e vacilante no seculo anterior, revigora-se nas lutas contra os conquistadores estrangeiros; a riqueza cresce progressivamente, a agricultura floresce nas villas e cidades litoraneas; a pecuaria se desenvolve em algumas zonas do interior; e as bandeiras começam, por valles e montes, florestas e descampados a formidavel empresa do desbravamento do nosso solo, que, então, se vai dilatando das regiões praieiras em direcção do planalto central.

Gozavam as letras, com especialidade na Bahia, que herdara de Pernambuco o prestígio intellectual, de grande estimação. Os poetas do Renascimento italiano, espanhol e português, como Tasso, Góngora, Quevedo, Lope de Vega, Gabriel de Castro, e outros mais, eram lidos, commentados e imitados. Como nos do Portugal de D. Francisco Manoel de Mello, predominava entre os nossos letrados, quasi todos educados em Coimbra, a influencia de Marini e seus discipulos. Havia por esse tempo muitos cultores da boa latinidade. Os chronicistas e historiadores classicos eram meditados e conhecidos, fornecendo, não raro, grande copia de motivos á eloquencia sacra.

Entre os prosadores da epoca, sobressaíram Frei Vicente do Salvador, o maior delles, celebrado autor da — *Historia do Brasil*, — obra das mais consideraveis que nos legou a Literatura colonial; Manoel de Moraes, — cujos livros são conhecidos unicamente pelos gabos de certos escriptores, como João Laet —, Diogo Gomes Carneiro, Fr. Christovam da Madre de Deus Luz, Eusebio de Mattos, que deixou fama de orador consummado, e Antonio de Sá, ap-

pellidado pelos contemporaneos o Chrysotomo Português.

Entre os poetas, podem mencionar-se Bernardo Vieira Ravasco, Domingos Barbosa, Gonçalves Soares da Franca, Manoel Botelho de Oliveira, Gregório de Mattos Guerra, José Borges de Barros, Gonçalo Ravasco Cavalcanti de Albuquerque e João de Brito Lima, todos pertencentes á denominada escola bahiana. De todos elles, porém, com excepção de Gregorio de Mattos e Botelho de Oliveira, restam apenas produções somenos.

Manoel Botelho de Oliveira, nos sonetos, madrigaes e canções de que se compõe a sua *Musa do Parnaso, em quatro coros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante comico reduzido em duas comedias*, é poeta seguramente menos importante e pomposo que o titulo do seu livro. É de regra, entretanto, salvar-se de todos os seus versos imitados de Gongora e Marini, o poemeto descriptivo: *A Ilha da Maré*, onde se mostra um attento admirador das nossas frutas e dos nossos cereaes.

Pode-se dizer que a Ilha da Maré é um poema heroico inspirado nos productos

naturaes do Brasil. Não é de espantar, consequentemente, que a materia de tal poesia se revele prosaica.

De Gregorio de Mattos, todavia, já não é licito affirmar o mesmo, sem grave erro ou má fé. Foi elle, em verdade, a figura mais alta da nossa poesia até os arcades do seculo XVIII e, porventura, como satirico, um dos melhores exemplares do genero entre nós. Em que pése ás suas muitas fraquezas, ás suas paraphrases de Quevedo e a outros tantos defeitos facilmente explicaveis, Gregorio de Mattos é um typo varonil, de linhas accentuadas e caracteristicas. José Verissimo foi injusto quando, levado não sei por que extremos, lhe rebaixou a physionomia, de modo tão aspero. Foi injusto, porquanto, só teve olhos para as suas miserias, esquecendo-se do homem e das circumstancias em que viveu, e ainda porque o considerou exclusivamente como um truão, um individuo sempre prompto a fazer peditorios derramados aos figurões da epoca. Gregorio de Mattos não se revelou apenas satirico despejado; mostrou-se, igualmente, lirista sensivel, moralista imaginoso e discreto, quando lhe corria o sangue mais calmo nas veias.

Sua obra é um espelho do tempo. Ella reflecte os ridiculos e os vicios da gente, que nos governava de bota e esporas e de quem o poeta soffreu tanto. Ella nos depara, ainda, uma alma cheia de notas delicadas, capaz de sentimentos finos e elevados. Se, em dia aziago, Gregorio despejou a bilis contra certos mazombos atrevidos, não é menos verdade que, muita vez, deixou o coração cantar livremente cousas mais subtis e polidas que a invectiva grosseira. Elle representa, na historia das nossas letras, a revolta do bom senso popular contra as ninharias ridiculas da fidalguia reinol; a bravura do julgamento desassombrado, muitas vezes perigosa, contra a covardia dos aulicos, sempre caroavel aos mandões; a nobreza do character contra a nobreza do sangue, a força da intelligencia contra a sinuosa intriga escorregadiça.

### *Seculo XVIII*

O seculo XVIII, durante o qual os caminhos de penetração para o interior tanto se dilataram, sob o influxo das Bandeiras e do descobrimento das minas de ouro e

diamantes, apresenta uma novidade, no ponto de vista literario. Data dos seus primordios o apparecimento das academias literarias em nosso paiz. Em 1724, funda-se a Academia Brasileira dos Esquecidos, na Bahia, sob o patrocínio do proprio Governador, seguindo-se, mais tarde, a dos Felizes e a dos Renascidos, aquella no Rio de Janeiro e esta em S. Salvador. Dos academicos, entretanto, restam poucas e esparsas noticias. Foram elles os poetas e prosistas do tempo. Se a sua obra é geralmente desconhecida, salvaram-se, ao menos, do olvido alguns nomes, como os de Sebastião da Rocha Pitta, poeta secundario mas historiador de certa valia, Brito Lima, Gonçalo Soares da Franca, João de Mello, Luis Canedo de Noronha, Manoel José de Cherem, José Pires de Carvalho e Albuquerque, Fr. Manoel Rodrigues Correia de Lacerda, e os irmãos Bartholomeu Lourenço e Alexandre de Gusmão. São esses, posta de lado a figura de Alexandre de Gusmão, celebre por suas *Cartas*, ponteadas de ironia, assim como a do seu irmão, mais conhecido por seus trabalhos scientificos e por sua nomeada de precursor dos estudos de aeronautica, os poetas do momento. Nem

um, entretanto, merece especial registo, por quanto, todos, mais ou menos, cultivaram o genero desgracioso e postiço então predominante.

Sómente Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, poderá ser apontado, entre tantos versejadores, apesar do tom enfadonho do seu poema — *Eustachidos* —, onde o mau gosto corre pãrelhas com a inopia do engenho.

A *Ilha de Itaparica* salvou-o do total esquecimento, em que os demais justamente ficaram. E outro destino não mereciam individuos, que se interessavam mais pelo boleio das phrases castigadas e pelos «epigrammas subtis e altisonantes», segundo confissão de um delles, que pela verdadeira poesia.

Não ha como negar, entretanto, que taes academias literarias eram seguro indicio de que se estava operando uma transformação lenta no curso do nosso pensamento, ainda que as correntes portuguezas continuassem a actuar predominantemente aqui. Já havia um certo orgulho em ser brasileiro, em mostrar que possuíamos, tambem, e com voz propria, uma literatura. Reflectindo esse bizarro sentimento, apparecem

alguns trabalhos accentuadamente brasileiros, como o — *Peregrino da America* — de Nuno Marques Pereira, a — *Historia Militar do Brasil* — de José de Mirelles, o poema — *Brasilia* — de Soares da Franca e a — *Historia da America Portuguesa* — de Rocha Pitta, o documento mais notavel da epoca. Os prosadores, pois, sobrelevam aos poetas. Basta citar esta ultima obra, para ver confirmado semelhante juizo. Com Antonio José, por alcunha O Judeu, que, aliás, em nada influio nas letras patrias por ter vivido e morrido em Portugal, são esses os espiritos mais representativos, na primeira metade do seculo XVIII, da nossa literatura.

### *Os Arcades*

O segundo periodo da nossa historia literaria começa com a escola mineira e acaba no dealbar do romantismo, isto é, vai de 1750, aproximadamente, a 1830. Seis poetas constituem a chamada escola mineira. São elles: Santa Rita Durão, Basilio da Gama, Claudio Manoel da Costa, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Antonio Gon-

zaga e Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Os dois primeiros cultivaram o genero epico, os outros foram principalmente liricos, com excepção de Claudio, que nos legou tambem um poema heroico, o — *Villa Rica* — e de Gonzaga, que, segundo todas as probabilidades, escreveu um poema satirico, as — *Cartas Chilenas*.

Pela originalidade do estro e do feitio, assim como pela força da expressão, o *Uruguay*, de Basilio da Gama, é o mais perfeito e melhor poema surgido no Brasil em todo o periodo colonial; Santa Rita Durão ainda era um camoniano, e Claudio um discipulo fidelissimo da escola arcadica francesa e italiana, como os demais poetas do seu grupo. Distingue-os um sentimento muito cuidado da fórmula, uma graça de composição e um comedimento de linguagem singulares. Elles prepararam, como notou com acerto Sylvio Romero, o advento do romantismo, não pelo que a sua poesia tivesse de commum com o espirito romantico, mas porque, educados sobretudo nos principios dos encyclopedistas, alargaram os horizontes da nossa cultura, indo buscar, fóra da Metropole, os seus modelos. A sombra da pleiade mineira, versejaram ou-

tros liristas de menor importancia, como sejam, na poesia satirica, Antonio Mendes Bordallo, João Pereira da Silva, Costa Gadelha, José Joaquim da Silva e Francisco de Mello Franco, este mais considerado como cientista; na poesia de amor, Domingos Vidal Barbosa, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, e Domingos Caldas Barbosa, o mais afortunado e famoso de todos.

Não teve a prosa, em todo o seculo XVIII, o relevo apresentado pela poesia. Faltava-nos, ainda, para tanto, um scenario mais amplo que, só no seculo XIX, surgiu aos olhos dos nossos escriptores. Mathias Aires, autor das — *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* — foi o unico prosista consideravel dentre todos os seus contemporaneos, embora não chegasse a influir no curso do nosso pensamento por ter vivido sempre longe do Brasil. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Fr. Gaspar da Madre de Deus, Antonio José Victorino Borges da Fonseca e Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão continuaram a tradição dos Rocha Pitta, escrevendo chronicas e genealogias, como o — *Novo Orbe Seraphico Brasilico* —, a *Nobiliarchia Paulistana*, e

outras obras de igual jaez, onde as velhas teclas usadas na *Historia da America Portuguesa* repetidamente batem, ora com mais, ora com menos vigor. O pensamento dos nossos homens, ou não podia expandir-se sob os freios dos Vice-Reis solertes da Metropole, ou não tinha ainda a força necessaria para a realização de trabalhos mais alentados unicamente compatíveis com um estado social mais desenvolvido e mais livre.

### OS ULTIMOS ARCADES

Sómente no seculo XIX, por varias razões de ordem moral e politica, é que a literatura brasileira entrou na sua phase verdadeiramente nacional. A elevação do Brasil a Reino, a transladação da Côrte Portuguesa para o Rio de Janeiro, a abertura dos nossos portos, antes frequentados exclusivamente pelos navios da Metropole, ao commercio universal, o apparecimento dos primeiros jornaes, como *O Patriota*, onde collaboraram, entre outros, Silva Alvarenga, Manoel Ferreira de Araujo Guima-

rães, a instituição da Imprensa Regia, hoje Imprensa Nacional, e, finalmente, a proclamação da Independencia, com todas as lutas que, então, se accenderam, e onde se formou definitivamente o character da nova raça, contribuíram para formar o espirito nacional, dando vigor e alento ás timidas vozes de autonomia, que eram, outrora, abafadas pela camarilha dos funcionarios e administradores lusitanos.

No curto espaço de trinta annos, foram desapparecendo rapidamente os signaes da Metropole na Colonia. Com o afastamento dos Conde de Rezende e seus semelhantes; com a ruina dos homens que, em 1817, estabeleciam distincções cavilosas entre brasileiros e reinões, o campo ficou livre á espera das primeiras sementes, que não tardaram a medrar e frutificar. Ao lado dos nomes de José Bonifacio de Andrada e Silva, Mont'Alverne e José da Silva Lisboa, surgem nessa epoca de agitação e duvida, de reconstituições e tentativas de reformas, de temores e temeridades inesperadas, de que a cidade do Rio de Janeiro, como Capital do novo Imperio Português se fizera o centro, os de Antonio Pereira de Souza Caldas, o maior poeta do tempo,

Fr. Francisco de S. Carlos, José da Natividade Saldanha, Januario da Cunha Barbosa, Bastos Barauna, Francisco Ferreira Barreto, José Eloy Ottoni, Francisco Villela Barbosa, Domingos Borges de Barros, Fr. Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio, Balthazar da Silva Lisboa, Azaredo Coutinho, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Evaristo da Veiga, Antonio de Moraes e Silva, assim como o de muitos outros, com cuja actividade largamente lucrrou a evolução do nosso pensamento, na poesia, na historia, na eloquencia profana e sacra, nas sciencias e nas artes.

Sentia-se, ainda, na poesia, o influxo dos arcades ultramarinos, cuja obra a Universidade de Coimbra, onde estudavam os nossos mais excellentes engenhos, se honrava de continuar. O arcadismo, ligeiramente modificado pelos ensinamentos do racionalismo encyclopedista, tinha os mais fervorosos adeptos. O sinete da escola de Felinto Elysio perdurava nos versos dos nossos poetas; os Amores, as Venus, as Thetis, os Neptunos e os Bacchos frequentavam, com as settas aceradas, os louros cabellos rebrilhantes, os pesados sceptros e as rondas aligeras de Ménades, todos

os poemas de então. A lição da Escola Mineira não se apagara completamente; antes, proseguia repetida com muito menos menos personalidade, graça e elegancia.

Entre os prosadores, merecem lembrados os nomes de Mont'Alverne, orador de grandes recursos, introductor dos estudos de philosophia em nosso paiz; José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú, jurisconsulto, economista e politico eminente; Marianno José Pereira da Fonseca, Marquez de Maricá, famoso autor das populares — *Maximas, Pensamentos e Reflexões*; José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo, historiador de merito; Hypolitto José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, o primeiro jornalista consideravel do Brasil, redactor, director e fundador do *Correio Brasiliense*, celebre por sua ardorosa campanha contra os Braganças; Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, orador de bello estilo; Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, orador, poeta e jornalista; José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, historiador e chronista; Luiz Gonçalves dos Santos, historiador; Balthazar da Silva Lisboa, historiador, jurista e naturalista; Ignacio Accioli Cerqueira e

Silva, historiador; Azeredo Coutinho, publicista; Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, orador e politico; Evaristo Ferreira da Veiga, jornalista de nomeada; Manoel Ayres do Casal, geographo e historiador; e Antonio de Moraes e Silva, lexicographo illustre, autor de um dos melhores dictionarios vernaculos.

## OS ROMANTICOS

Depois da independencia politica, esforçaram-se os nossos avós por fazer a litteraria e artistica. Coincidindo o movimento, que aqui se operava, com a renovação romantica, vinda através da Inglaterra e da Allemanha para a França, nada mais natural que nós, já sob a fascinação da litteratura franceza, procurassemos no Romantismo o roteiro intellectual. Reagindo contra os remanescentes do estilo classico, que lhes lembrava, quando menos, os estreitos processos da metropole, entregaram-se confiantes os nossos escriptores á nova corrente que, então, entrava

em sua phase mais brilhante. Voltaram-se para a terra natal, e, vendo a sua enormidade inculca e desconhecida, procuraram fazer della uma grande e nobre nação. Entramos, pois, sob o influxo do Romantismo, no periodo autonomico da nossa literatura.

Desprezados os nomes de muitos poetas sem maior significação, veremos que a nossa poesia romantica apresenta quatro feições distinctas. Na primeira, depara-se-nos Gonçalves de Magalhães; na segunda, Gonçalves Dias; na terceira, Alvares de Azevedo; na ultima, Castro Alves. Gonçalves de Magalhães é geralmente considerado o progonio do movimento romantico em nossa patria. O apparecimento dos *Suspiros Poeticos*, em 1836, saudado por todos os criticos de responsabilidade como obra original e vigorosa, marcou epoca em nossas letras. A novidade de tal poesia não estava no calor do sentimento patriotico, pois, desde a escola mineira, e porventura ainda mais longe, com Gregorio de Mattos e Rocha Pitta, muitas vozes nativistas ecoaram por aqui; não estava, tambem, no accento religioso, já distincto em Souza Caldas, mas na intima expressão de ambos, com a predominancia ora de um, ora de outro. A

forma apparece, por igual, mais variada, complica-se mais, apesar de guardar ainda um caracteristico sabor classico, muito do agrado de Magalhães. Elle influio na poesia nacional:

1.º) — porque lhe deu mais liberdade, maior movimento de rythmos e mais fantasia nos assumptos;

2.º) — e porque lhe introduzio um alto caracter religioso e patriotico, largo e eloquente.

Gonçalves Dias foi, sem duvida, a primeira voz definitiva da nossa poesia, aquelle que nos integrou na propria consciencia nacional, que nos deu a oportunidade venturosa de olharmos, rosto a rosto, o deslumbramento dos nossos scenarios. Nesse homem pouco vulgar palpita com inegalavel intensidade a luz dos nossos horizontes, a limpidez de nossos ceus, e o sonoro fragor dos nossos rios. Ninguém, até elle, mostrara em tão elevado grau essa comprehensão da natureza, esse conhecimento profundo e claro do seu papel na poesia. Ha por toda a sua obra, acompanhando as

notas de bucolismo, ou as religiosas, ou as puramente descriptivas, um idillio permanente com a natureza, de que era elle enamorado singular. Não se lhe percebem as ruidosas proclamações patrioticas dos românticos da primeira hora; não se lhe descobrem, tambem, as fastidiosas tiradas sobre a immortalidade da alma, a existencia de Deus, a perfeição da Igreja, e outras divagações quejandas, muito estimadas do autor dos — *Canticos Funebres* — e dos seus epigonos. É como poeta da natureza que deve Gonçalves Dias ser estudado, sem o que não conseguiremos apanhar-lhe a physionomia interior. O indianismo não foi mais que um resultado dos seus pendores, pois, elle se aproveitou da vida selvagem para poder mostrar, em toda a sua pujança, a luxuriante e colorida terra brasileira.

Com Alvares de Azevedo, tomou a nossa poesia rumo differente e matizes novos. A sua — *Lyra dos Vinte Annos* — trouxe ás nossas letras o amargor ironico de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelley e Espronceda, e o pessimismo imaginativo de Leopardi. Os aspectos ruins da vida, os vicios e as deformações de toda especie, a attração pela

carne, o desejo lubrico e desvairado irromperam de todos os carmes, como se a nossa poesia estivesse entregue, momentaneamente, a angustiosos hystericos. Concorria para aggravar o mal, não só a novidade seductora dos cantos, mas ainda a morbidez ingenita dos cantores. Uns, por doenças phisicas, outros por soffrimentos moraes, o certo é que todos os imitadores de Alvares de Azevedo mostraram-se fracos e desalentados em face da vida, sem energias para o rude combate do mundo, em constante conflicto com o ambiente em que viveram, reagindo apenas com imprecações e ameaças, sorrisos e suspiros, contra a onda temerosa que os arrastava no seu torvelinho. A poesia da duvida, ao mesmo tempo dolorosa e ironica, elevou-a Alvares de Azevedo á mais alta intensidade, servindo-se para isso de um estilo cheio de tons velados, e daquellas meias tintas tão do gosto dos satanistas, como Baudelaire e Rollinat, aos quaes, diga-se de passagem, nada ficou devendo o nosso poeta. Emulos de Alvares de Azevedo foram Laurindo Rabello, o *poeta lagartixa*, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, lirico dos mais populares do Brasil, e Fagundes Varella, um

dos nossos melhores poetas descriptivos, de larga e numerosa inspiração.

Castro Alves encontrou na campanha abolicionista a finalidade da sua ardente poesia; elle possuia, além de admiravel poder verbal, emoção agudissima e fina sensibilidade. Juntava, assim, as duas forças motrizes da poesia, isto é, a eloquencia, que pertence á imaginação, e a doçura que é fruto do sentimento. Não podia deixar de ser, pois, como realmente o foi, um dos maiores creadores de symbolos, não só da nossa, senão até das letras portuguezas, muito embora lhe sahisse por vezes impura a dicção e abusasse constantemente das chamadas licenças poeticas, que são o visgo, onde a sua larga asa se despluma inutilmente. Vibram-lhe nos poemas, cordas ignoradas de paixão e ternura, uma onda de perfumes se desprende dos seus versos de amor, onde reponta um sainete de fatalidade, proprio das raças mestiças, voluptuosas e sensuaes. Quando deixava falar o coração, simplesmente, de si para si, fundiam-se todas as arestas duras numa perspectiva suavissima, feita de tonalidades cambiantes, de macias sombras e odoriferos vergeis. Nossas paisagens entremostravam-se,

por um momento, engalanada de ramagens ricas e aromaticas, o corpo moreno das nossas mulheres destacava-se das folhas reluzentes de orvalho dos espaçosos valles.

Quando, porém, sua voz se elevava para reivindicar direitos opprimidos, como em *Vozes d'Africa* e no *Navio Negreiro*, para estigmatizar tyrannias inglorias, como em *Pedro Ivo* e *No Meeting do Comité do Pão*, ou para descrever a dureza de certos preconceitos sociaes, como em *Ahasverus e o Genio*, sua Musa era bem um incendio em marcha, para empregar uma expressão de Michelet.

O successo do seu lyrismo declamatorio, empolado e brilhante, onde refulgem, de trecho a trecho, imagens de uma formosura quente e arrebatada, tem as raizes no character grandiloquente e emphatico da raça brasileira. Elle foi, e é ainda amado, aqui, por varias razões de ordem moral, porquanto é, de certo modo, um genuino representante do nosso pendor para o excessivo, até para o extravagante.

Ao lado desses quatro poetas de maior significação, poderemos mencionar Porto Alegre, autor do *Colombo*, largo poema em versos brancos, onde ha porções de real

belleza; Francisco Octaviano de Almeida Rosa, em cuja obra se encontram ainda ressaibos de classicismo, á maneira de José Bonifacio; barão de Paranapiacaba, celebre por suas traducções, entre as quaes avulta a das *Fabulas de La Fontaine*; Antonio Francisco Dutra e Mello, que foi tambem critico perspicaz; Aureliano José Lessa, lirista delicado; José Bonifacio, o moço, poeta eloquente; Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, colorista agradavel e descriptor elegante; José Alexandre Teixeira de Mello, que versejou com sentimento, á feição de Casimiro de Abreu; Pedro Luiz Soares de Sousa, onde se encontram muitas notas particularmente caroaveis aos condoreiros, aos quaes, é mistér dizer, precedeu de alguns annos; Trajano Galvão de Carvalho, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, Gentil Homem de Almeida Braga, Mello Moraes Filho, todos bucolistas leves e agradaveis; Victoriano Palhares, cujo estro patriotico e inflamavel faz lembrar o de Castro Alves; Moniz Barreto, o repentista; Luiz Gama, o endiabrado mestiço da *Bodarrada*, Bruno Seabra e Joaquim Marinho Serra Sobrinho, que descreveram com chiste alguns aspectos do nosso meio sertanejo

os quaes, em nada concorreram para imprimir feições novas á Poesia no Brasil.

Os prosadores do periodo romantico são dos mais notaveis da nossa literatura. Sómente com Manuel de Macedo e José de Alencar é que a prosa de ficção tomou physionomia propria, ganhou contornos definitivos, e avultou em nossas letras. Antes da *Moreninha* e do *Guarani* houve apenas tentativas mais ou menos felizes, como as de Teixeira e Sousa e Norberto Silva, todas mui louvaveis, porém de apoucado merecimento, se as considerarmos pelo seu valor literario. Manuel de Macedo foi o verdadeiro fixador dos nossos costumes fluminenses e cariocas naquella época ainda colonial na maioria dos seus aspectos. Elle comprehendeu admiravelmente os pendores da nossa alma popular, sentimental e piegas, e fez, com pequenas intrigas ingenuas, á guisa de um Bernardin de Saint-Pierre atrazado e rustico, a sua historia intima e simploria. Na immensa galeria dos seus personagens, alguns, a exemplo do *Moço Louro*, e da *Moreninha*, vivem na memoria de todos os brasileiros, embora os annos hajam decorrido ás dezenas desde a sua ruidosa apparição. Seu estilo, a não ser na

poesia emphatica e palavrosa, é correntio, agradável, flue serenamente. Faltava-lhe apenas um certo colorido, mas é sempre correcto no desenho das creaturas e na descripção das paisagens, posto lhe não seja castiça a dicção. Esse colorido, quem o teve por excellencia foi José de Alencar. O *Guarani* e *Iracema*, sem esquecer as *Minas de Prata*, são obras fundamentaes para quem quizer conhecer a historia do nosso romance. Alencar possuia o genio do pitoresco. Seus romances de indole americana, incontestavelmente os melhores que produzio, são verdadeiras epopeias, onde a urdidura da intriga é quasi sempre um pretexto para a pintura de uma serie de quadros e paineis naturaes, de impressivo poder descriptivo. Aprendemos com elle a ter estilo, isto é, a considerar o romance como obra de arte, e não simplesmente como um divertimento, um mero jogo de situações, mais ou menos possiveis, ou um punhado de anedotas picantes. Se não bastassem as suas qualidades de lirista delicado e imaginoso, Alencar teria ao menos influido pela riqueza da forma, antes d'elle desconhecida em nossa prosa de ficção. Succedendo a Macedo e Alencar, surgiram Manoel de Almeida,

autor das *Memorias de um Sargento de Milicias*, onde se vislumbra um narrador sagaz do meio popular no Rio de Janeiro; Bernardo Guimarães, pintor artificioso, mas interessante, do ambiente sertanejo; Franklin Tavora e Escragnolle Taunay, ambos notaveis por suas novellas de assumpto nacional, das quaes, *O Cabelleira*, do primeiro, e *Innocencia*, do ultimo, deveriam ficar popularizadas em nosso paiz.

Entre os criticos, publicistas e historiadores desse periodo, vale apontar Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto-Seguro, um dos mais activos pioneiros dos estudos historicos e literarios, e o maior escavador de archivos de que ha noticia no Brasil; Pereira da Silva, cuja obra um tanto fantasista revela espirito operoso; Sotero dos Reis, especie de Quintiliano brasileiro, de muita lição e pouco aprazimento para o leitor; Joaquim Norberto de Souza e Silva, esforçado amigo das nossas tradições, e João Francisco Lisboa, o critico mais sagaz e agudo entre os seus contemporaneos.

Aos romanticos devemos, tambem, a criação do theatro nacional. Pode-se affirmar que elle surgio em 1838, com a tra-

gedia *Antonio José*, de Magalhães, e a comedia de Martins Penna, *O Juiz de Paz na Roça*. Sobresairam, no genero, o já citado Martins Penna, talvez o mais forte theatrologo do tempo, França Junior, Macedo, Alencar, Agrario de Menezes, Pinheiro Guimarães, Augusto de Castro e Alvaro de Carvalho. O theatro do romantismo é, porventura, até hoje, o mais caracteristico da nossa literatura, pelo menos o mais nacional, sem preoccupações estrictamente regionaes, e por isso, perfeitamente sincero e representativo.

## OS NATURALISTAS E OS PARNASIANOS

Succedendo aos romanticos, sem transição violenta, porquanto, entre aquelles já havia elementos fartamente aproveitados mais tarde, vieram os naturalistas. Propunha-se o naturalismo olhar com mais penetração a realidade, ver a vida sem paixão nem grita. A linha objectiva deveria preoccupar mais os naturalistas que os thesou-

ros fallaciosos do mundo subjectivo. A exemplo daquella «belleza immovel» de Baudelaire, sua arte não deveria chorar nem rir. Tudo, porém, seriam maravalhas, enganos da novidade. Os parnasianos não desertaram das fontes tradicionaes do nosso lirismo. Guiados, a principio, por Machado de Assis, Luis Guimarães Junior e Gonçalves Crespo, dissidentes do puro romantismo, os nossos chamados parnasianos foram procurar modelos principalmente na poesia franceza, em Leconte de Lisle, Heredia, Gautier e Sully Prudhomme.

Cabe a Raymundo Correia, Olavo Bilac e ao sr. Alberto de Oliveira, primordial logar entre os representantes dessa corrente. Raymundo Correia é o mais profundo, o mais arguto e penetrante dos tres; Bilac é o mais amoroso, o mais lirico, e perfeito; o sr. Alberto de Oliveira, o mais nacional, aquelle que mais intimamente soube traduzir os encantos da nossa terra.

Não se mostraram porventura mais *impassiveis* que os poetas os prosadores do naturalismo. A historia do romance naturalista, aqui, está feita na obra de quatro escriptores: Machado de Assis, Aluisio Azevedo, Julio Ribeiro e Raul Pompeia. Ma-

chado de Assis é o psychologo, sobreleva a todos pela profundeza da intelligencia, pelo apuro da linguagem, pela sobriedade da forma e pela ironia subtil, que o aproxima da linhagem dos Sterne, dos Swift, na Inglaterra, dos Anatole, na França, e dos João Paulo, na Allemanha. Da sua obra se desprende um sentimento de constante preocupação pela belleza ou pela miseria terrena, e uma rara comprehensão da triste inutilidade a que as contingencias reduziram o coração e o espirito do homem. Em seus romances, o *documento humano* não obedece a um plano preconcebido, a um postulado primordial, a uma lei qualquer scientifica ou literaria. Reflete-se nelles, apenas, um espirito indagador, que, a todo instante, se observa a si mesmo através dos outros, e vai corrigindo, com o sorriso ou a lagrima, a imagem que a vida lhe põe deante dos olhos. Machado de Assis, é, sem favor, sobre variados aspectos, o mais significativo dos escriptores de ficção da lingua portuguesa, e, especialmente entre nós, ficará como exemplo de discreção, graça de estilo e finura de percepção. Aluisio Azevedo é um impressionista, tem a visão mobil e rapida, o senso

do colorido, é um retratista seguro e espontâneo. Os flagrantes que desenhou são de uma leveza de toque admirável. Julio Ribeiro é um voluptuoso, cheio de requinte e artifício, mas possuidor de grande imaginação. Raul Pompeia é um inquieto, um insatisfeito, um poeta commovido ante o espectáculo do mundo e a fuga perenne das cousas.

Entre os criticos, historiadores e publicistas, que, de 1870 em diante se notabilizaram, estão Tobias Barreto, chefe aplaudido da chamada *escola do Recife*, engenho versátil, cultor fecundo da poesia, da jurisprudencia, da ethnographia, da philosophia e da historiographia, polemista e orador de fama; Sylvio Romero, critico abundante, autor da primeira historia systematizada da nossa literatura, *folklorista*, sociologo e professor de philosophia; José Verissimo, o mais equilibrado e sensato dos nossos criticos literarios; Araripe Junior, espirito subtil, mas escriptor nebuloso; Joaquim Nabuco, historiador elegante e orador de grande relevo; Arthur Orlando, Alcindo Guanabara, um dos nossos mais completos jornalistas, Rocha Lima, Eduardo Prado, publicista vigoroso, o sr. Capistrano

de Abreu, notavel sabedor da nossa historia, principalmente da colonial, critico e philologo distincto; e Ruy Barbosa, cuja fecunda actividade como orador, jurisconsulto e jornalista, e cujo prestigio universal honram a nacionalidade brasileira.

No theatro naturalista são dignos de registo Arthur Azevedo, Valentim Magalhães e Moreira Sampaio, que se esforçaram, o primeiro mais que todos, por continuar a tradição dos Martins Penna e dos França Junior.

## OS SYMBOLISTAS

O movimento symbolista que, ao declinar do naturalismo se esboçou, aqui, não teve maior repercusão. À sua sombra, entretanto, appareceram alguns typos interessantes, dentre os quaes Cruz e Souza é, sem duvida, o mais curioso e significativo. Sem ser um puro symbolista, não só pela technica dos seus versos, senão pelos motivos que cantou, Cruz e Souza é a figura central da reacção operada, entre nós, con-

tra os processos veristas dos parnasianos, na derradeira década do século XIX. Ha em sua poesia esse aéreo de vozes, esse vago de sentimentos e idéas que caracterizam uma forte corrente da literatura contemporanea. A semelhança do romantismo, foi o symbolismo um claro movimento espiritualista, provocado pela desillusão scien-tista dos ultimos quartéis do século findo, como aquelle já o fôra pelos excessos do racionalismo encyclopedista. Ambos são rebeldias individualistas, ambos collocam o individuo ao centro do Universo, ambos fazem do *eu* o eixo do mundo. O individualismo dos symbolistas, porém, differe do dos românticos, por isso que, emquanto este se compraz em assignalar as pequeninas tragedias de cada ser na communhão social, aquelle apparece como um ponto de referencia da dor universal, uma encruzilhada onde se vão encontrar as queixas dispersas de todos os homens que soffrem a melancolia irremediavel da vida. Refervem, na expressão da sua magua immensa, todas as duvidas que abrolham do fundo inconsciente da nossa personalidade, e que a razão, incerta, não sabe nem pode resolver. O symbolismo é uma das muitas

reminiscencias desse *mal de viver*, que, segundo parece, foi o sopro divino com que o Creador animou a creatura. Ha em Cruz e Souza, apesar das suas insufficiencias, os signaes evidentes desse mal, que, ás vezes, elle consegue traduzir com energia e vibração. Elle introduzio em nossas letras aquella «horror á forma concreta», de que já o grande Goethe se lastimava, ao fim do seculo XVIII. Toda a poesia contemporanea, no Brasil, ao menos a mais original e caracteristica, revela sensível influencia do autor dos *Ultimos Sonetos*.

Entre os epigonos de Cruz e Souza, merecem lembrança B. Lopes, poeta de curto folego, mas elegante e colorido, e Mario Pederneiras, cuja simplicidade é digna de ficar como exemplo a seguir.

## OS MODERNOS

Depois dos naturalistas e dessas primeiras escaramuças symbolistas, isto é, de 1890 até hoje, não houve, aqui, propriamente um movimento seguro e continuado, uma *escola*, na linguagem dos criticos. Poderiamos acaso notar uma reacção regiona-

lista, que a obra de Affonso Arinos, e, sobretudo, o *Chanaan*, de Graça Aranha e *Os Sertões*, de Euclýdes da Cunha, hajam porventura inspirado. Essa reacção, entretanto, cedo perdeu a vitalidade com que parecia annunciar-se. Falseado nos seus principios por uma legião de imitadores secundarios, sem conhecimento dos nossos ambientes sertanejos, sem o necessario contacto com as nossas gentes do interior, o chamado movimento regionalista, além de corromper as verdadeiras energias da nossa imaginação creadora, procurou reduzir o Brasil ao desolado e barbaro sertão e rebaixou o typo brasileiro ao puro caboclo instinctivo e inculto.

Contra esse *caboclisimo* incolor e mentiroso, contra essa representação artificial de vaqueiros improvisados, contra esses remanescentes romanticos de um novo indianismo affectado e inutil, investiram os *modernistas*. O espirito da esthetica moderna, entre nós, é essencialmente universalista. Os jovens escriptores de maior autoridade, no Brasil, estão brandindo armas poderosas contra qualquer especie de virtuosismo livresco. Foram postas de lado, violentamente, as formulas postigas do aca-

demismo, do classicismo de imitação, do regionalismo serodio, do tradicionalismo enfatuado e do parnasianismo facil. Toda essa indigesta panacéa de exercicios de rhetorica foi vencida pelo claro riso dos modernos.

Tudo isso está mostrando, não ser exaggero despejado affirmar que já possui o Brasil uma literatura em activa e crescente ascensão. Lutamos, ainda, é certo, com a exiguidade intellectual do meio, onde escasseiam os estudos systematizados, e onde a educação primaria e secundaria é por de mais viciosa e rotineira. A literatura brasileira é o producto do esforço isolado dos nossos escriptores. Falta-lhe ainda espirito collectivo, justamente porque carecemos de um ambiente de verdadeira cultura, onde os nossos problemas sejam analysados com desassombro e lucidez. Enquanto os nossos homens de letras forem apenas *litteratos*, não poderemos contar com uma literatura realmente representativa da civilização brasileira. Nada impede, entretanto, que, na America latina, occupe a historia do nosso pensamento logar de excellencia e primazia. Cabe-nos, pois, trabalhar para que o ganhemos, tambem, entre os povos mais velhos do Universo.



# ARTE BRASILEIRA.



Dos povos que contribuíram para formar a nacionalidade brasileira, só um, o lusitano, demonstrou qualidades superiores no cultivo das artes plásticas. O índio e o africano, este principalmente, não deram provas de excellencia neste particular. Para apreciar o desenvolvimento da arte nacional, no curso da nossa historia, faz-se mister dividil-a em tres periodos distinctos, a saber: a) — o da arte indigena; b) — o da arte colonial; c) — o da arte nacional.

\*Comprehende o primeiro todas as manifestações estheticas da civilização rudimentar que os descobridores encontraram no Brasil; abrange o segundo, que se estende do seculo XVI ao dealbar do seculo XIX, as tentativas feitas pelos colonizadores para adaptarem ao nosso meio a longa disciplina da cultura européa; mos-

tra-nos o terceiro, finalmente, como, sob o influxo dessa mesma disciplina, e depois de ajustados e fundidos os valores moraes e intellectuaes das varias raças que vieram povoar o solo patrio, ganhou a arte brasileira physionomia accentuada.

### PERIODO INDIGENA

O caracter do nosso indio, como o da familia tupi-guarani, de quem descende, é a instabilidade. Sua vida, seja na humida espessura das florestas ou nas praias luminosas do litoral, é a dos acampamentos, a dos pousos provisorios, num dia escolhidos e noutro desfeitos, ao sabor das necessidades immediatas. Habitando regiões uberrimas, criou-se e educou-se na fartura, colhendo o fruto que lhe descia sobre a rêde balouçante, escavando a raiz succulenta que, humilde, lhe brotava aos pés, fléchando o passaro ligeiro nos ares limpidos, ou apanhando na agua desneuada o peixe de escamas fulgidas. Estava-lhe

tudo ao alcance da mão. Ao revés do inca ou do aztéca, lutando nos planaltos ásperos contra as intempéries e a hostilidade ambiente, o timbira ou o tamoio eram absorvidos por uma natureza insidiosa, que dominava completamente o homem na sua demasiada exuberancia. O que aquelles gravaram na rocha bruta e nos metaes, esculpiram estes no osso, no barro molle ou na madeira macia. Os peruanos e mexicanos eram activos, organizados, tenazes nos empreendimentos, respeitadores da lei e da autoridade. Sabendo que, se não vencessem os rigores do meio, sairiam aniquilados da peleja, reuniram e dispuzeram todos os elementos necessarios á realização dos seus propositos.

Começaram por se estabelecer em cidades de aspecto magnifico, observando os preceitos de uma existencia patriarcal, semelhante á dos grandes povos do universo. Fixar-se num lugar, era-lhes a preocupação fundamental. Por isso, ao invés de construir, como o nosso tupi, cabildas de pau entrançado com cipó, e revestidas de sapé, talharam o granito das montanhas, elevando muralhas cyclicas, eguaes ás da Grecia pré-hellenica, e foram peritos nas

industrias metalurgicas. Enquanto procuramos os vestigios da civilização antebrahalia nos modestos sambaquís da nossa faixa litoranea, ou nos detrictos dos *mounds* e dos *kjokkenmoddings*, deixaram os incas e os aztécas, em palacios e templos sumptuosos, os mais admiraveis testemunhos da sua cultura social e esthetica.

Onde apontar, entre nós, engenheiros como os das piscinas de Copacabana, architectos como os de Huiracochapampa ou de Mitla, artistas como os dos monumentos de Huantar, Marca-Huamachu o, Tepozotlan e Xochicalco, ceramistas como os dos vasos de Chimbote ou de Tonalá, ourives como os de Pachacamac? Religião, costumes, leis, tudo obedecia, nesses grandes Imperios Americanos, a um principio fundamental: a disciplina.

O homem dos Andes e dos planaltos mexicanos era, portanto, a acção e a ordem: o das florestas brasileiras o sonho e a improvisação. A indolencia desenvolveu a imaginação do nosso indio, apurou-lhe a sensualidade, favorecida pela influencia do *habitat* tropical. Não possuindo nem uma noção de architectura, nunca chegou a planear os contornos de uma verdadeira ci-

dade. Nos seus rudes aldeamentos, feitos de «choupanas cobertas de palha ou palma, como aquéllas que hoje servem e amanhã se queimam», na pitoresca expressão do nosso velho chronista Simão de Vasconcellos, não havia margem para altas concepções de qualquer ordem. Com a fibra do curaná para as rêdes, a argila do curi para os toscos irús e arupís, as uibás para as settas, as tinturas do genipapo e do urucú para as tatuagens e as plumas para as tangas e os canitáres, contentava-se elle.

Nos seus machados de pedra, nas suas armas, nos seus instrumentos de musica e nas suas ornamentações caprichosas denuncia-se, porém, um claro e feliz pendor para as artes menores. Não lhe interessava o estilo monumental. Era-lhe a arte producto do nomadismo. Por isso, só se encontrava nas suas tabas aquillo que pudesse, em poucas horas e sem esforço consideravel, ser transportado ás costas nos compridos iamachís, durante leguas e leguas, depois de um combate mallogrado ou de uma peste enviada por Tupan.

Nos dias festivos, nos jogos e nas ceremonias funebres ou bellicosas, é que o nosso indio mostrava as suas qualidades

artísticas. Untados com succos e resinas silvestres, ornamentados com plumagens de araras, tucanos e papagaios, enquanto brincavam as crianças nos aereos macurús, e as mulheres preparavam a papa do tacacá, o tarubá de cheiro activo, o doce vinho do çaburá, pondo nas yaçauas a agua fresca, dansavam os homens, gravemente, ao som estridente das mimbís e dos torés, ao pesado bater dos torocaná e ao rythmo chocalhante dos maracás, brandindo as curabís enfeitadas e a maça rija dos cuidarús.

Brilhava, então, naquella indumentaria opulenta, o que havia de mais fino e luxuoso na tribu. Ostentavam-se as armas guerreiras, as lanças de tacuara, as çarabatanas ingenuamente lavradas, as uymbés ponteagudas, cruzando-se em todos os sentidos, no movimento cadenciado da choréa, que fazia estremecer, á cabeça dos bailarinos, o pennacho fulgurante das acangatáras. A musica dissonante e aguda se casava com o violento colorido das pennas tremulantes. Subia dos potes, das cuias, de todo o vasilhame o perfume dos vinhos de mucajá, de assay, de bacaba e de outras bebidas fermentadas.

Toda a arte do indio estava ali, nos

enduaipes verdes, azues, amarelos e vermelhos, nos desenhos lineares da ceramica, nas singelas incisões dos instrumentos sonoros, no apuro dos petrechos bellicos, na fantasia das ornamentações que realçavam as bronzeadas epidermes, nas joias e pedrarias barbaras que pendiam dos artelhos, dos pulsos, dos beiços, das faces, das narinas e das orelhas de mulheres e homens ebrifestivos.

Não trabalhando os indios nem um metal, provinham todos os seus artefactos da madeira, da pedra, do osso e do barro. As chapas douradas que, por vezes, traziam ao pescoço, nada mais eram, segundo apurou um dos nossos mais avisados anthropologos, que simples folhetas de ouro, «taes quaes se encontram ellas na natureza». (1) Sua imaginação parece estar concentrada nas lendas com que procuravam explicar a formação do mundo, a genese das cousas e dos deuses. Pouco fizeram, pois, nas artes plasticas, a não ser algumas obras despiciendas. Couto de Magalhães não esconde o seu espanto, quando narra que o

(1) Couto de Magalhães: *O Selvagem*.

unico monumento deixado pela civilização ante-cabralia é «uma especie de forte circular de terra, existente na ilha de Marojó»<sup>1</sup>.

A gente que a nossa patria deparou aos portugueses estava, portanto, no periodo da pedra polida. É curioso assignalar, aqui, o facto de não existirem restos de pedra lascada em nosso paiz, o que vem provar claramente que as florestas brasileiras foram povoadas por immigração de raças estranhas e adventicias. Agricultores, caçadores e pescadores rusticos, sem outros idéaes além dos inspirados por uma vida viandante, no seio de natureza desmedida e prodiga, os povos do Brasil não puderam erguer-se a um nível superior de cultura. Faltava-lhes, para tanto, não só um meio cosmico mais favoravel aos trabalhos de uma civilização superior, mas, por igual, um character de maior firmeza. A inconstancia e a indolencia geram a improvisação. A existencia do nosso indio é uma continua improvisação, uma desordem perenne, uma agitação sem termo. Seu espirito in-

(1) Couto de Magalhães. Ob. cit.

quieto reflectia exactamente a mobil **phy-**sionomia do torrão natal.

## PERIODO COLONIAL

A indole do portuguez, na era das grandes navegações, formava perfeito contraste com a do selvagem. A imaginação desregrada e exuberante deste oppunha aquelle um senso pratico das cousas, realmente extraordinario. Povo sobrio, de pastores, agricultores, navegadores e guerreiros, sentindo-se comprimido num trato de terra exiguo, procurou o lusitano os caminhos maritimos, afim de expandir-se livremente. O cyclo dos descobrimentos foi, antes do mais, obra de politica administrativa e economica, ajudada pela fé christã. O *interesse da mercancia*, como sagazmente ponderou Fernão Mendes Pinto, «na verdade era o que mais se pretendia que tudo»<sup>1</sup>. Atravessando os oceanos, comba-

(1) *Peregrinação*. Em busca do Corsario, cap. 1.

tendo a ferro e fogo o gentio da Asia, da Africa e da America, a maruja portuguesa dilatava, apenas, as zonas da sua influencia commercial, criando novos mercados, de onde levava á Europa o ouro, a prata, os metaes, as joias de preço, as especiarias, e toda sorte de productos nativos e manufacturados.

Dizer que as naus e as galeras dos Gama e dos Cabral se faziam ao largo por um simples impulso de aventura e por obedecerem aos caprichos do sub-consciente da raça, é puro jogo de palavras, sem nexo e sem proposito. Apesar do lyrismo peculiar ao character luso, nem um povo néo-latino herdou, como o de Portugal, as qualidades do romano. A disciplina, a intransigencia no cumprimento da lei, a resistencia e a coragem, o espirito de sacrificio, a ambição da fortuna, a solercia para attrahir os vencidos e dominal-os, são virtudes comuns aos lusitanos daquelle tempo. Participavam, por outro lado, dos defeitos romanos. Eram brutaes, desmedidos, de imaginação pouco desenvolvida, embora corrigissem a secura do temperamento com um pico de sentimentalismo lascivo, oriundo do contacto secular com os arabes da penin-

sula iberica. Pouco atreitos a gentilezas e galanterias palacianas, pois se compunha a sua Côrte, principalmente, de cavalleiros e soldados, não puzeram no cultivo das artes aquelle esméro dos italianos e franceses. Suas casas de moradia não eram, como as de Florença ou Veneza, museus custosos, não mostravam nas fachadas o rendado gracioso das residencias nobres do Arno ou do Adriatico. O mármore e o bronze não revestiam o desvão dos porticos e o peitoril das janelas, as tapeçarias de traça finissima não pendiam das paredes e não se abria nos pisos o desenho alegre dos mosaicos. Tudo que ultrapassasse o bem estar e a commodidade era superfluo. Bastavam-lhe as muralhas despidas, com dois metros ás vezes de espessura, as portas rasgadas, os torreões massiços, as pontes amplas, por onde pudessem correr as mésnadas barulhentas. Pautava-se por igual austeridade o mobiliario. Mesas e cadeiras de carvalho talhado rudemente, altas e profundas commodas, leitos immensos erguidos sobre estrados, envoltos nos velarios pendentes dos baldaquinos. A decoração interior não destoava do resto. Sómente, nos solares ricos, alguma pelle de

lobo ou raposa cobria o chão de lageas ou o poial de pedra das janellas. Eis todo o luxo dos portuguezes, nas alturas de 1500.

A arte estava nas igrejas, na architectura dos templos e nos engenhosos arabescos da toreutica e do azulejo. À guisa do que se observa na Europa medieval, é ella, em Portugal, filha dos Evangelhos, uma filha modesta e piedosa, menos scintillante que as suas irmãs da Ilha-de-França ou da Toscana. O obreiro luso nada criou em architectura, mas do seu genio de adaptação, da sua capacidade assimiladora estão ainda de pé monumentos admiraveis, quer os pertencentes ao periodo romanico ou ao gothico.

Do estilo romanico, de breve duração no Reino, é sufficiente apontar a Sé de Coimbra, construida em fins do XIIº seculo, a igreja conventual de Travanca, assim como poucos outros edificios menores, esparsos nas vizinhanças da Sé de Braga, sem esquecer o velho mosteiro de Alcobaça, cuja pureza de linhas tem sido prejudicada por uma série de restauros desastrados. Começa o gothico a surgir na Sé de Lisboa e em S. Pedro de Rates, brilha em todo o seu esplendor no mosteiro da Batalha, e vai

transformar-se no manuelino, mais tarde, na igreja dos Jeronymos de Belém. Nesta decomposição do gothico se acha o verdadeiro genio plastico da raça: a ornamentação. Toda a graça do manuelino está, justamente, na fantasia decorativa, na superabundancia dos motivos accessorios, na riqueza varia e subtil das incisões e dos relêvos.

Habeis artifices, observadores argutos das cousas, gravaram os lusos na majestade do gothico flammejante, em ornatos delicados e profusos, a historia daquillo que apreciaram ou sentiram através das ondas que foram os primeiros a sulcar e das paragens distantes a que aprôaram nas suas esquadras numerosas. A flora e a fauna dos novos mundos emprestaram o ineditismo dos contornos exóticos e fabulosos á requintada curiosidade do artezão caprichoso. Quem não vê, por exemplo, naquelle grupo de crianças e deuses entrelaçados, da piscina da sala dos Arabes, em Cintra, uma recordação dos monumentos religiosos da India? É que, por toda a parte onde chegavam as armas da Corôa, iam tambem os seus artistas e operarios. Assim, foram elles buscar filões preciosos á archi-

itectura castelhana, refulgente das pompas mouriscas, aos pagodes chineses, aos templos hindús e á indumentaria africana. Nos minaretes, nos telhões recurvos dos beirões, nas cupolas macias das suas construcções reflectem-se as fórmãs graciosas da arte oriental.

Na pintura, sem haverem attingido um nivel tão elevado, conseguiram, entretanto, produzir obras de intenso character, a exemplo dos paineis de Vasco Fernandes, na cathedral de Vizeu, ou de Nuno Gonçalves, no Palacio do Patriarca de Lisboa. Sob o influxo dos flamengos, os pintores portugueses compuzeram trabalhos excellentes. O aspecto grave das figuras do *Triptyco dos Principes*, a justeza com que são desenhadas, a frescura da sua expressão, recordam a maneira poderosa dos Van Eyck. Nuno Gonçalves, que Francisco de Hollanda no celebre «Quadro dos Pintores modernos» collocou entre as «Aguias da Pintura», honraria qualquer escola italiana, espanhola ou flamenga. Seus retratos têm uma vida profunda, exprimem admiravelmente as paixões concentradas e violentas do tempo. A mascara do infante D. Henrique, sob o chapeirão de velludo negro, é o

testemunho eloquente do caracter dos homens do seu momento em Portugal. A face dura, affeita ao commando, a fronte larga, habituada ás meditações e ás scismas, o olhar transbordante de sonho e energia, mostram as qualidades maximas da sua raça. Embora nos não depárem tantas virtudes, são de considerar os quadros e retabulos de Thomar, de Vizeu e de Evora, do Palacio das Necessidades, do museu de Lisboa e da igreja de Santa Cruz, em Coimbra. Simão Português, Alonso de Castro, Eduardo Português, Frey Carlos, Jorge Affonso, e muitos mais, alguns formados na escola de Antuerpia, outros educados na propria peninsula, imprimiram á pintura portuguesa feição distincta.

Entrando em contacto com a terra brasileira, o primeiro cuidado dos colonizadores foi estabelecer no litoral pequenas feitorias, onde lhes fosse possivel abrigarem-se das tempestades, sem correr o risco de inopinadas aggressões dos incolas. Os edificios que, de começo, construíram, aqui, se revestiram de um caracter puramente militar. O pouso era, ao mesmo tempo, um fortim, protegido por estacas de pau a pique, disposto nalgum acclive de terreno, e ro-

deado de largos fossos. Quando, por effeito do concurso de successivas levas de immigrants, principiou o paiz a ser devassado, um elemento novo fez sentir, desde logo, a sua presença, entre os capitães e os colonos despachados para o Brasil. Esse factor, de incalculavel influencia, foi o que nos trouxeram as missões religiosas. Para que uma povoação tivesse todos os attributos de segurança e estabilidade, tornava-se mister que a mão do jesuita erguesse, na corôa de um oiteiro, o campanario da ermida singela. Sem igreja, pode affirmar-se, não ha villa nem aldeia. A casa de Deus representa, pois, o mais vetusto signal do gosto architectonico entre nós.

A traça do edificio era a mais primitiva. Compunha-se de quatro paredes lisas, com algumas janelas dos lados, uma porta de boa largura na frente, e outra, menor, na sacristia, aos fundos. Dentro e fóra, a brancura da cal, como um véo de incenso, cobria a nudez geometrica dos muros.

Ao findar do XVI<sup>o</sup> Seculo, desenvolve-se o luxo. Já não se satisfazem mais os colonos com a rusticidade antiga. Coube, então, á capitania de Pernambuco, dirigida

por Jorge d'Albuquerque Coelho, descendente dos Albuquerque, Coelhos, Pereiras e Bulhões, fidalgo da melhor prosapia e de fartos haveres, a missão de governar os destinos economicos e intellectuaes da America lusitana. Segundo os mais autorizados documentos, co no os que nos legou Fernão Cardim, na sua *Narrativa Epistolar*, havia por essa epoca, em Olinda, uma sociedade florescente, ávida de diversões, de bailari-cos e funçanatas, de brodios ruidosos e es-pectaculos de toda a casta. «Trajavam os homens velludo, danascos e sedas, e des-pendiam briosamente com cavallos de pre-ço, com sellas e guiões, das mesmas sedas da roupa. As senhoras tambem ostentavam luxo e gostavam mais de festas que de devoções»<sup>1</sup>. Prosperavam as fortunas verti-ginosamente; a exportação do pau-brasil e do assucar, dia por dia avultava, rendendo lucros immensos; levas crescentes de escravos de Guiné concorriam para o de-senvolvimento das fazendas e engenhos, proporcionando aos proprie'arios una exis-tencia forra de labores e cuidados.

(1) E. Cardim. *Narrativa Epistolar*.

Cada qual, pois, se extremava em parecer mais opulento, gastando o que podia, e, ás vezes, o que não podia, accumulando dividas mas augmentando o credito pelo apparato das installações e das vestimentas luzidas. Olinda era uma réplica, posto em ponto menor, da longiqua e fascinante Côrte. Ahi, como na capital do Reino, predominavam as mesmas paixões, jogavam-se os mesmos jogos, armavam-se os mesmos folguedos. «Em Pernambuco, refere Cardim, entre queixoso e deslumbrado, encontra-se mais vaidade que em Lisboa.» Só faltariam carruagens faustosas, diz Varnhagen, para que em tudo a colonia andasse ao par da metropole. Organizavam-se justas, a que concorriam cavalleiros adestrados, vestidos de chamalotes e gorgorões, com armaduras lameladas de prata. O interior de certas habitações mostrava requintes desusados. Narra o padre visitador Christovam de Gouvêa, que os leitos eram de damasco carmezim, franjados de ouro, e as camas dos hospedes se cobriam com riquissimas colchas da India. Nas mesas sempre postas se estendiam toalhas partidas de rendas e labirinthos, e os vinhos, os licores e os cordeaes, com os quaes se gasta-

vam milhares de cruzados por anno, serviam-se em jarros e taças de cristal lavado. <sup>1</sup>

Não tardou que a Bahia, como séde do governo geral, e, mais tarde Minas-Geraes, acompanhassem a capitania pernambucana, rivalizando com ella na febre das vaidades e das louçanias. No seculo XVII começam a surgir as igrejas espaçosas, as matrizes amplas, os immensos conventos. Transformam-se os arraiaes em cidadesinhas. Cresce o numero de casas, agora construidas com mais solidez e melhor acabamento. A vida inquieta da população, cercada de tribus hostis, vai, pouco e pouco, cedendo logar ás doçuras de um convivio tranquillo. Os individuos não se aproximam, agora, apenas pela necessidade imperiosa de se garantirem contra as investidas do selvicola. Procuram-se por prazer, para trocarem idéas, para commentarem os dramas e as intrigas corriqueiras da existencia quotidiana. A imitação dos usos da metropole vai ganhando cada vez mais no-

(1) Apud Varnhagen. *Historia Geral*, 1.º vol.

vos adeptos. A abastança desenvolveu o gosto das cousas voluptuarias. Ninguem, por sua vontade, toleraria mais os casebres de terra batida ou o mobiliario dos alongados tempos do seculo XVI. Os artistas vindos, provavelmente, na comitiva dos fidalgos, para lhes aformosearem as moradas, assim como os ingenuos operarios da Companhia de Jesus, espalham o amor das bellas cousas.

Os documentos referentes ao seculo XVII não nos fornecem, infelizmente, consideravel copia de noticias. Sabemos que o principe de Nassau trouxe consigo da Hollanda pintores de valor, a exemplo de Franz Post, paisagista de recursos, cujo nome occupa logar distincto na historia da arte, Zacharias, Wagner, os irmãos Ekhout <sup>1</sup>, e architectos de merecimento, como Pedro Post e Pieter, autor da planta do palacio de Friburgo. Se esse pugillo de esthetas não deixou discipulos directos, en-

(<sup>1</sup>) O sr. Argeu Guimarães, na sua *Historia das Artes Plasticas no Brasil*, pg. 77, in nota, affirma ser problematica a vinda dos Ekhout ao Brasil.

tre nós, contribuiu necessariamente para despertar o gosto do nosso povo, dando-lhe a conhecer e estimar produções e monumentos muito superiores ao que estava elle acostumado a apreciar. Sobre tudo isso, o contraste das duas civilizações, — a portuguesa e a flamenga — que se chocavam em Pernambuco, deveria ter impressionado fundamentalmente os naturaes do paiz.

#### A PINTURA NOS SECULOS XVII e XVIII

Não apresenta a pintura em todo o periodo colonial cultores invulgares. Aparentam-se, no fim do XVII<sup>o</sup> e no correr do XVIII<sup>o</sup> seculos, os nomes de Antonio, Lucinda, Veronica e Luciana de Sepulveda, em Pernambuco; os de Eusebio de Mattos Guerra e José Joaquim da Rocha, na Bahia; os de Frei Ricardo do Pilar, José de Oliveira, Manoel da Cunha, Leandro Joaquim, Francisco Solano, e outros mais, no Rio de Janeiro, sem esquecer o de José Joaquim Viegas de Menezes, em Minas.

Dos Sepulveda, pai e filhas, pouco

ha que dizer. Aventuram alguns que receberam elles o legado de Post, mas nada justifica o asserto, se não probabilidades bastante incertas. Sobre Eusebio de Mattos raream as fontes de informação. Conhecemos, principalmente pelos gabos do Padre Vieira, que manejou os pinceis com pericia. Até hoje, porém, não foi possível rastrear-lhe os vestígios da obra. Cita-o Barbosa Machado, <sup>1</sup> como «pintor engenhoso, do qual se conservam com estimação particular muitos debuxos.» Taes debuxos, todavia, desapareceram. Já não se dá o mesmo com José Joaquim da Rocha, considerado como fundador da escola bahiana. <sup>2</sup> Educado em Portugal, onde frequentou bons *ateliers*, veio para o Brasil com uma notavel *somma* de conhecimentos, especialmente no tocante ás artes decorativas. Apesar dos seus defeitos de composição, podem louvar-se os trabalhos que realizou nas cupolas da Matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia, da Matriz de S. Pedro, da Ordem Terceira de Nossa

(1) B. Machado. *Bibliotheca Lusitana*.

(2) Vide: Manoel Raymundo Querino. *Artistas Bahianos*, pg. 50.

Senhora do Rosario da Baixa dos Sapateiros e na sacristia da Ordem Terceira de S. Francisco. Foi inferior no *retrato*, genero que não se coadunava com o seu temperamento grandiloquo e exuberante. Dentre os seus aprendizes, os mais illustres foram o mestiço José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Francisco Velasco, que brilharam na primeira metade do XIX<sup>o</sup> seculo.

Devem os fluminenses a Frei Ricardo do Pilar, nascido nas Flandres em meados do seculo XVII, e fallecido no Rio de Janeiro em 1700, as primeiras manifestações da pintura na capital do Brasil. Consta o espolio do monje beneditino, principalmente, de paineis decorativos, inspirados em assumptos religiosos, á maneira dos primitivos italianos. Embora tenha sido copiosa a producção de Pilar, já em fins do ultimo seculo, segundo o autorizado testemunho de Gonzaga Duque,<sup>1</sup> só existia um quadro seu em razoavel estado de conservação: a imagem de Christo, do altar-mór

(1) *Arte Brasileira*, ed. Rio de Janeiro, 1888, pg. 33.

da capella do Mosteiro de S. Bento, agora, infelizmente, mais ennegrecido e desbotado. Pouco se conhece, tambem, da vida de José de Oliveira, e o que ficou da sua actividade, se não é dessaborido, soffreu, nos retoques e alterações posteriores damno bastante consideravel para que possamos ajuizar convenientemente do seu talento. Cultivou, á guisa de Pilar, os motivos sacros, sobrelevando-o porém nas aptidões variadas que revelou em outros ramos decorativos. Além dos muitos quadros que executou para as nossas igrejas, pintou a sala de audiencias do Palacio dos Vice-Reis, restaurada, no segundo Imperio, por Manoel de Arujo Porto Alegre, e a praça d'armas da fortaleza da Conceição. Formou alguns imitadores mediocres, entre os quaes João de Sousa, cujo merito maior foi o de ter servido de mestre a Manoel da Cunha. Este mestiço, de espirito vivaz, é o artista mais apurado da epoca. Os estudos feitos em Lisboa muito contribuíram para a segurança, que mais tarde mostrou, nas galas do colorido e na fantasia das concepções. Á semelhança dos seus antecessores, inspirou-se nos passos dos Evangelhos, e firmou renome de retratista. Seu melhor discipulo,

Leandro Joaquim, de origem humilde como a do professor, chegou, sob a protecção de Luis de Vasconcellos, a uma certa notoriedade, particularmente, no *retrato*. Francisco Solano, coévo de Leandro, considerado o mais fino decorador do tempo, creou fama de habilissimo nas artes ornamentarias. Tendo entrado, desde cedo, para uma ordem religiosa, não lhe foi propicia aos dotes naturaes a vida monacal. Tudo quanto produziu foi obra do esforço proprio, do pendur com que nasceu.

Ao longo desses dous seculos da nossa formação, enquanto nas letras, com Gregorio de Mattos, Rocha Pitta, Mathias Aires, Antonio José, Basilio da Gama, Durão, Claudio Manoel da Costa, Gonzaga e varios outros poetas e prosistas ganhava o nosso pensamento fóros que o tornavam digno de correr parselhas com o da metropole, não davamos na pintura provas cabaes de progredimento. É que, nas artes plasticas, não basta a boa vontade no aprender, mas é mister uma experiencia diuturna, guiada por atilados profissionaes. Acresce ainda que, drenando os dirigentes do Reino todas as nossas riquezas para as arcas da corôa bragantina, vivia aqui a

maior parte da população com escassos recursos, e inteiramente entregue, no interior, ás minerações e á agricultura, e, no litoral, ao commercio e ás incipientes indústrias. Não tínhamos, por isso, attentado na formosura do nosso meio cosmico, ou, melhor, não estávamos preparados para traduzir na pedra e na téla as maravilhas que já haviam seduzido os nossos escriptores. Se, na Europa, ainda predominava a lição do paganismo christianizado dos mestres do Renascimento, modificado pelo sopro de realismo vindo das communas e das lutas religiosas, o nosso feitio esthetico permanecia puramente primitivo. Não fôra vão nem inutil o influxo dos jesuitas e das missões catholicas estabelecidas em nosso paiz.

## ARCHITECTURA, ESCULPTURA E TOREUTICA NOS SECULOS XVII e XVIII

Fomos, temos sido e ainda agora somos um povo sem architectura. Não conseguimos assentar um estilo nosso, proprio, singular. A maioria das nossas antigas

idades tem o aspecto de aldeamentos construídos ás pressas, na tumultuaria desordem das ruas mal traçadas, na disposição do casario irregular e desregrado. Durante a phase colonial foram Olinda, Recife, S. Salvador, Rio de Janeiro, Tejuco e Ouro-Preto as villas e cidades de maior relevo, como centros administrativos e commerciaes de mais alta importancia no Brasil. Pondo-se de parte um que outro edificio publico, ou certas propriedades de homens influentes pela fortuna, as construcções de maior vulto eram as igrejas e os conventos. Erguiam-se de todos os lados casarões de estilo barrôco, de que abusaram os jesuitas. A commodidade se avantajava ao gosto. Não havia poupança nem economia na montagem dessas immensas machinas architectonicas. Queriam-se largas e profundas as salas, rasgadas as portas e janelas, altos os tectos. O convento era, ao mesmo tempo, habitação e fortaleza, tão resistentes se mostravam alicerces e paredes mestras. Do mesmo geito procediam os obreiros ao erguerem os templos, sendo nisso imitados pelos constructores particulares.

Morando em cada solar dezenas de

pessoas, pois, as famílias abastadas faziam acompanhar-se quasi sempre de parentes proximos ou remotos, de amigos e simples aggregados numerosos, tornava-se necessario dar aos edificios desmedidas proporções. Caiados por dentro e por fóra, desdichavam-se elles em camaras, salas e salões vastissimos, rodeados, no geral, por espaçosas varandas, onde, nas horas calidas do bochoro tropical, se suspendiam as redes para a sésta. Cresciam, em torno dessas pesadas habitações dos nossos avós, arvores copadas, derramando na relva do chão a sombra dos ramos fartos e vertendo no ar o perfume das flores e dos frutos silvestres. Os pomares umbrosos, com a agua fresca dos tanques para a rega, se repartiam em banquetas e canteiros, entremeiados de talhões humidos, onde brotavam as hortaliças para os condimentados repastos domesticos. Corriam em liberdade por elle aves e animaes de criação, ciscando ou revolvendo os detrictos do solo, de par com os passaros da mataria proxima. Apartada do convivio dos senhores, no mais alongado recesso da chacara ou do sitio, entregava-se a escravaria aos trabalhos caseiros.

Excluídas as mantearias custosas dos fazendeiros e mineiradores opulentos, não apresentavam os objectos de uso realce particular. Moveis de boa madeira, alguns torneados com certo primor, á laia dos que se fabricavam no Reino, esteirinhas de palha amarella para o chão, moringas e cuias pintadas de listas vermelhas ou azues, copos de vidro grosseiro e pratos de porcelana ou faiança ordinaria, eis o que se encontrava no interior dos lares communs. Estava o maior requinte nalguma gravura colorida representando a Virgem ou o Coração de Jesus, pendente da parede dos quartos melhor aprestados ou das salas mais importantes.

Quando o povo desejava deslumbrar-se ante o fulgor de uma obra d'arte, penetrava, constricto, a nave majestosa da igreja. Deparava-se-lhe, ali, tudo quanto o gosto mais fino da epoca seria capaz de exigir. Lá estavam as imagens carinhosamente esculpidas, os altares lavrados por mãos inha-beis mas piedosas, as joias e pedrarias que recamavam os santos de maior devoção, os castiçaes de graciosas caneluras, os vasos de ouro e prata, os ciborios, os hyssopes que aspergiam a agua benta, por entre

rolos de incenso, os candelabros, suspensos do tecto por grossas correntes de metal brunido, brilhantes do reflexo furtacor dos pingentes de cristal, as mantas de seda, as rendas, os brocados e os velludos das vestimentas clericas. Era o templo, simultaneamente, logar de orar e admirar. Na casa do Senhor resplandecia tambem o museu do povo.

Está ahi a razão de serem os nossos architectos, esculptores, pintores e gravadores do periodo colonial artistas de inspiração religiosa. Educando-se no seio da igreja, bebendo, com o leite materno, a lição do catholicismo, seguiram elles a natural propensão que lhes viera do berço. Á guisa dos portuguezes, extremaram-se os nossos architectos nos pormenores e minucias da ornamentação. Suas plantas não offerecem particularidades notaveis, não têm movimento as suas massas nem elegancia ou delicadeza a linha geral das suas construcções. Punham elles nos acabamentos toda a sciencia que lhes era propria. As obras de talha, como na igreja do Carmo, no Rio de Janeiro, e no Convento de S. Francisco ou ainda na Cathedral dos Jesuitas, na Bahia, são, em verdade, sum-

ptuosas. A capella-mór do convento de S. Francisco é, no genero, uma das mais ricas em todo o mundo. Altares, paredes, columnas, frisos, tribunas, cobre-se tudo de um variado tapiz de florões e arabescos preciosos. As cariatides que sustentam o fulcro das columnatas são modeladas com energia, valendo observar a expressão genuinamente lusa de certas mascaras de mulheres, que lembram as camponias e varinas de Portugal.

Embora não nos tenha legado a architectura colonial um só monumento digno de maior registo, transmittiu-nos a esculptura alguns nomes de valia. Desses, tres ficaram celebres. Chagas, — o Cabra — na Bahia, Antonio Francisco Lisboa, — o aleijadinho —, em Minas, e Valentim da Fonseca e Silva, — o mestre Valentim —, no Rio, podem ser considerados os fundadores da toreutica e da esculptura em nosso paiz. Chagas, cuja biographia é obscura, conquistou por suas obras a estima e o conceito lisongeiro dos contemporaneos. Citam-se, dentre ellas, em S. Salvador, o grupo de *Nossa Senhora das Dores*, *S. João e Magdalena*, na Ordem Terceira do Carmo, e o *S. Benedicto*, da matriz de

Sant' Anna. Antonio Francisco Lisboa, cognominado o Aleijadinho, appellido que lhe veio em consequencia de impiedosa enfermidade que o desfigurou, foi o maior esculptor e architecto das Minas Geraes. Ouro Preto, Sabará, Marianna, S. João d'El Rey, e outras localidades da sua provincia natal, attestam-lhe os meritos invulgares, especialmente se levarmos em conta que Lisboa não recebera, se não do pai, mestre d'obras portuguezs, os rudimentos do seu officio. Pertence-lhe o risco da igreja de S. Francisco, em Ouro Preto, e da do mesmo nome em S. João d'El Rey, assim como as decorações e os grupos esculptoricos de outros varios templos mineiros. Cabem a Mestre Valentim, contudo, as maiores glorias. Influiu, necessariamente, para que fosse elle mais conhecido que os seus emulos, em nosso paiz, o facto de ter vivido no Rio de Janeiro, séde do governo da colonia. Mineiro de nascimento, producto do cruzamento de um reinol com uma parda, levou-o o progenitor, «pela vivacidade da sua intelligencia», segundo affirma Porto-Alégre, para as terras de além-mar. Não tardou, porém, que de lá nos voltasse, por morte do pai, para

fixar-se no Rio, onde grangeou logo celebridade. Demonstrou, aqui, em diferentes passos as qualidades que possuía, modelando estatuas, gizando plantas de casas, desenhando motivos ornamentaes para joias e objectos do culto catholico, e enriquecendo com optimos trabalhos de toreutica diversas igrejas, a exemplo das de S. Francisco de Paula, Cruz dos Militares e Ordem Terceira do Carmo. A madeira, o bronze, a prata e o ouro não tinham segredos para as mãos ageis de mestre Valentim, tão perito nessas emprezas, que lhe era escasso o tempo livre para attender aos innumerados pedidos de moldes, projectos e debuxos vindos de toda a parte. Dos discipulos que formou os mais interessantes foram José da Conceição e Simão da Cunha, ambos decoradores apreciaveis. Até a chegada da missão Lebreton, contratada pelo Conde da Barca, ministro de Estado de D. João, e conseqüente criação da Escola de Bellas Artes, são esses os factos e os nomes de maior relevo durante o periodo colonial.

## PERIODO NACIONAL

## A PINTURA NO SECULO XIX

Assignala este ultimo periodo da nossa evolução esthetica um phenomeno de summa importancia: a secularização das artes plasticas no Brasil. Ficámos, até então, na estreita dependencia do *canon* religioso, imposto pelos jesuitas que, por varios modos, fizeram sentir aqui a sua poderosa influencia. Sob a disciplina dos mestres franceses, educados na escola do seculo XVIII e da Revolução, alargaram-se os horizontes da nossa pintura, renovaram-se os themes, abriram-se outros mananciaes á inspiração<sup>1</sup>. Aquillo que, por via de regra, fomos pedir sempre ao estrangeiro, passavamos a ter no Brasil, isto é, bons professores e boa doutrina.

(<sup>1</sup>) Sobre a missão Lebreton convem consultar a excellente monographia do sr. Affonso d'Escragnolle Taunay, *A Missão Artistica de 1816*, publicada na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomo LXXIV, p. 1.<sup>a</sup>, 1911.

Com Jean Baptiste Debret, aprenderam os nossos artistas a technica do desenho minucioso, o cuidado da perspectiva, a noção dos valores, o movimento das figuras e a distribuição das massas. Illustrador, destituído de finura ou subtileza, mas habil e consciencioso, deixou Debret, nos tres volumes da obra *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, uma riquissima série de documentos relativos á vida e aos costumes da nossa gente, que provam exuberantemente a curiosidade da sua intelligencia e a multiplicidade dos seus dotes de analysta fóra do commum. Constituem seus desenhos a verdadeira chronica politica, social e mundana do primeiro Imperio. Além de fixarem os actos mais notaveis decorridos no dealbar da nossa independencia, como a «Acclamação do Imperador D. Pedro I, em 1 de dezembro de 1822» ou o «Desembarque no Rio da Princesa Leopoldina», mostram as paradas militares, os festejos publicos, as procissões, as cavalhadas rumorosas, as recepções elegantes e toda a casta de prazeres e diversões a que se entregava o nosso povo. Pintou Debret, com mestria, os fardamentos dos nossos officiaes e soldados, apanhou,

num relance, as características dos typos vulgares, debuxou, admiravelmente, as figurinhas das damas do paço, com os diademas de plumas brancas tremulando sobre turbantes de seda verde e amarella, os grossos brincos pendentes das orelhas, os collares de pesados diamantes orlando os collos nós, as luvas inteiras cobrindo os braços, os leques de gaze e tartaruga balançando-se nas mãos preguiçosas. A versatilidade do seu engenho o levou, igualmente, á paisagem e á decoração, generos em que se revelou com vantagem. Pode affirmar-se o mesmo de Nicolau Antonio e de Emilio Taunay, ambos retratistas excellentes, desenhadores correctos e bons pintores de quadros historicos e paineis naturaes.

## OS PRECURSORES

Pertenciam á missão Lebreton, com Debret e os Taunay, outros artistas, a exemplo do architecto Grandjean de Montigny, do esculptor Augusto Taunay, dos gravadores e esculptores Carlos Simão Pradier,

Francisco Bonrepos e irmãos Ferrez. O exito dessa embaixada, compromettido no inicio pela importuna intervenção do mediocre pintor português Henrique da Silva, foi seguro e duradouro. Já em 1826, realizavam os discipulos de Debret a primeira mostra de télas entre nós. A semente assim lançada veio produzir frutos promissores. Começa o publico a interessar-se por essas exposições parciaes, estimulando os artistas, comprando-lhes quadros, discutindo-lhes as qualidades e os defeitos. Formaram-se, dessarte, alguns nucleos de pintores, dos quaes merecem lembrados, até o apparecimento de Victor Meirelles e Pedro Americo, ós nomes de Francisco Moreau, colorista delicado; Augusto Muller, apreciavel pelos seus retratos, muitos delles notaveis como o de Grandjean de Montigny; ora na pinacotheca da Escola de Bellas Artes; Luiz Augusto Moreau, retratista e pintor historico; Manoel de Araujo Porto-Alegre, decorador distincto do zimbório da Misericordia, no Rio de Janeiro, retratista recommendavel <sup>1</sup>, homem de larga ima-

(1) Vide Gonzaga Duque. *Arte Brasileira*, pg. 82.

ginação, precursor dos nossos criticos de arte, emulo do Visconde de Araguaya, no romantismo; Grandjean Ferreira, autor de varios paineis religiosos e de alguns quadros de assumpto mythologico, a exemplo do *Fauno e Bacchante*; Agostinho da Motta, admirado pelos seus largos scenarios, como a *Vista de Roma*, e por suas naturezas-mortas, genero em que sobremodo se illustrou; Facchinetti, miniaturista gentil, de quem se conhecem alguns panoramas interessantes, não só pela segurança do desenho mas pelo sentimento da luz e da perspectiva aérea; Arsenio Silva, tambem miniaturista apreciavel, e De Martino, marinista de relevo, que, se entre nós pouco produziu digno de maior nota, muito se distinguiu, depois, durante os ultimos annos da sua vida, em Londres.

### A PINTURA HISTORICA

De 1826, anno da nossa primeira exposição de pintura, até 1872, quando se exhibiu a famosa tela do *Combate de Campo*

*Grande*, não apresentamos um só pintor verdadeiramente brasileiro. Se a lição dos franceses muito nos aproveitara, subjugaríamos, porém, a naturaes preconceitos inevitáveis. O academicismo dos Debret e dos Taunay refreou, de certo modo, a fantasia e os impulsos instinctivos do nosso genio creador. Trilhavamos, pois, a vereda exigua dos postulados e das regras imperiosas, pintando e repintando, com mais ou menos liberdade, os velhos motivos caraveis aos nossos antigos mestres.

Já não era o mesmo, todavia, aquelle paiz que, em 1816, acolhera os artistas contratados pelo Conde da Barca. A independencia, o primeiro imperio, a Regencia, em rapida successão, haviam transcorrido, ao meio dos tumultos, de lutas exteriores e intestinas, e acabara de soffrer o segundo Imperio o golpe subito da guerra do Paraguay. Estava formada a consciencia nacional, ao cabo de tantas vicissitudes economicas e politicas, vicissitudes que, por muitas maneiras, amieaçaram a nossa patria dos peiores desmandos. Começavamos, pois, a olhar para trás, a observar mais detidamente o espectáculo do nosso passado. Empolgou-nos, então, esse orgulhoso

sentimento das glórias nacionaes, peculiar aos povos que são triumphantes de longas e temerosas refregas. Accresce que, além disso, precisava o throno do concurso das «cem bocas da fama» para firmar solemnemente o prestigio da realza no coração dos brasileiros. E que obreiro melhor que o artista seria capaz de pôr mãos á obra de tamanha envergadura? Dos que vieram a postos, nesse instante, dois avultaram entre os mais. Victor Meirelles e Pedro Americo surgiram desse movimento de glorificação aos feitos e aos heroes da nacionalidade.

Victor Meirelles de Lima, inferior como engenho e imaginação ao seu notavel companheiro, sobrepuja-o talvez na qualidade do desenho e na correcção e apuro da feitura. <sup>1</sup> Na *Primeira Missa no Brasil*, na *Batalha dos Guararapes* e na *Passagem de Humaytá*, estão em relevo as excellencias e os defeitos de Meirelles. Consistiam estes na frieza dos tons, na falta de vibração das figuras, na monotonia das linhas

(1) Vide sobre V. Meirelles: Rangel de S. Paio, *O Quadro da Batalha dos Guararapes, seu autor e seus criticos*. Rio, 1880.

de composição, na seccura do modelado. Eram de muito louvar, comtudo, a sua comprehensão da luz e da atmospheria, a pureza e a minuciosidade do seu toque, a macieza dos seus ambientes. Devemos-lhe ainda, como paisagista e panoramista, produções consideraveis.

Pedro Americo de Figueiredo e Mello é o primeiro pintor que reflecte soberanamente a nossa alma. O impeto, a eloquencia, a lascivia, a inquietação, a volubildade do seu temperamento espelham as características da nossa raça. Quem lhe examina os quadros, não acredita facilmente que tenha elle cursado as aulas de Cogniet, de par com J. Paul Laurens, Bonnat e Lefebvre. Nada lhe ficou do convivio com o mestre, nem do feitio dos condiscipulos, do geometrico Laurens, do commedido Bonnat ou do sereno Lefebvre. É o colorido o seu forte, um colorido quente, vivo, esfusiante. Ha no *Combate do Campo Grande* ou na *Batalha de Avahy* problemas de cor e de ar valentemente resolvidos, onde até os tons neutros de que se utilizava transmitem uma impressão de energia e calor. Ninguem mostrou ainda, na historia da nossa pintura, mais completa sciencia do

movimento, da distribuição das massas, da escala dos matizes, na carnação e nas roupagens das figuras. O *Grito de Ypiranga*, *Paz e Concordia*, e outros quadros de largas proporções, concebidos á maneira romantica, evidenciam as solidas aptidões de Pedro Americo para os assumptos historicos, de composição opulenta e allegorica. Não pouparam, entretanto, a esse nobre artista, sobre ferinos remoques accusações gratuitas até de plagiario, quando expoz, em 1884, o painel *A Noite*<sup>1</sup>

Depois de Meirelles e Pedro Americo, os pintores de figura, de genero ou de composição que mais se notabilizaram, no correr do seculo XIX, foram: José Flemming de Almeida Junior, o mais celebre discipulo de Victor Meirelles, que, na officina de Cabanel, em Paris, polindo as riquezas de um temperamento rude e original, preparou obras de indisputavel merito, como a *Fuga para o Egypto*, *Remorso de Judas* e *Repouso do Modelo*; Rodolfo Amoedo, de quem possue a nossa pinacotheca, entre outras telas, *A Partida de*

(1) Vide: Felix Ferreira, *Bellas Artes* (Estudos e Apreciações). Rio, 1885.

*Jacob, A Narração de Philetas* e o esplêndido *Estudo de Mulher*, cuja luminosa carnção é de uma pureza digna de Cabanel; Decio Villares, autor de sanguinas e pasteis agradáveis; Aurelio de Figueiredo panoramista e retratista; Henrique Bernadelli, artista imaginoso, cujo pincel finíssimo é dos que mais têm honrado a nossa pintura, e a cuja paleta devemos a sensual *Tarantela* e os *Bandeirantes* de tão delicada poesia; Rosalvo Ribeiro, pintor de batalhas e de genero; Belmiro de Almeida, desenhista discreto, observador penetrante da vida quotidiana, que sabe traduzir com realismo feliz; Firmino Couto, Zeferino da Costa, decorador distincto; Lopes Rodrigues, Weingartner, pintor da vida campesina do Rio Grande do Sul; Elyseu d'Angelo Visconti, a mais complexa personalidade artistica da sua geração, decorador, figurista, retratista e pintor de genero de subido valor. Para o recommendar á nossa admiração, basta mencionar, entre muitas e differentes obras suas, a decoração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, especialmente a do formoso salão, cuja fantasia de luz e colorido recorda as bellas creações de Besnard, assim como o im-

pressivo retrato de Gonzaga Duque, e a maioria das suas telas de ar livre, em que é mestre sem par no Brasil.

### A PAISAGEM

Prestou a «Sociedade Propagadora das Bellas-Artes», na sua exposição inaugural, em 1882, um real serviço ao paiz, apresentando cento e cinco trabalhos do paisagista allemão Jorge Grimm. Foi tão consideravel a impressão produzida por esses quadros, que, dentro em pouco, estava empossado o autor delles na cadeira de paisagem da Escola de Bellas-Artes. Merecera esse genero, por via de regra, se não o desprezo, ao menos a indiferença de professores e alumnos. Reservavam-no para as moiçolas prendadas, que faziam flores de panno e copiavam gravuras francesas e britannicas. Apesar da já remota escola de Barbison e do movimento impressionista, então em franco successo, na Europa, era a paisagem considerada cousa de somenos aqui. Servia, quando muito, para realçar um

recorte mesquinho de painel historico ou de alguma scena allegorica. Pintava-se a natureza com certas receitas despiciendas, sem entrar em contacto com ella, sem lhe dar a honra de um simples relance d'olhos. Dispunham-se as cores na paleta, e, conforme aos assumptos, lá ia o pincel manchando a taboa ou a tela, dentro das paredes do *atelier*.

A primeira lição de Grimm foi apontar aos alumnos o caminho da floresta, dos morros e das praias. Ahi, e não nos cartões e gravuras academicas, estava o segredo da natureza. Tendo feito o paisagista germanico toda a carreira por valles e montes, a caixa de tintas e o cavallette ás costas, não poderia comprehender como, deante do nosso meio tropical, de tão suggestivos scenarios, fossem os discipulos aprender a pintar arvores, selvas e aguas, sem a luz atmospherica. Embora não se distinguissem as suas aulas pela concorrencia, foram frequentadas com assiduidade e proveito por varios moços, dos quaes um ao menos, Antonio Parreiras, ficaria celebre, e outro, Castagneto, chegaria á notoriedade.

Guardou Antonio Parreiras do mestre

o culto da natureza selvagem, a sciencia dos verdes sombrios dos bosques, dos entretons de musgo das pedras, das hervas rasteiras e das folhagens. Sua technica, porém, é mais livre, mais impetuosa e larga. Ninguém mostrou, até hoje, comprehensão maior da nossa paisagem, das nossas matarias carrancudas, dos nossos rios espumosos. Mau grado não ser Parreiras desenhista de alto quilate, o que lhe tem valido a critica maliciosa de quantos lhe apoucam os paineis historicos e as academias, é, sem duvida, um colorista admiravel, de rara plasticidade. Castagneto, ao revés, era monotono. Confinou-se na marinha, que foi a sua principal paixão. Observador agudo, conseguiu, por meio de manchas rapidas, empastadas com atrevimento, transmittir impressões agradaveis e justas do nosso litoral, e da bahia de Guanabara, que pintou em todas as horas, na doçura das manhãs de névoa ou no esplendor dos crepusculos de verão.

Depois de Parreiras, o mais famoso paisagista da geração que lhe succedeu é Baptista da Costa. Sem os arroubos daquelle, sem as suas audacias de colorido, revelou-se, todavia, pela sensibilidade e le-

veza do toque, excellente cultor do genero. É o pintor delicadissimo dos arrabaldes cariocas e dos jardins de Petropolis. Baptista da Costa é sempre feliz nos effeitos e nas combinações de luz e sombra. Servindo-se de uma pincelada breve, calma, segura de si mesma, consegue transmittir com doçura e poesia as suavidades da penumbra debaixo do arvoredo copado, a frescura dos verdes da relva macia, que se estende á margem dos regatos e veste os nossos parques tropicaes. Quando emprega, porém, tonalidades cruas e valores altos, quando quer traduzir os contrastes ásperos, não encontra a sua paleta os elementos necessarios. Foi e tem sido consideravel, todavia, nos contemporaneos, a influencia de Parreiras e Baptista da Costa. Gruparam-se ao redor delles muitos imitadores, attrahidos pelo fulgor que ambos souberam dar a um genero antes maltratado e esquecido.

## A ARCHITECTURA

Se, ainda hoje, é desagradavel o feitio das nossas cidades, podemos imaginar qual

seria elle no seculo findo. Conta-se que, em 1860, ao desembarcar no Rio de Janeiro, Maximiliano, o Archiduque d'Austria, «levou o lenço ao nariz» <sup>1</sup>. Accrescente-se agora, que era esse o mais polido centro da nossa cultura, sede da côrte, foco de onde irradiava a civilização para o resto do paiz, e teremos, em summa, a imagem perfeita do nosso adiantamento architectonico durante o XIX<sup>o</sup> seculo. Constituiam as ruas da nossa Capital, por esse tempo, um dédalo de sinuosas vias, cobertas de barro esturricado, nos dias de sol, e estrelladas de lamacentas poças, nas quadras invernosas. Nos sitios de maior transito, como a antiga rua Direita, cobriam o solo pedruchos irregulares, e, proximo ás calçadas, cresciam a tiririca e outras plantas rasteiras. Era tudo estreito, comprimido, mesquinho. Formava a planta topographica do Rio um systema de corredores, beccos e viellas apertadas. Os arroios e ribeiros que cortavam o bairro de S. Christovam, o mais elegante da epoca, onde residia o Imperador e morava a melhor fidalguia, levavam na

(1) Gonzaga Duque. Ob. cit., pg. 24, capitulo IV.

correnteza todos os detrictos e despejos domesticos. Eram as raras praças e jardins publicos, homizio de cabranazes, logradouro de negros, couto de maltrapilhos desocçupados e de vendedores ambulantes. Guardava o casario a mesma feição com que o viu e descreveu Debret, no correr do primeiro Imperio. <sup>1</sup> Orlavam as ruas edificios baixos, de fachada ridicula, pintados de cores vivas, de amarellas, azues e vermelhos estonteantes. Não deparavam elles o mais tenue signal de gosto ou cuidado decorativo. Geralmente acaçapados e exiguos, arrimavam-se uns aos outros, unindo as frontarias até certa altura, e, apartando-se, depois, numa theoria de telhados pyramidaes.

Exceptuando-se as igrejas, só uma ou outra constucção, a exemplo do palacio da Marqueza de Santos, da Academia de Bellas-Artes ou do casarão da esquina da rua das Marrecas, mereciam particular attenção. Perdera-se, infelizmente, o esforço de Grandjean de Montigny e dos seus discipulos, ás mãos grosseiras do mestre d'obras

(1) J. B. Debret. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, 3.º vol., pg. 214.

lusitano, que, por mal dos fados, aqui predominou sempre. Ficamos, dessarte, com uma vasta metrópole de insípidos caixões, copiados uns dos outros com uma persistência incrível. Junte-se a isso o relaxamento da indumentaria na população, a ausencia quasi absoluta de monumentos publicos, o descaso dos nossos dirigentes no tocante á esthetica urbana, a indifferença dos homens de pecunia a tudo quanto ultrapassasse os limites de um honesto bem estar, entre a boa vianda e a bisca dominical, e teremos o espelho fiel do Rio de Janeiro no segundo Imperio. Basta considerar a linha dos predios officiaes, dos palacios aristocraticos, das repartições do governo, dos Ministerios de Estado, para concluirmos pela pobreza da nossa architectura no seculo XIX. Foram o pedreiro, o carpinteiro, o serralheiro, de parceria com o solerte empreiteiro das duzias, os architectos da capital do Brasil. Levantaram elles, a seu bel-prazer, ao longo das praias mais formosas do mundo, no seio de valles e em abas de morros vestidos de vegetação opulenta, um amontoado de monstruosos paredes, sem ar nem luz, semelhantes na fealdade, repugnantes no feitio, indignos

de um povo realmente culto. Mostram ainda agora, á saciedade, os bairros velhos do Rio de Janeiro, a insulsa e injuriosa architectura que nos herdaram os nossos antepassados.

## A ESCULPTURA

Faz-se mister, para que haja uma grande escola de esculptura, além de uma raça possuidora de mecanismo mental claro e agil, capaz de analyses demoradas, uma civilização definida, onde essa mesma raça tenha apurado a somma das suas qualidades intrinsecas, e desenvolvido, pelo rolar das idades, as virtudes naturaes com que foi dotada. De um povo joven, qual o nosso, e o que mais é, directamente oriundo de um grupo ethnico inferior, sob o aspecto artistico, seria descabido esperar, desde já, uma pujante floração de esculptores. Precisamos ainda de largo espaço de tempo e de muitas experiencias, para chegar ao inteiro dominio das nossas capacidades plas-

ticas. Tudo conspira, aliás, em favor de lisenjeiro futuro. Offerece a nossa fauna, principalmente, copiosa materia de motivos ornamentaes, onde os vindouros irão buscar mananciaes inesgotaveis á inspiração. A luz dos nossos ambientes favorece, por outro lado, as excellencias da visão. Repontam as cousas, aqui, tal de um dourado jardim das *Mil e uma noites*. Mergulhadas numa atmospherá quente e limpida, sob a macia curva de um céu tranquillo, vibram ao contacto do sol que as modela e as enfeitiça de vario modo, vêm ao encontro do olhar distrahido, prendem-no, enleiam-no, subjugam-no na sua trama seductora, e, ao sabor da fascinação que operam, sente palpitar dentro de si, a alma do mais alongado nas proprias scismas, um vago encanto sobrenatural. São, entre nós, de tal riqueza as condições mesologicas, que, ao mais inexperto, logo acudirá a idéa do futuro esplendor da nossa arte.

Dos esculptores que se distinguiram antes deste seculo, no Brasil, merecem referencias os que vieram na missão Lebreton, Augusto Taunay e Marco Ferrez, autor da estatua equestre de D. Pedro I, no Rio de

Janeiro, assim como outros, igualmente estrangeiros, a exemplo de Luis Giudice e Patrich, que aqui deixaram alguns trabalhos meritorios. Além desses, devem citar-se os nacionaes: Francisco Manoel Chaves Pinheiro, operoso discipulo de Ferrez, que produziu muitas obras, entre as quaes os doze apóstolos de madeira da igreja de S. Francisco de Paula, a estatua de João Caetano dos Santos e o baixo-relevo da Assumpção da Virgem, da igreja da Gloria; Caetano de Almeida Reis, Rodolfo Bernadelli e Hortencio de Cordoville, todos aprendizes de Chaves Pinheiro. Almeida Reis e Bernadelli sobrelevam ao mestre, sendo que ao ultimo cabem as honras do mais significativo escultor do seu tempo.

Almeida Reis era um temperamento complexo. Culto, letrado, viajado, imprimiu ás suas creações o cunho de um espirito positivo, determinista, para quem a realidade era toda a materia da arte. Dentre as suas produções mais accentuadas cumpre destacar *Parahyba*, pertencente á Escola de Bellas-Artes, *Antonio José*, o busto de *Danton*, e a allegoria ao *Progresso*, que se acha collocada sobre o relogio da Estação da Estrada de Ferro Cen-

tral do Brasil, no Rio de Janeiro. Suas figuras são modeladas com vigor e desembaraço, é, embora lhes falte finura, ganham em força de expressão o que perdem em delicadeza.

Possue a nossa Escola de Bellas-Artes, de Rodolfo Bernadelli, uma obra prima, *Christo e a mulher adúltera*. Este marmore fez, com a lubrica *Faceira*, o renome do escultor. Em verdade, nem um dos nossos artistas apresentara um grupo esculptorico de tal quilate. O estudo phisionomico, a sciencia do gesto, a technica das roupagens, a intenção psychologica e moral das personagens emprestam a essa obra um character fundamente impressivo. Embora não seja novo nem pessoal o estilo de Bernadelli, inculcam-no por um verdadeiro mestre a precisão do modelado, a graça e a frescura das suas carnações, a simplicidade dos seus processos. Se a imaginação lhe fosse mais fecunda e poderosa, teria sido elle o fundador de uma escola de esculptura, que, mercê de varias causas, ainda está por vir.

## A ARTE NO SECULO XX. CONCLUSÃO

Não apresenta ainda a arte nacional, neste quartel de seculo, características bastante accentuadas, capazes de lhe darem feição original e physionomia propria. Dia por dia, comtudo, vai augmentando a relação dos nossos artistas. Dão relevo á pintura Lucilio de Albuquerque, Helios Seelinger, os irmãos Arthur e João Thimoteo, Navarro da Costa, Carlos Oswald, Leopoldo Gottuzzo, Georgina de Albuquerque, Modesto Brocos, Levino Fanzeres, Marques Junior, E. Latour, Roberto Mendes, H. Cavalleiro, Pedro Bruno, Presciliano Silva, J. M. Rodrigues, os irmãos Chambelland, Edgar Parreiras e outros muitos paisagistas e figuristas de merecimento. Conta a esculptura nomes de valor, como Correia Lima, Armando Magalhães Correia, Bibiano Silva, Leopoldo Silva, Nicolina Vaz, A. Pitanga, Modestino Canto, Antonino Mattos e poucos mais. São dignos de nota, na gravura, Girardet e Adalberto Mattos, na agua forte, Carlos Oswald. A archi-

tectura, apesar de não ter chegado ao nível que era de esperar, apresenta individualidades como as de Heitor de Mello, Morales de los Rios, A. Memoria e N. Figueiredo.

Ha por toda a parte um singular rejuvenescimento, mais accentuado no grupo de artistas *novos* do Rio e de S. Paulo, entre os quaes sobresáem, na pintura, Zina Aita, A. Malfati, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Alberto Martins Ribeiro, Vicente do Rego Monteiro, Alberto Cavalcanti, e, na esculptura, Leão Velloso e Victor Brecheret, o mais forte e pessoal de todos os jovens artistas deste momento.

Apesar de todos esses lisonjeiros symptomas, estamos longe de possuir uma escola de arte nacional. Continua a ser a educação dos nossos artistas estreita e mo-fina, baseada em processos obsoletos e im-prestaveis. O meio não favorece nem re-compensa, modestamente embora, o es-forço delles, e o governo reflecte o desin-teresse geral. Não possuímos um só museu digno desse nome, nem no Rio de Janeiro nem em qualquer centro adeantado do paiz. Limitamo-nos a distribuir annualmente pre-miões de viagem, que nem sempre são justamente dados, e a dispensar medalhas e

menções honrosas, consoante aos caprichos de um jury por vezes mal orientado. Ainda é muito duvidoso o gosto da população. Preferimos, por via de regra, os accessorios inuteis e pesados, a traça campanuda, confusa e mixordial. Mettemos casas de campo no centro da cidade e construções massiças nos arrabaldes e nas praias. O Rio de Janeiro, que já offerece monumentos interessantes, embora imitados do classico e do renascimento como a *Escola de Bellas-Artes*, não se caracteriza por qualquer linha architectonica. Ergue-se de todos os lados uma salgalhada de estylos mais ou menos puros, desde o severo barroco até o pretensioso *rococó*, do sobrio *Henrique IV* á ingenua imitação do mourisco de fan-caria, corôado de cupolas douradas e pintalgado de mosaicos rebrilhantes. Convizinhos com edificios aceitaveis casinholas de dous metros de frente por sete de altura. Abre as portas a poucos passos do Palacio do Governo a venda mal cheirosa, onde se suspendem mantas de carne-secca e restes de cebolas; em face de sumptuosas residencias particulares exhibe o açougue primitivo cabeças de porco e focinhos de carneiro. Estão á mercê da pêtulancia

de qualquer' constructor intrujão os bairros mais elegantes, as ruas e avenidas principaes da cidade. Desde que sejam respeitadas as condições de segurança e hygiene, aprova a Prefeitura da capital do Brasil todas as condições de segurança e hygiene, pois, a cubagem das salas merece maior desvelo que a esthetica das frontarias.

Quem quizer estudar as tradições, os costumes, a vida, em summa, da velha sociedade brasileira, não encontrará facilmente os elementos necessarios a taes pesquisas. Anda tudo disperso pelos balcões dos commerciantes de antiguidade. Vão desaparecendo, pouco a pouco, do paiz, vendidas a vil preço aos colleccionadores americanos e europeus, as mobílias, as joias, as alfaias, as baixelas, todas as peças da indumentaria dos nossos maiores. Vamos destruindo, assim, a physionomia do nosso passado, o espolio, pequenino mas valioso, que nos foi transmittido pelos antecedentes. Temos o culto da indolencia e da improvisação. Falta-nos, de certo modo, aquelle «sentimento das cousas objectivas», de que nos fala o sr. Graça Aranha, <sup>1</sup> numa pagina admi-

(1) Esthetica da Vida.

ravel. Pagamos o tributo do sangue indígena, que ainda circula em nossas veias, e soffremos por de mais o influxo terrivel do ambiente cosmico. No rumo em que vamos, porém, difficilmente criaremos uma arte propria, nascida da nossa carne e do nosso espirito, vinda das profundezas do nosso ser. Emquanto taes causas persistirem, iremos produzindo excellentes pintores, esculptores e architectos, mas continuaremos a ser um povo sem pintura sem esculptura e sem architectura.



# A PSYCHE BRASILEIRA



A alma brasileira nasceu de tres grandes melancolias. Deu-lhe a saudade portuguesa a doçura da sensibilidade iberica e o fatalismo voluptuoso da imaginação oriental; accrescentou-lhe o indio a inquietação do terror cosmico; ajuntou-lhe o africano a queixa immensa da sua humilhação, o travo do seu soffrimento resignado.

## A ENERGIA PORTUGUESA

A saudade é filha do mar desconhecido e das batalhas tumultuosas. Quando o portuguez se fazia ao largo, no lenho fragil das caravelas, ou em mesnadas bulhentas, investia com os ligeiros ginetes arabes, ora nas planicies da peninsula, ora nos ardentes areiaes da costa d' Africa, sentia-se naturalmente impellido por um des-

tinio irremediavel, o mesmo destino que lhe conferiu um berço angustioso, incapaz de conter os impulsos de uma raça rude e voluntariosa. Dominou-lhe a imaginação, desde logo, essa fatalidade inevitavel de ter nascido, emprehendedor e audaz, em uma patria de apertados limites, onde não poderiam expandir-se os seus desejos e as suas ambições insopitaveis.

Emquanto os outros povos se entretinham no aranhol de intrigas amaveis ou sanguinosas, polindo as maneiras e requintando os habitos naquellas guerras de galanteria do Renascimento; enquanto franceses e italianos se divertiam na *festa dos loucos*, nas ruidosas *sotties*, nas mascaradas elegantes ou na delicia dos pomares decameronicos, entre epigrammas de sabor classico e madrigaes de fina lascivia, os lusos, nas suas vastas e silenciosas casas solarengas, brunidos pelos ares oceanicos ou pelos trabalhos ruraes, pesados e barbaros, continuavam a mesma existencia dos seus ascendentes, pastoreando rebanhos, pescando em faluas e agricultando os campos.

Ao revés dos principes e senhores florentinos, venezianos, genoveses, napolita-

nos, provençaes e parisienses, vestidos de velludo e recamados de joias, bebendo por taças de ouro os vinhos guardados em jarros de caprichosos lavoires, ou banhando as mãos na agua perfumosa dos gomis lavrados, os principes e senhores de Portugal trajavam pannos grosseiros, tecidos para resistirem ás injurias do tempo, e, á mesa delles, serviam-se as iguarias em recipientes sem arte e os licores em copas de barro ou vidro espesso. Não conheciam elles os prazeres delicados, os repastos prolongados pela conversa gentil, os amorosos enredos de subtil platonismo, a ironia, que é a flor das sociedades apuradas, o encanto das bellas cousas, que é o fruto do conforto e da abastança. Austeros e pontilhosos no cumprimento dos deveres, era-lhes a vida uma dura lição de honra e cavalheirismo. Vigiando, do alto dos castelos roqueiros, ao tremulo clarão das almenaras, o sarraceno impiedoso, ou arroteando os seus vergeis floridos, estavam sempre de olho vivo, á espera do assalto inopinado ou dos aguaceiros e estiagens prejudiciaes. Cada um desses homens nobres ou filhos de algo, repetia, assim, no bucolismo da paisagem natal, a existencia dos va-

rões de Hesiodo, fieis aos deuses e ao labor fecundo.

Pesava-lhes sobre a cabeça altaneira o terrível Fado, aquelle *fatum*, que o aventureiro legionario dos Cesares levava, com as aguias romanas, através de todo o mundo antigo. Esse mysterioso fado é o principal factor da saudade portuguesa. Era elle que acordava na voz dos marinheiros, quando, apinhados á prôa das naus, cantavam, ao som das violas e das guitarras, a nostalgia das suas paixões. O que os marujos exprimiam, não era sómente a lembrança do torrão paterno, mas, por igual, a esperança de vencer o desconhecido, de subjugal-o, de conquistal-o arrojadamente. Era, tambem, o sentimento confuso do impene-travel destino, que lhes irrompia do coração ferido:

Um impossivel me mata  
Por um impossivel choro;  
É impossivel que vença  
Um impossivel que adoro.

Não sei que quer a desgraça  
Que atraz de mim corre tanto?  
Heide' parar e mostrar-lhe  
Que de vê-la não me espanto.

O fatalismo com que os lusos recebiam esse quinhão doloroso, aparece, aqui e ali, na maioria dos seus cantares. Vale mencionar, entre outras, as seguintes canções, em que palpita a chamma dos seus tormentos interiores:

Eu quero bem á desgraça,  
Que sempre me acompanhou;  
Tenho odio á ventura,  
Que bem cedo me deixou.

Resume esta quadra o orgulho despeitoso, elemento primacial nas raças viandantes, e muito de assignalar, por exemplo, nas imprecações simultaneamente resignadas e atrevidas, da gente israelita. Noutras, exclama o guitarrista, como para traduzir a genese do seu trovar:

Quem canta seu mal espanta,  
Quem chora seu mal augmenta;  
Eu tanto para espalhar  
Uma dor que me atormenta.

Eu heide morrer cantando,  
Já que chorando nasci;  
Já que os gostos desta vida  
Se acabaram para mim.

Quem me ouvir a mim cantar  
Cuidará, e tem razão,  
Cuidará, que estou alegre,  
Sabe Deus meu coração.

Não canto por bem cantar,  
Nem por bem cantar o digo;  
Canto para aliviar  
Penas que trago commigo.

A saudade é, pois, um mixto de amor deenganado, de recordação pungente, de esperança mallograda, de tristeza sem causa definida, de ansiedade e abatimento, de pena e satisfação. Quem está saudoso, está feliz e infeliz, do mesmo passo, feliz porque revive pelo pensamento a doçura que se foi, infeliz porque a relembra sem poder renovar-a. Foi talvez inspirado por esse agudo sentimento, que o Dante pôz nos labios da Francesca os versos famosos, onde se encontra porventura uma genial interpretação da saudade portuguesa:

...Nessun maggior dolore  
Che ricordarsi del tempo felice  
Nella miseria..

## A IMAGINAÇÃO SELVAGEM

Misturada com o terror cosmico do gentio, com o animismo inconsciente do nosso selvagem, perde a saudade um pouco da sua pura melancolia humana, transformando-se em um tormento vago e indefinido, nesse tormento proveniente da natureza desmedida e inexplicavel, que nos rodeia. A superstição do português, como a dos povos arianos, é produzida pela observação dos phenomenos naturaes, e serve-lhes até de ponto de referencia e norma de proceder na vida. O feitiço do indio é gerado pelo intraduzivel espanto que elle experimenta em face da realidade.

Não tivera ainda tempo o nosso indigena para fixar e estabelecer referencias exactas entre o que via e o que suppunha ver. Confundia, no mesmo pavor, as causas e as apparencias das cousas. Povoava as solidões de seres mysteriosos, cada qual armado de poderes sobrenaturaes e prompto para vencer o homem mais afouto. A theogonia das raças brasilicas, se assim podemos denominar as creações instinctivas

do terror cosmico, basea-se na idéa do castigo. A familia tupi-guarani, ramo degradado dos povos superiores da America, e ainda na idade da pedra polida, não poderia patentear altas concepções theogonicas.

Adorava o indio tres entidades soberanas: *Guaracy* — o sol — mãe do reino animal; *Jacy* — a lua — mãe do reino vegetal, e *Rudá* ou *Perudá*, divindade protectora do amor e da procreação. Ao redor de *Guaracy*, e submettidos á sua influencia, agrupavam-se outros espiritos menores, como sejam: *Anhangá*, especie de veado branco, de olhos flamivomos, a quem competia a defesa dos animaes, no seio das florestas; *Guirapurú*, que, sob a forma de uma ave, protegia os passaros; *Uauyára*, o boto fluvial, a quem se confiava a custodia dos peixes nos rios e nas lagôas; e o *Cahapora* ou *Caipora*, gigante pelludo e escuro, que, montado em um desconforme caetetú, ou porco do mato, guardava a caça meuda, as cotias, as pacas e os macacos arditilosos.

Tinha *Jacy* ás suas ordens o *Sacy-Cerêrê*, ou *Perêrê* ou *Sapêrê*, representado por um selvicola de pequena estatura, com um barrete encarnado á cabeça

e, apesar de côxo, endiabrado como um trasgo do bestiario gothico. Este *Sacy* é, com os diabinhos do inferno medieval, o tormento das crianças brasileiras que, mercê do contacto com as amas e servos mestiços, desde cedo aprende a temel-o, com a mesma credulidade docil do incola. Além d'elle, prestavam obediencia á *Jacy*, o *Corupira*, semelhante ao kobold da lenda germanica, figurado por um indio nanico, de pés reversos, o corpo inteiramente fechado do pescoço para baixo, e cuja missão é a de zelar pelas florestas, onde perde e desencaminha os que maltratam as arvores e as plantas; o *Mboitatá*, ou cobra de fogo, que vingava com a morte o incendio inutil dos campos, e o *Uratáu*, alcunhado vulgarmente *Mãe da Lua*, ou *Whip poor Will*, nas Guyanas, que é um tabú para a honra das mulheres virgens, cujas rêdes são forradas da sua plumagem.

*Rutá*, o deus do amor, merecia, porém, a predilecção das nossas indias. Ha, entre outras, uma oração guarani, com que as amantes ciumentas ou sem ventura, costumavam invocal-o, ao por do sol, ou quando *Cairé*, a lua redonda, da corôa dos morros, vertia sobre os ermos a sua

luz dubia e gelada. Vale mencionar no original essa deliciosa canção, ingenua e genial como todas as cousas primitivas.

Figurae a joven enamorada, com a sua cabeça pequenina, o rosto ovalado, os olhos negros cortados em feitio de amendoa, os pés e as mãos muito breves, núa como a Eva genesica. Estende-se-lhe em torno a mataria das caatingas immensas. Tudo está quieto, e o enorme, o envolvente silencio dos sertões, que o selvagem apelidou onomatopaicamente de kirirí, pesa sobre as ocas das tabas. Sómente os sapos, os ratos-corrós, as corujas e os morcegos quebram, a espaços, o torpor do ambiente. No aldeamento, deserto de homens validos, as mulheres, os velhos e as crianças confundem as vozes timidas ou alquebradas. Todos os guerreiros partiram, com as suas compridas lanças de arremesso, os seus tapapes e os seus arcos pesados. E, entre elles, lá se foi para o horror dos combates com o barbaro tapuio, aquelle a quem a india amorosa entregou o seio perfumado pela fava do cumarú. Ah! seria crível que nunca mais, ao balanço da rêde, sob o docel das robustas cajazeiras, elles se beijassem docemente? E, consoante o ritual,

o braço direito apontado para a distancia em que o amante desapparecera, a india soluça um canto prolongado, profundo, num rythmo sereno:

Rudá, rudá,  
Iuáka pinaié,  
Amaña reçaíçu..  
Iuáka pinaié,  
Aiueté Cunhã  
Puxiuéra oikó  
Ne mumanuára ce recé  
Quahá caarúca pupé.

Esta prece dos tupis, colhida pelo ethnologo Couto de Magalhães, foi pelo mesmo assim vertida:

Ó Rudá, Rudá,  
Tu que estás no céu,  
E que amas as chuvas,  
Tu que estás no céu..  
Faze com que elle  
Por mais mulheres que tenha  
As ache todas feias;  
Faze com que elle se lembre de mim esta  
tarde, quando o sol se ausentar no  
occidente (1).

(1) Couto de Magalhães. *O Selvagem*. pg. 159. 2.<sup>a</sup> ed. 1913.

São do mesmo têor os exemplares, infelizmente escassos, da nossa poesia selvagem. Desprende-se della um mysticismo grave, feito de terror e paixão, onde a alma do guarani deixava extravasar as maguas reconditas. É interessante referir, segundo o testemunho de F. Denis, que alguns desses cantos, apesar do seu sabor de fruta silvestre, conseguiram agradar ao paladar do subtil Montaigne, quando lhe foram communicados pelo senhor de Ville-gaignon, ao voltar este do Rio de Janeiro, em 1559. E adeanta o citado Denis, que os conceitos de Montaigne, no Livro Primeiro, Capitulo 54, dos «Ensaio», acerca da poesia popular, «qu'on nous rapporte des nations qui n'ont cognoissance d'aucune science, ny mesme d'escripture», lhe foram suggeridos pelos versos dos nossos tupis, affirmação digna de credito, porquanto, em mais de um lanço da sua obra, o desencantado «humourista» francês do XVIº seculo, honra o Brasil nascente com algumas citações. 1

Não possuia o tupi, á guisa do azteca

(1) Vid. Afranio Peixoto. *Princípios Literas* ed. Annuario do Brasil. Rio.

e dos grandes povos americanos, *folklore* capaz de emparelhar com os do Mexico ou do Perú. Falando lingua menos rica e mal-leavel que as do Mexico, da America Central e da cordilheira andina, vivendo em bandos irregulares, sem rei nem lei, o indio brasileiro deixou de si vestigios de significação incomparavelmente inferior aos legados por seus irmãos continentaes. Conseguiram os nossos especialistas salvar, todavia, uma consideravel porção de lendas e mythos, reveladores já de concepções elevadas.

A tradição oral guardou fragmentos de uma possivel *genese* tupi, herdada certamente de outras raças cultas, por onde se verifica a existencia de uma primitiva cosmogonia, entre as nossas tribus mais adeantadas. O Carú, dos mundurucús, por exemplo, é o mesmo Carú, dos Quichuas, tanto na essencia como nos attributos do seu poderio, infinito como o do Jeovah do Antigo Testamento. Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, o Visconde de Araguaia e varios outros indianistas nacionaes, asseguram que o nosso selvagem acreditava na immortalidade da alma, estribando-se, como prova do asserto, no facto de

serem os mortos sepultados com as armas e utensilios domesticos que lhes tinham pertencido. Deparam tambem as suas crenças vislumbres da metempsychose, e, provavelmente, de uma idade paradisiaca, em que os homens não conheciam o soffrimento, e viviam eternamente, na abundancia e na felicidade. É mister, entretanto, não aceitar sem detido exame muitas de taes conclusões, pois, a influencia das missões jesuiticas destemperou o character da mythologia indigena, acrescentando-lhe motivos christãos, embora ingenuamente mascarados <sup>1</sup>

O sabio Barbosa Rodrigues, na «Poranduba Amazonense»,<sup>2</sup> thesouro de contos, abusões e tradições selvagens, escreve que o indio via no firmamento o natural asylo da alma dos seus guerreiros mortos, cuja vida se perpetuava, assim, no

(1) Cf. M. Anton. *Antropologia de los pueblos de America anteriores a! descubrimiento*. Madrid. 1892. O. G. Brinton. *The American Race*. A. J. 1891. A. Reveille. *Les Religions du Mexique, de l'Amérique Centrale et du Perou*. Paris. 1885.

(2) J. B. Rodrigues. *Poranduba Amazonense*. Rio. 1890.

fulgor dos astros. São particularmente curiosas as lendas genéticas dos grandes rios e das constellações, do nascimento da noite e da formação dos elementos primordiales do Universo. A da origem do Sollimões — Sorimão u Ypirungau — nome que os tupis dão ao Amazonas, é um verdadeiro documento de empirismo scientifico, pois, se funda em um phenomeno tellurico, de onde surgiram as florestas e a immensa bacia potamographica da região amazense.

Refere a lenda que, havia muitos annos, o sol e a lua estavam noivos, embora não podessem casar-se, porquanto, se tal acontecesse, o mundo se acabaria, comburido pelo abrasado amor do sol ou inundado pelas lagrimas da lua. A lua apagaria o fogo; o sol faria evaporar-se a agua. Foram, então, obrigados a separar-se, cada um para o seu lado. Separaram-se. A lua chorou todo o dia e toda a noite, roçando as suas lagrimas por cima da terra até ao mar. O mar, entretanto, levantou-se irado em ondas bravias, e, por isso, as lagrimas da lua não poderam misturar-se ás aguas do mar, correndo meio anno para cima e meio anno para baixo. Das la-

grimas da lua nasceu, então, o Amazonas.

Corre entre os pamarys, moradores em cidades fluviaes e lacustres, uma versão do dilúvio, que alguns anthropologos, apoiados em informações de viajantes e jesuitas, como Herrera e Ovalle ou Saldanha e Vasconcellos, têm por fortemente enraizada na imaginação do incola. Parece-me, porém, tanto se assemelha á narração do *Genese*, que é fruto da cathequese, muito embora tenham querido certos autores encontrar no *Tamandaré* brasileiro uma réplica do Noé biblico. Merece referencia, contudo, a moralidade que os pamarys tiraram do castigo. Julgareis, porventura, que se arrependeram das suas faltas? Ao contrario. Concluíram pela necessidade inadiavel de edificar as suas casas sobre os rios, «para quando as aguas crescessem nós com o rio subirmos» — *maá recé u y munhan ramé iuire paraná yá iupire arama paraná irumo*<sup>1</sup>.

A *Tapera da Lua*, onde se procura explicar o nascimento de Jacy, é de mui delicada poesia. Resumiu-a, desta arte, no

(1) J. B. Rodrigues. Obra cit pag. 214.

seu estilo de mel e madresilva, o nosso Affonso Arinos:

«No tempo em que as amazonas andavam ainda pelas margens do seu grande rio, havia uma tribo de indios, cuja aldeia ficava junto de uma lagôa tranquillã, nas fraldas da serra chamada então do Taperê e hoje do Acunan.

«Uma guerra infeliz reduziu a tribo a dois sobreviventes, irmão e irmã, dos mais bellos da sua raça, que ficaram sozinhos no alto da montanha.

«Então, disse ao irmão a irmã:

« — Ó meu querido irmão! Como és homem e forte, ficarás aqui no alto do Taperê, enquanto eu desço á nossa aldeia, ás margens da lagôa. Armei tua rêde nos castanheiros e deixei ao lado as minhas lindas flechas. As flores das parasitas que crescem nos ramos suavizarão o teu sono com o seu aroma. Adeus!

« — Adeus, até quando?»

« — Até quando te acordarem os mais bellos passaros, cantando á luz da manhã.

«É a india desceu com o passo incerto, os olhos tristes de veada ferida, mostrando na estranha pallidez um aperto no coração.

«Ao entardecer, seu corpo leve de adolescente baloiçava na rêde selvagem, ataviada de pennas multicores, que os raios do sol poente irisavam. Ennoitou-se a aldeia, e já o oitibó tinha sahido do seu esconderijo, quando a moça, tremula, offegante, arrastada por uma força estranha, procurou o caminho da serra, em demanda da rêde armada nos castanheiros.

«Ella sentiu amor!..

«Ninguem conhecerá o segredo desse meu tormento! suspirava ella. Amal-o-ei na tieva; serei de dia sua irmã!

«Tres vezes a india apaixonada subiu a montanha e tres vezes voltou á deserta aldeia, escondendo na solidão e no negrume da no'ite o segredo do seu criminoso amor.

«Mas, na ultima vez, o moço gentio, querendo desvendar o mysterio, usou de um estratagema: tingiu o rosto com as tintas do urucum e do genipapo, que vicejavam ali, para marcar a face da cauta vizitante, ao primeiro beijo.

«E quando, ao nascer do sol, já na sua aldeia, á margem da lagôa, a moça enamorada foi mirar-se no espelho das aguas — horror! — viu no próprio rosto as manchas negras do seu crime.

«Então, salta sobre o arco, toma das setas de combate, e despede a primeira para o céu. Outra a seguiu e mais outra e outra e — ó milagre dos genios que habitam as montanhas azues: — uma longa e aerea cadeia se formou como uma escada de flores, convidando-a a subir aos páramos.

«Ella subiu e transformou-se em Lua. Desde então, triste e solitaria, errando pelo espaço, mira-se nas aguas da lagôa, na corrente dos rios e nas vagas do mar, a ver se ainda tem as manchas do rosto»<sup>1</sup>.

Para terminar o cyclo das lendas cosmogonicas, é mister citar ainda uma, em que o selvagem narra *como a noite appareceu*. Pondo de lado a melancolica belleza do seu conteúdo, ha que apreciar principalmente nella, o ensinamento de uma alta moralidade. Alude-se ahi claramente, como observa Couto de Magalhães, a uma era venturosa, semelhante á que desfrutaram no Eden as duas figuras symbolicas da Biblia. Todas as cousas eram animadas por

(1) A. Arinos. *Lendas e Tradições Brasileiras*. pag. 27.

uma intelligencia sùtil, e o sol jorrava perennemente um chuveiro de raios dourados sobre a terra. A curiosidade, entretanto, faz o homem infeliz, mais uma vez. E o soffrimento caç sobre o mundo:

«No principio não havia noite. Era dia por todo o tempo. A noite estava adormecida no fundo das aguas. Não havia animaes, e todas as cousas falavam.

Contam que a filha da Cobra Grande se casara com um moço.

Tres servidores fieis lhe prestavam vassalagem. Um dia, disse-lhes o senhor: — ide passear, porque minha mulher não quer dormir commigo.

Depcis que os creados partiram, elle rogou á mulher que adormecesse no seu regaço amoroso. Mas a filha da Cobra Grande assim lhe respondeu:

— Ainda não é noite.

Tornou-lhe o joven: — Não ha noite. Sómente ha dia.

Retrucou-lhe a moça: — A noite está com meu pai. Se queres que eu entre no calor da tua rêde, manda busca-la, no grande rio.

Receberam então os servos a incum-

bencia de trazerem a noite. Logo que chegaram á casa da Cobra Grande, esta lhes entregou um caroço de tucuman muito bem fechado, prevenindo-os, porém, de que o não abrissem, sob pena de se perderem todas as cousas do Universo.

Dentro da veloz igarité, que os levava sobre o rio, onde vinha debruçar-se a ramaria cheirosa dos folhudos nambuys, e onde brincava o reflexo luminoso do firmamento, ouviram os tres servos estranho rumor. O côco de tucuman estava cheio de vozes mysteriosas: era o ruido intermitente dos grilos, que trilam nas hervas do chão, e dos sapos, que, escondidos no tijuco dos igapós, coaxam á sombra das canaranas roliças.

Um delles, mais curioso, propoz que se examinasse a causa daquelle continuo murmurio, ao que se oppuzeram, temerosos, os companheiros.

E, outra vez, mergulharam na corrente os compassados remos, num rythmo equal e monotono, por entre as veias claras da espuma.

Mas o especioso côco de tucuman não lhes sahia da imaginação. Que barulho seria aquelle?

Quando já haviam remado longamente, não se contiveram mais, e, reunindo-se no meio da canôa, accenderam fogo, derreteram o breu que o selava, e abriram o côco de tucuman.

De subito, anoiteceu nos ares. Em casa, a moça disse ao marido: — Elles saltaram a noite. Vamos esperar a madrugada.

Então, nos matos desértos, os Jagartos e as corças começaram a correr e a pular, as folhas das arvores se transformaram em passaros, as onças urraram na espessura dos bosques; e, das cousas que estavam espalhadas pelo rio, revoaram patos e marrecas, e saltaram peixes ageis e nervosos.

Quando despontou a estrela d'alva, disse ao marido a filha da Cobra Grande: — Vem rompendo a manhã. Vou dividi-la da noite.

Enrolando um fio, ella exclamou: — Tu serás cojubin. Assim fez ella o cojubin, pintando-lhe, com tabatinga, a cabeça de branco, e as pernas de vermelho, com urucú. «Cantarás para todo o sempre, quando a aurora vier raiando» — ordenou-lhe a india.

Trançou, depois, outro fio, sacudindo-lhe um punhado de cinza, e falou: «Tu

serás, inambú, para cantar nos diversos tempos da noite, e de madrugada.

D'ahi para cá, todos os passaros cantaram nas suas horas, e no arrebol matinal, para alegrar o nascer do día.

Quando os servos tornaram, queixou-se o moço:

— Não fostes fieis. Abristes o carço de tucuman, soltastes a noite e as cousas todas se perderam.

E os servos, mudados em macacos, treparam pelos galhos do arvoredó.

Eram os nossos índios, também, bons fabulistas espontaneos. Nos seus apólogos a força é vencida pela esperteza, o instincto sobrepuja a bruteza. O seu animal preferido é o jaboti. São tão notaveis as partidas deste, que nem o Caipora consegue evital-as. Os felinos temerosos são batidos por elle, e ha nas suas façanhas sempre um ensinamento e um exemplo. A raposa de Esopo encontra no jaboti um emulo brilhante, se não até um mestre ainda mais solerte na arte de viver.

## A SENSIBILIDADE AFRICANA

Em curtas fabulas de proveito e escarmento se resume, principalmente, o acervo dos contos de origem africana, correntes no Brasil. O talento do negro, nesse particular, corre parêlhas com o do gentio. Os pretos fazem, também, a apologia da ladinice e da velhacaria. No conhecido apólogo da Onça e do Gato transparece, por exemplo, uma prudente lição de sabedoria. Na singeleza da sua linguagem, contam elles assim:

«A onça pediu ao gato para lhe ensinar a pular, e o gato promptamente lhe ensinou. Depois, indo juntos á fonte, encontraram lá o calangro, e então disse a onça para o gato: — «Compadre, vamos ver quem de um só pulo pega o camarada calangro?»

— Vamos, assentiu o gato.

— Só você pulando adiante, tornou a onça.

O gato pulou em cima do calangro,

a onça pulou em cima do gato. Então, o gato pulou de banda e se escondeu. A onça ficou desapontada, e, resmungou: — «Assim, compadre gato, é que você me ensinou? Principiou e não acabou...»

O gato respondeu: — «Nem tudo os mestres ensinam aos seus aprendizes...»<sup>1</sup>

Nesta curta mas admirável pagina se depara uma profunda compreensão das cousas deste mundo, e o gato, tido por indiferente e preguiçoso, perde aqui ás suas qualidades vulgares, para se converter em um matreiro e caviloso politico...

Em virtude das numerosas raças negras e negroides que se misturaram na labuta do captivo, é impossivel determinar entre ellas um typo geral ou médio de capacidade creadora.<sup>2</sup> Sem falar no seu valioso concurso economico, trouxe-nos o africano a cordura, a simplicidade, a coragem resignada para affrontar as maiores misérias, e o sensualismo capitoso, transbordante dos sentidos aguçados. Se o por-

(1) Sylvio Romero. *Contos Populares do Brasil*.

(2) Vide: Antonil — *Cultura e Opulencia do Brasil*. Perdigão Malheiro — *A Escravidão no Brasil*. Sylvio Romero *H. Lit. Bras.* 1.º vol.

tuguês nos herdou a energia e o índio a plasticidade da imaginação, influio o africano em nosso caracter pela ardente sensibilidade.

Embora, intellectualmente, se mostrasse inferior ao lusitano e ao índio, não possuíam estes, em compensação, a opulencia dos rythmos do seu desenho melodico e a variedade numerosa dos seus timbres coloridos. Sua musica instrumental é aperfeiçoadissima, em relação ao estado de cultura em que elle se encontrava. De ouvido apurado e vozes malleaveis, os negros transmittiram ao nosso mestiço, cantador por excellencia, o habito das serenatas e dos desafios, que se desenrolam horas e horas, sem que se cansem os contendores. Narram os capitães negreiros, os exploradores africanos e os nossos antigos chronicistas que o escravo se desforrava das suas penas, dansando e cantando, allucinadamente, ao som do tan-tan e das marimbas nostalgicas.

Ainda no seculo findo, durante os festejos de Reis ou de S. Pedro, era commum ver-se, ao fagulhar das fogueiras, nos sitios do interior, executarem os captivos complicados giros choreographicos, sem

desalento nem frouxidão. Rodavam, assim, em prolongada vigilia, até se quebrarem as barras do dia, negros de musculosos corpos, de cintura estreita e amplo thorax, e crioulas de seios rijos, quadris de fino desenho e tornozelos delgados.

A resistencia physica do negro foi salutar na formação do nosso paiz. Onde qualquer outra raça forçosamente succumbiria, os mandingas de olhar vivo, os jalofofos, bons para o mar, os truncudos Yorubas e Bailundos, capazes de arrancarem da terra uma palmeira nova, os Cabindas, Libolos e Banhanecas, excellentes agricultores, conseguiram amanhar o solo e supportar o clima dos tropicos. Essa espantosa solidez muscular operava milagres, quando, em longas cerimonias festivas, se divertiam elles no frenesi dos lundús, batuques, jongos e caterêts. Nada poderá evocar mais intensamente as antigas fazendas do centro e do sul do nosso paiz, hoje frequentadas por automoveis e illuminadas a electricidade, que um desses bailados ruidosos.

Supponde que estamos em vespera de S. João, por um anno remoto do seculo XIX. No casarão senhorial, caiado de bran-

co ou amarelo claro, com as largas venezianas e as portas de bandeiras curvas, pintadas de verde ou azul, os convidados de honra do fazendeiro conversam, e a frente da larga mesa coberta de vitualhas, doces e vinhos abundantes, enquanto, no espaçoso salão de visitas, giram rapazes e raparigas nas voltas da valsa ou dos lances. Ao espoucar das ronqueiras, das bombas e dos foguetes, ri-se e folga, no pateo, a meninada irrequieta.

Só as selvas e as serranias, mergulhadas na doce paz noturna, ficam indiferentes ao tumulto circunstante.

Ouve-se, entretanto, apesar dos estrondos e da gritaria, dos pinchos bulhentos e do vozeio febril, um confuso ruído de cantilenas arrastadas, de palmas e caixas regularmente percutidas. Brilham, longe, á margem do rio, tochas de resina fumarenta, que, de vez em vez, illuminam vultos e sombras movediças.

É o samba.

Num largo circulo, de cócoras na terra fôfa, batendo as mãos em compasso e cantando lascivamente, enfileira-se a escravaria de ébano. A um canto, empunhando pedaços de madeira, á laia de massanetas

de bombo, rufam os musicos, em barrilotes vasilios, uma violenta pancadaria, entrecortada pelo chocalhar de guisos e ganzãs e pelo som tympanico de tamborins, adufes, pandeiros e pandeiretas guarnecidas de soalhas retinintes. Ao centro do terreiro, bamboleando serenamente as ancas bem talhadas e o corpo de bronze, num ligeiro tremor dos pés, das mãos e da cabeça, volteiam os pares, lepidos, ginguando. À medida que o rythmo se acceléra, os membros vão num requebro crescente, attingindo, por vezes, uma quantidade incrível e prodigiosa de movimentos céleres e sempre repetidos com segurança. Um delirio colectivo se apodera de espectadores e dansarinos, e um turbilhão de sonoridades opulentas, de gritos, estrondos, estrupidos, assobios, vaías e gemidos, paira como que suspenso no ar carregado de aromas excitantes.

## O CARACTER BRASILEIRO

Da fusão desses tres elementos primordiales, surgiu o typo do brasileiro his-

torico, typo de tamanha resistencia, que poude supportar, sem perder as caracteristicas, e até absorver, melhorando cada vez mais no aspecto e na intelligencia, os elementos estranhos provenientes da immigração de italianos, allemães, polacos, russos, syrios e arabes, que principiaram a mesclar-se com elle, do seculo XIX em diante. Nos centros de maior caldeamento, como no Estado de São Paulo, é facil verificar o dominio exercido pelo natural sobre o colono, cujos filhos rapidamente se adaptam ás condições do meio, entrando automaticamente para a grande communhão brasileira.

Descontadas certas variantes de menor significação, podemos distinguir nessa massa ethnica e social duas especies definidas: a sertaneja e a praieira.

O homem do sertão é sobrio, enxuto de carnes, desconfiado e supersticioso, raras vezes aggressivo, subito nos seus arremesses, calado como as immensas planicies em que nasceu, calmo no gesto e na fala descansada, e sobretudo, e antes de tudo, forrado de intraduzivel melancolia, que lhe flue dos olhos, da face carrancuda, do sorriso esquivo, de toda a sua expressão,

de todas as curvas rispidas do seu corpo agil, feito de aço flexivel.

«Falta-lhe a plastica impeccavel, o desempenho, a estrutura correctissima das organizações athleticas, refere Euclides da Cunha, em um dos baixo-relevos da sua epopeia famosa dos Sertões. É desgracioso, desengonçado, torto. Hercules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade timida dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quasi gíngante e sinuoso, apparenta a translação de membros desarticulados. Aggrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicencia que lhe dá um caracter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavallo, se soffreia o animal, para trocar duas palavras com um conhecido, cae logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sella. Caminhando, mesmo a passo rapido, não traça trajectoria rectilinea e firme. Avança celeremente, num bambolear caracteristico, de que parecem ser o traço geometrico os meandros das trilhas sertanejas. E se, na marcha, estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro,

ou travar ligeira conversa com um amigo, cae logo — cae é o termo — de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilibrio instavel, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridicula e adoravel.

«É o homem permanentemente fatigado.

«Entretanto toda esta apparencia de cansaço illude.

«Nada é mais surprehendedor do que vel-a desaparecer de improviso. Naquelle organisação combalida, operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o apparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadeiar das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Imper-tiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os hombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantanea, todos os effeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura do vulgar tabaréo canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto domina-

dor de um titan acobreado e potente, num desdobraimento surprehendente de força e agilidade extraordinarias.»

O homem do litoral, ao revés, é nervoso, de sensibilidade aguda, sabe sorrir e sabe rir, tem a imaginação brilhante e o pensamento travesso, é artista, prefere as imagens coloridas ás idéas abstractas, é esbelto, bem proporcionado de linhas, fala melhor quando improvisa, volteia sobre os assumptos com desembaraço, ás vezes com atrevimento, não respeita, em geral, senão as suas opiniões, e é quasi sempre orgulhoso e audaz<sup>1</sup>

Ha, todavia, no caracter de sertanejos e praieiros, um fundo commum de melancolico e voluptuoso fatalismo, que estes conseguem dissimular melhor. O sentimento das nossas creações populares, da nossa musica e da nossa poesia, é essencialmente elegiaco. A saudade, o terror e a resignação misturam as vozes lastimosas na toada plangente dos nossos cantares.

(1) Ct. R. de Carvalho. *Peq. Hist. da Lit. Bras.* 2.<sup>a</sup> ed. 1922.

A sorte nós bem sabemos,  
É tal qual uma mulher.  
Que quer, quando não queremos,  
Quando queremos, não quer.

Alma no corpo não tenho,  
Minha existência é fingida,  
Sou como o tronco quebrado  
Que dá sombra sem ter vida.

Parece troça, parece,  
Mas é verdade patente,  
Que a gente nunca se esquece  
De quem se esquece da gente.

Ha, entre muitas outras, uma quadrinha que os nossos trovadores cantam, ao repinicar das violas e ao lamentoso choro das flautas, que traduz perfeitamente a magua do brasileiro em face do mundo:

Mente quem diz nesta vida  
Muitos males ter soffrido.  
Só de um mal a gente soffre,  
É do mal de ter nascido.

Sem duvida, todos os povos se queixam, porque, nem sómente o riso é proprio do homem. O lirismo nostalgico do

brasileiro é, porém, de notavel singularidade. Porque somos tristes? Porque, nos jogos e nos folguedos, é artificial e provocada a nossa alegria? Na sua polidez cordeal e hospitaleira, na sinceridade, por vezes indiscreta, das suas opiniões, na colorida eloquencia da sua palavra improvisada, o brasileiro se conserva leal mas reservado.

Somos dominados, atraídos, fascinados pela immensidão da terra que, através de uma batalha extenuante, conquistamos, porém, não podemos sobrepujar inteiramente. A natureza no Brasil não esperava pelo homem, pois estava no espanto primitivo dos caatclismos e das transformações geológicas. Ha ainda hoje, no Amazonas, um phenomeno que illustra sobremodo este juizo. É o que os sertanejos chamam *terra caída*. Não ha episodio mais commovente, não ha drama que caracterize melhor a tragedia fundamental da nossa adaptação ao solo penosamente desbravado, que essa temerosa calamidade telurica.

Calculae, se é possível, as proporções deste sombrio painel. Depois de vencer os obices mais perigosos, depois de varar cachoeiras e percorrer alagadiços e

mangues, onde os jacarés passeiam o dorso ponteadado e as enormes sucuris desenrolam os aneis formidaveis, o homem brasileiro planta, á beira do maior rio do mundo, as estacas de uma povoação.

Dias a fio, luta, com o machado na mão, contra a floresta barbara. Investe com o tronco dos castanheiros possantes, põe ao chão as perobeiras majestosas, e, no espaço ganho pela sua energia, faz a selva recuar. Ajuda-o a mulher, auxiliam-no os filhos varões nessa empreza, em que o heroismo perde a sua condição de virtude sobrehumana, para se mudar em arma imprescindível a um combate sem brilho. Todos, ali, são heroes, por dever, por fatalidade, por força das circunstancias.

Pouco e pouco, ao redor do modesto e provisório taperí, ou da pobre palhoça, coberta com folhagens de ubí, vão apontando outras construcções rudes e pitorescas. Parentes, amigos ou conhecidos do primeiro povoador que ali aportou, vêm chegando nas suas «*montarias*», em levas crescentes, com a mesma disposição e o mesmo animo inquebrantavel. Com os seus instrumentos de incisão, os seus terçados, para cortar o mato, e as suas cuias, para

recolher o leite da borracha, os caucheiros assaltam os seringaes intactos. É o nucleo de uma futura cidade que se desenha. Vê-se as plantações recentemente semeadas. O milharal apendoado, mostra, em breve, as espigas douradas; o feijão, a mandioca, o inhame e os bananaes lastram por toda a parte. A vida, antes precaria, normaliza-se. Sorri nos lares hospitaleiros a abundancia feliz. A caça, o peixe, as frutas e raizes silvestres, as bebidas fermentadas enchem aquellas mesas toscas e prodigas. Mercê da fortuna e da tranquillidade de espirito, apertam-se os laços daquela sociedade embryonaria. De vez em vez, as violas e as sanfonas fazem vibrar os écos das solidões illimitadas, e o dolente lundú leva, nos giros languorosos, o descuido sertanejo.

E o homem confia no destino, no destino que provocou.

Mas a terra, minada subrepticamente pelas aguas amazonicás, ainda guarda o terror de uma surpresa — a ultima surpresa. Os deuses selvagens, humilhados e abatidos, vingarão o ultraje feito pelo branco. E, de repente, sem que ninguem o suspeitasse, num surdo rumor, a terra toda estremece, e rola, e se despenha; e se afun-

da no seio da caudal volumosa que se estende por mais de mil milhas arrastando no desmoronamento subitaneo homens, mulheres, crianças, animaes e plantas, numa vertigem irremediavel, num redemoinho monstruoso, de envolta com as gigantescas arvores, que um seculo de seiva não consegue defender da voragem. E onde o heroe combateu e sonhou, alarga-se o lençol espumoso da corrente, banhando selvas que estavam, minutos antes, afastadas dezenas de kilometros das aguas insidiosas.

É a *terra cahida*.

Diz o sr. Graça Aranha, na sua admiravel *Esthetica da Vida*, que, no espirito do brasileiro, tal é a maravilha da natureza em que elle se perde, ha a angustia do exilado em um mundo paradoxal. Nada mais justo que esta reflexão do nosso eminente escriptor. Em verdade, o brasileiro encontrou uma natureza áspera e pouco generosa para as creações do homem civilizado. Faz-se mister que elle a domine continuamente, para não ser absorvido por ella, como foi o indio, pois, ao menor descuido, a terra volta novamente a suffocal-o, na magia da sua exuberancia violenta e impiedosa. Se elle não permanece

vigilante e activo, a floresta vem ao seu encontro, e o abafa irremediavelmente, e o envolve nos seus tentaculos soberanos. «Parece que a natureza, no Brasil, foi surpreendida pelo homem, quando ainda se achava na elaboração de uma obra sem igual», affirma um penetrante ensaista, o sr. Mathews de Albuquerque.

Os trabalhos do homem brasileiro foram e têm sido de uma dureza sem par. Ao revés dos outros povos americanos, do platino, em suas coxilhas macias e faceis, ou dos mexicanos e peruanos, senhores já, no momento da colonização, de cultura requintada e opulenta, producto de raças disciplinadas, tivemos que construir pelos alicerces o edificio do nosso paiz. A historia dessa pugna tenaz está intimamente ligada á tragedia do nosso espirito, que a reflecte, nas suas multiplas trajectorias.

Está ahí, pois, a razão da nossa melancolia, mas ahí tambem reside o segredo precipuo do character firme e obstinado da nossa raça, que, em contacto frequente com os mais encontrados elementos ethnicos, trazidos pelas correntes migratorias do Mediterraneo, do Baltico e do Mar Negro,

**mantém, na sua inteireza, as qualidades que lhe são fundamentaes.**

**O Brasil é uma dadiua da terra, mas, como aquelle arco pesado e bello, forni-davel e gracioso do velho Odysseo, exige dos seus pretendentes uma disposição ener-gica e uma vontade sem desfalecimento.**

## **INDICE**



## INDICE

Bases da nacionalidade brasileira	9
Literatura brasileira	67
Arte brasileira	107
A psyche brasileira	169



**EDIÇÕES  
DO ANNUARIO DO BRASIL**



COLLECÇÃO EDUARDO PRADO  
(CENTRO D. VITAL)

*Serie A.*

Pascal e a Inquietação moderna — Jackson de Figueiredo . . . . .	4\$000
O Clero Nacional e a Independencia do Brasil — D. Duarte Leopoldo da Silva	4\$000
Ensaio de Critica Doutrinaria—Perillo Gomes	4\$000
Pelo Altar e pela Patria — Placido de Mello	4\$000
As duas Bandeiras (Catholicismo e Brasilidade) — Alcibiades Delamare	4\$000
A Theosophia — Perillo Gomes	5\$000
Affirmações — Jackson de Figueiredo — (a sahir).	

*Serie B*

Cheia de Graça — Durval de Moraes	4\$000
-----------------------------------	--------

*Serie C*

Julio Maria — Jonathas Serrano	5\$000
Auta de Sousa — Jackson de Figueiredo	2\$000

## ANTHOLOGIA UNIVERSAL

*(Volumes cartonados)*

- 1 — Manuel Bernardes — Historias varias.
- 2 — Soror Mariana — Cartas de Amor, nova restituição e esboço critico de Jaime Cortesão.
- 3 — José de Alencar — Iracema, edição prefaciada por Mario de Alencar.
- 4 — Almeida Garrett — Frei Luiz de Souza.
- 5 — Gonzaga — Lyricas (Da Marilia de Dirceu), prefácio e notas de Alberto Faria.
- 6 — Fernão Mendes Pinto — Em busca do Corsário.
- 7 — Carlos Dickens — Canto do Natal, tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 8 — Camões — Pensamentos, extrahidos das suas obras por J. Viana da Mota.
- 9 — Cervantes — Novelas exemplares (Cornelia — O cimento) tradução de D. Virginia de Castro e Almeida.
- 10 — Fernão Mendes Pinto — A Ilha dos Tesouros.
- 11 — José d'Alencar — Diva, pref. de Mario d'Alencar.
- 12 — Shakespeare — O Mercador de Veneza — tradução de J. Aroso.
- 13/14 — Imitação de Cristo — tradução do latim pelo P.e Valerio Cordeiro.
- 15/16 — Pensamentos de Marco Aurelio.

*No prelo*

Os melhores Sermões de Vieira, prefácio e notas de Afranio Peixoto.

A Moreninha, Joaquim Manuel de Macedo.  
Contos de Imaginação e mysterio — de Edgar  
Poe, trad. de Januário Leite.

Cada n.º — 3\$000; dois numeros  
em 1 vol. — 5\$000.

## SÉRIE LAEMMERT

Almanak Laemmert para 1924 — 4 volumes	80\$000
Diccionario Chorographico . . . . .	5\$000
Tarifa das Alfandegas . . . . .	10\$000
Memorial Fluminense para 1924 (Dois dias por pagina) . . . . .	5\$000
Apontamentos Diarios para 1924 (um dia por pagina) . . . . .	7\$000
Agenda Laemmert para 1924 — a melhor e mais pratica . . . . .	6\$000
Folhinha Laemmert para 1924 . . . . .	1\$500

## OUTRAS OBRAS

Os Reis da Belgica . . . . .	5\$000
● A Volta do Imperador—Carlos de Magalhães Azeredo . . . . .	3\$000
Ensaio, Tomo I — António Sérgio . . .	6\$000
Rememranças — Alfredo Varela . . . .	6\$000
Contos e Impressões — Mario d'Alencar . .	4\$000
Humilhados e Luminosos — Jackson de Fi- gueiredo . . . . .	3\$000
Urze do Monte — Mario Monteiro. . . .	4\$000

Nova Sapho (2. <sup>a</sup> ed.) — Visconde de Vila-Moura	5\$000
Figuras — Constancio Alves	4\$000
Obstinados — Visconde de Vila-Moura	3\$000
Alamêda Nocturna — Rodrigo Octavio Filho	3\$000
Italia Azul — Jaime Cortesão	5\$000
Fausto — Renato Almeida	5\$000
Historia do Rio Grande do Norte — Rocha Pombo	15\$000
Cousas do Tempo — Tristão da Cunha.	5\$000
Conversas — Coelho Netto	4\$000
Poesias — Raymundo Corrêa	5\$000
Atravez dos Estados Unidos — Gomes Leite	4\$000
Afonso Arinos — Tristão de Athayde	4\$000
Os Bastiões da Nacionalidade — Elyσιο de Carvalho	6\$000
O Suave Convivio — Andrade Muricy	5\$000
Sciencia do Criterio — Cesario Martins	5\$000
Epigrammas ironicos e sentimentaes — Ronald de Carvalho, edição em papel de linho	8\$000
A Igreja Silenciosa — Tasso da Silveira	5\$000
O Marquês de Pombal e a sua Epoca — Lúcio de Azevedo (2. <sup>a</sup> ed.)	10\$000
A Reacção do Bom Senso — Jackson de Figueiredo	4\$000
Cannaviaes — Alberto Deodato	4\$000
À Margem dos Livros — José Maria Belo	5\$000
O Génio rebelado — Afonso Lopes de Almeida	5\$000
Retalhos e Bisalhos — Eduardo Ramos	5\$000
O Livro de Tilda — José Vieira	4\$000
Ronda Crepuscular — Silveira Netto	4\$000

A Cruz de Guerra — Jorge de Castro	1\$000
Um crime da lei — Thomaz de Alencar	5\$000

## Obras completas de Cruz e Souza:

I—Poesias (Broqueis — Pharóes — Últimos Sonetos)	6\$000
--------------------------------------------------	--------

## II—Paginas de Prosa

O que tinha de Ser... (2. <sup>a</sup> ed.) — Mario de Alencar	4\$000
O Espelho de Ariel — Ronald de Carvalho	5\$000
Margara (Romance) — Matheus de Albuquerque	5\$000
Intelligencia das Coisas — João do Norte	4\$000
Idilios dos Reis, 2. <sup>a</sup> ed., com prefacio de Camillo Castello Branco — Alberto Pimentel	4\$000
Verbe Escuro, 2. <sup>a</sup> ed. — Teixeira de Pascoaes	4\$000
Terra Prohibida, 3. <sup>a</sup> ed. — Teixeira de Pascoaes	4\$000
Varnhagen — Celso Vieira	4\$000
Discurso Inaugural — Rocha Pombo	1\$000
Portugal Amoroso — D. João de Castro	5\$000
A Mulher — Emilia Sousa Costa	2\$000
As Grandes Amorasas — Sousa Costa	3\$000
Noites de Sabbado — Augusto de Lima	6\$000
O Problema da Imprensa — Barbosa Lima Sobrinho	5\$000
A Formação moderna do Brasil — Renato Almeida	2\$000
Seculo XX — Vina Centi	4\$000
D. Pedro II — Carlos Magalhães de Azeredo	3\$000
Questões de língua pátria — Xavier Fernandes	6\$000

Antonio Nobre — 2. <sup>a</sup> ed. — Visconde de Vila-Moura	4\$000
Folhas Historicar — Amilcar Marchesini.	5\$000
Pensamentos Brasileiros — Vicente L. Cardoso	5\$000
A Frauta que eu perdi (canções gregas) — Guilherme de Almeida	5\$000
Laureis Insignes — Elisio de Carvalho	5\$000
Episodios dramáticos da Inquisição Portuguesa, 2. <sup>o</sup> vol. — Antonio Baião	6\$000
Passiflora — José Felix	5\$000
Estudos Brasileiros 1. <sup>a</sup> serie — Ronald de Carvalho	5\$000

## CLASSICOS BRASILEIROS

## I — LITERATURA

1. PRIMEIRAS LETRAS (Contos de *Anchieta*; Dialogo de João de Lery; Trovas selvagens; Introduções de *Afranio Peixoto*. 5\$000
2. BENTO TEIXEIRA — *Prosopopéa* — Prefacio de *Afranio Peixoto*. 2\$000
3. DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL. Prefacio de *Capistrano de Abreu*.
4. BOTELHO DE OLIVEIRA — MUSICA DO PARNASO. Prefacio e notas de *Xavier Marques*.
- 5.-9. OBRAS DE GREGORIO DE MATTOS (quasi toda inédita: edição do III Centenario) 5 volumes.
  - I — SACRA, poemas religiosos
  - II — LYRICA, cantos de amor 5\$000
  - III — GRACIOSA, poesias diversas
  - IV — SATYRICA, satyra e humourismo
  - V — LICENCIOSA, versos eroticos

## A PUBLICAR

- O fundo da Gaveta — Rodrigo Octavio Filho
- Cartas á Gente Nova — Nestor Victor.
- Historia da Musica brasileira — Renato Almeida.
- Gil Vicente — Anselmo Braancamp Freire.  
(2.<sup>a</sup> ed. — no prelo).
- O Rio de Janeiro de 1821 a 1921 — Hermeto Lima.
- O Rio de Janeiro em 1922 — Ferreira da Rosa.
- Amphora de Argila — Jorge Jobim.
- Pedro Primeiro — Antonio Guimarães.
- Trabalhos de Jesus, de Frei Tomé de Jesus  
— revistos por Edgar Prestage e P. Valerio Cordeiro.
- Introdução á Historia de Portugal — A. J. Anselmo.
- Historia do Brasil — Rocha Pombo.
- O Reconhecimento da Independencia do Brasil — Hildebrando Accioli.
- Livro de Fabulas — Baltazar Pereira, com  
ilustrações de Correa Dias.





ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA TYPOGRAPHIA DO ANUARIO DO  
BRASIL, (ALMANAK LAEMMERT)  
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO  
AOS 28 DE JUNHO DE 1924





ULTIMAS EDIÇÕES  
Do ANNUARIO DO BRASIL

---

As Grandes Amorasas — Sousa Costa	3\$000
Noites de Sabbado—Augusto de Lima	6\$000
O Problema da Imprensa — Barbosa Lima Sobrinho	5\$000
A Formação Moderna do Brasil — Renato Almeida	2\$000
Seculo XX — Vina Centi	4\$000
D. Pedro II — Carlos Magalhães de Azeredo	3\$000
Questões da lingua pátria — Xavier Fernandes	6\$000
Antonio Nobre — 2.ª ed. — Visconde de Villa-Moura	4\$000
Folhas Historicas — Amilcar Marche- sini	5\$000
Pensamentos Brasileiros — Vicente L. Cardoso	5\$000
A Fruta que eu perdi (canções gre- gas) — Guilherme de Almeida	5\$000
Laureis Insignes — Elisio de Carvalho	5\$000
Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa, 2.º vol. — Antonio Baião	6\$000
Passiflora — José Felix	5\$000
Pensamentos de Marco Aurelio — tra- dução de D. Virginia de Castro e Almeida	5\$000

## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).